



CReD Design –O design como alavanca para a
sustentabilidade do território das Caldas da Rainha e Óbidos

Maria de Fátima Roque de Jesus Ferreira

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Gestão Cultural

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação do Professor Doutor José Luís de Almeida e Silva

Maio 2013



CReO Design - O design como alavanca para a sustentabilidade do território das Caldas da Rainha e Óbidos

Maria de Fátima Roque de Jesus Ferreira

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Gestão Cultural

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação do Professor Doutor José Luís de Almeida e Silva

Maio de 2013

CReO Design - O design como alavanca para a sustentabilidade do território das Caldas da Rainha e Óbidos

Copyright em nome de

Maria de Fátima Roque de Jesus Ferreira

ESAD.CR/IPL

A Escola Superior de Artes e Design do Instituto Politécnico de Leiria tem o direito arquivar, reproduzir e divulgar esta dissertação através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado e de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, em primeiro lugar, ao meu orientador, Dr. José Luís de Almeida e Silva, pela orientação, disponibilidade e valiosas contribuições para a concretização deste trabalho.

Aos entrevistados e a todas as entidades envolvidas, pela colaboração e disponibilidade mostradas.

À família, em especial aos meus irmãos, e amigos pelo apoio e incentivo.

A todos o meu reconhecimento e profunda gratidão.

Vista do espaço, a Lagoa de Óbidos sobressai no território desta região e liga fisicamente os concelhos das Caldas da Rainha e de Óbidos. Com características naturais ímpares e com uma importância relevante ao longo da História, a Lagoa poderá ser, no futuro, o elemento agregador para fazer emergir um território sustentável, tendo o design como ferramenta estratégica.

Subaproveitada nos tempos atuais, aquela que é uma das maiores lagoas com ligação ao mar que existe na Europa, poderá vir a ter um lugar de destaque com o projeto proposto, e criar emprego, riqueza, valor acrescentado e mais-valias com alta intensidade no conhecimento.

Tendo por objeto de estudo deste território, pretende-se desenvolver um projeto que, assente nos conceitos da criatividade e inovação associados ao design, possa contribuir para o desenvolvimento económico e social desta região, numa perspetiva de sustentabilidade.

Este trabalho faz uma “radiografia” do território, com uma caracterização do meio no que se refere aos dois concelhos e suas instituições, mas também faz uma ligação do território com as suas instituições e profissionais, através de entrevistas realizadas a empresários, designers e responsáveis políticos e da ESAD.CR. Esta abordagem pareceu-nos uma mais-valia para o estudo no sentido de dar a conhecer o que sentem e defendem os vários atores, permitindo assim obter alguns contributos para a definição futura de uma estratégia integrada para este espaço.

Procurámos também mostrar alguns bons exemplos internacionais feitos ao nível do design, com enfoque em cidades de diferente dimensão, desde Helsínquia, que foi Capital Mundial do Design, passando por algumas cidades do design reconhecidas pela Unesco e, Kortrijk, uma pequena cidade localizada na região da Flandres (Bélgica), que alia a criatividade, inovação e design.

Propomos um projeto cultural centrado no design que tem a Lagoa de Óbidos como elemento agregador, tirando partido da criação de um cluster criativo, que tenha enfoque nas indústrias criativas, que vão desde a criação de objetos e conceitos para a casa, à criação de food design com os produtos da Lagoa e cozinha de fusão e percursos pedestres. Deverá ainda também ser criada uma política de comunicação estruturada que inclua uma nova sinalética específica e um Centro Interpretativo Ecológico e de Ecodesign nas antigas cabanas dos pescadores, que permita um maior conhecimento biodiversidade existente na Lagoa.

Com o propósito de divulgar o trabalho já realizado, contribuir para o desenvolvimento do tecido empresarial e de novos produtos, e valorizar do território, julgamos que será importante criar uma bienal de Design Sustentável ou de Eco Design.

Acreditamos que o design é o valor diferenciador que trará valor e riqueza e esta região.

Palavras – chave: território, criatividade e inovação, sustentabilidade, desenvolvimento económico e social

ABSTRACT

Seen from space, the Óbidos Lagoon stands out within this region and physically connects the municipalities of Caldas da Rainha and Óbidos. With unique natural features and a great importance throughout history, the lagoon may be, in the future, the adding element to the emergence of a sustainable territory, in which the design is a strategic tool.

Underutilized in current times, what is one of the largest lagoons which connects to the sea that exists in Europe, is likely to have a prominent place in the proposed project, and create jobs, wealth, added value and capital gains with high intensity in knowledge.

Having this area as our object of study, we intend to develop a project that, based on the concepts of creativity and innovation associated with the design, that it can contribute to the economic and social development of this region, in a perspective of sustainability.

This work makes an "x-ray" of the territory, with a characterization of the environment with regard to the two counties and its institutions, but also makes a connection of the territory with its institutions and professionals through interviews with entrepreneurs, designers and politicians and ESAD.CR. It seemed to us that this approach was an asset to the study in order to make known what the various actors feel and defend, thus obtaining some contributions to the future definition of an integrated strategy for this space.

We have also sought to show some good international examples made in terms of design, focusing on cities of different dimensions, from Helsinki, which was World Design Capital, through some cities of design recognized by UNESCO and Kortrijk, a small town located in the region Flanders (Belgium), which combines creativity, innovation and design.

We propose a cultural project centered on design which has the Obidos Lagoon as an aggregator, taking advantage of the creation of a creative cluster, which would focus on creative industries, ranging from the creation of objects and concepts for the home, to creating food design with the products of the Lagoon and fusion cuisine and footpaths. There should also be created a policy of structured communication that includes new specific signs and an Ecological Interpretive and Ecodesign Center in the old fishermen's cottages, which would allow a better understanding of the biodiversity of the Lagoon.

In order to publicize the work already done, contribute to the development of the business and new products, and enhance the area, we believe that it is important to create a biennial or Eco Design Sustainable Design.

We believe that the design is the value differentiator that will bring value and wealth to this region.

Keywords - territory, creativity and innovation, sustainability, economic and social development

ÍNDICE

Copyright	ii
Agradecimentos.....	iii
Resumo	iv
Abstract	v
Índice	vi
Índice de figuras	vii
Índice de gráficos	vii
Índice de tabelas	vii
1 – Introdução.....	1
1.1 - Objectivo	2
2 – Metodologia de Investigação.....	2
3 - Estado da Arte	3
3.1- Enquadramento Teórico.....	3
3.1.1 - Criatividade, Inovação e Design	3
3.1.2. – Contextualização histórica do Design	5
3.1.3. - Design e sustentabilidade	10
3.1.4. - Cidades Criativas, indústrias criativas e Clusters criativos.....	13
3.2- Caracterização do meio:	17
3.2.1. Caldas da Rainha.....	17
3.2.2 - O concelho de Óbidos.....	25
3.2.3. – As instituições	38
3.2.4 – Ligação do território com as instituições e os profissionais	41
4 - Lições de experiências de cidades e territórios de baixa densidade com boas práticas ao nível do design sustentável.....	55
4.1. - Helsinquia	56
4.2. -Nagoya	58
4.3. - SainT Étienne.....	59
4.4. - Montreal	61
4.5. - Granville - Vancouver.....	62
4.6. - Kortrijk	63
5 - Desenvolvimento do projecto cultural	65
5.1. - Apresentação do projecto	65
5.2. - Fundamentação	65
5.3. - Denominação	66
5.4. - Missão	66
5.5. - Visão	66
5.6. - Valores	66
5.7. - Objectivos.....	67
5.8. - Etapas do Projecto.....	67
5.9. - Financiamentos	72

6 - Conclusões.....	73
7 – Referências bibliográficas	74

INDICE DE FIGURAS

Figura 1-Linking creativity, design and innovation (Hollanders & Cruysen, 2009)	4
Figura 2- Mapa de acessibilidades das caldas da rainha (Plural, 2011)	25
Figura 3- Mapa de Acessibilidades de Óbidos (CMO).....	35

INDICE DE GRAFICOS

Gráfico 1- Densidade populacional das Caldas da Rainha (adaptado de Censos 2011, INE) ..	18
Gráfico 2 – população residente em Caldas da Rainha (Adaptado de Censos 2011,INE)	18
Gráfico 3 - População residente por grupos etários (adaptado de censos 2011, INE)	19
Gráfico 4- População residente por nível de instrução (adaptado de censos 2011, INE)	20
Gráfico 5 - Densidade populacional de óbidos (adaptado de censos 2011, INE)	26
Gráfico 6 - População residente por nível de instrução (adaptado de censos 2011, ine)	26
Gráfico 7 - População residente por grupos etários (adaptado de censos 2011, ine).....	27

INDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Evolução do número de licenciados, por curso, por ano lectivo, na ESAD.cr (ESAD.CR, 2006)	39
---	----

1 – INTRODUÇÃO

Tendo por objeto de estudo o território que compreende os concelhos das Caldas da Rainha e Óbidos, pretende-se desenvolver um projeto que, assente nos conceitos da criatividade e inovação associados ao design, possa contribuir para o desenvolvimento económico e social desta região, numa perspetiva de sustentabilidade.

Óbidos é conhecido pelo seu castelo, património histórico e atividade cultural que desenvolve, e as Caldas da Rainha pela sua cerâmica, termalismo e pitoresca Praça da Fruta, que nos tempos atuais, continua a ser um local de ligação entre o rural e o urbano. O design poderá ser o elemento matricial no futuro, mas para isso terá que estar “ancorado” nas competências existentes na região e no seu potencial, de modo a que se crie, ou altere, modernizando e criando produtos e serviços de valor acrescentado.

Tendo por base este território, que já possui ligação ao design, ainda que não de forma estruturada, este estudo pretende fazer essa exploração mais cuidada do contexto, tentando criar uma unicidade. A aplicação do design passa pelo desenvolvimento de soluções que atendam a necessidades, mesmo quando o objectivo é inovar. Essas soluções trazem contributos no que diz respeito à criatividade, qualidade de vida, à competitividade e à sustentabilidade.

O presente estudo está desenvolvido em três etapas, sendo a primeira uma revisão do estado da arte. Nesta etapa é feito um enquadramento teórico da matéria, apoiado nas definições de criatividade e design como motores para a inovação. Segue-se um enquadramento histórico do design, desde as suas origens em Inglaterra, no século XIX, passando pela sua disseminação, durante o século XX em Portugal e na sua aproximação à sustentabilidade.

Ainda no âmbito da dissertação teórica são abordados os conceitos teóricos das cidades criativas, indústrias criativas e clusters criativos, numa lógica de ecossistema criativo. Tal como considera Guta Moura Guedes, presidente da Experimenta Design, as indústrias criativas trazem “mais valias sociais, económicas e culturais para o contexto onde se inserem e com um profundo e democratizador impacto”. (Guedes, 2009). A designer vê o design do século XX como um “sistema, uma matriz projectual, que permite analisar um contexto nas suas diversas dimensões, identificar problemas e criar respostas e soluções que conjugam vectores éticos, sociais, ambientais, económicos, estéticos e funcionais” (Guedes, 2009).

De seguida faz-se uma caracterização sócio-demográfica, ambiental, das infraestruturas e instituições dos concelhos das Caldas da Rainha e Óbidos, tendo por base os dados do Instituto Nacional de Estatística e informação dos respectivos municípios. A forma como o território é visto, vivido e pode ser potenciado, adquire diversas formas consoante os seus atores. Tendo por base entrevistas feitas a empresários, poder local e designers, é reportada a sua visão sobre o território e a relação entre este e o design e como pode o design contribuir para o desenvolvimento social e económico desta comunidade.

Numa segunda etapa são abordadas lições de experiências de cidades e territórios de baixa densidade com boas práticas ao nível do design sustentável. É feita referência a Helsínquia que, juntamente com as cidades vizinhas de Espoo, Vantaa, Kauniainen e Lahti, foi designada

Capital Mundial do Design durante o ano de 2012 pelo Internacional Council of Societies of Industrial Design, assim como às cidades de Nagoya, Saint – Etienne e Montreal, classificadas pela Unesco como Cidades do Design, e a Kortrijk, um território de baixa densidade localizado na região da Flandres (Bélgica), perto da fronteira francesa, e alia a criatividade, inovação e design.

Por fim, e tendo em conta o território das Caldas da Rainha e Óbidos, ligados fisicamente pela Lagoa de Óbidos é delineado um projeto cultural que tem aquele ecossistema como elemento agregador, tirando partido dos recursos endógenos da região.

1.1 - OBJECTIVO

Com este trabalho procura-se tirar partido do potencial da região e pessoas que nele habitam e pensar em soluções de design que possam contribuir para o seu desenvolvimento económico e social, assente numa perspetiva de inovação e sustentabilidade. Pretende também ser um contributo para a definição de uma estratégia de valorização comunitária.

Inspirados nos bons exemplos de outras cidades que atualmente se afirmam nesta área, pretende-se mostrar algumas propostas do que poderá ser feito neste território, que contempla os concelhos das Caldas da Rainha e Óbidos, ligados fisicamente e também com uma história comum. As propostas apresentadas resultarão também dos dados recolhidos com as entrevistas efetuadas com os agentes no território, nomeadamente responsáveis da ESAD, autarcas, designers e criativos.

O projeto cultural proposto terá em conta esses bons exemplos e pretende mostrar como o design poderá contribuir para o crescimento económico e social desta comunidade urbana contígua e revelar-se um valor acrescentado através do desenvolvimento de produtos e serviços, assim como um interface entre a arte e a tecnologia, como o empreendedorismo cultural aliado à sustentabilidade.

2 – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

Neste trabalho pretende-se abordar a forma como a aposta no design poderá valorizar o território e torná-lo mais atrativo. Numa primeira fase será feita uma contextualização teórica das temáticas do design, criatividade e inovação, tendo por base a pesquisa bibliográfica através da recolha de informação em bibliotecas (ESAD, biblioteca municipal, Cencal e Centro de Design de Interiores), assim como pesquisa online. São ainda recolhidas informações sobre os bons exemplos internacionais nesta matéria, com recurso a documentação escrita.

Numa segunda fase, de aproximação ao território, é feita uma caracterização geográfica, cultural e socioeconómica dos concelhos das Caldas da Rainha e Óbidos, bem como apresentados dados estatísticos destes dois concelhos e da evolução dos estudantes da ESAD.CR.

Segue-se um conjunto de entrevistas realizadas a responsáveis das duas autarquias (Caldas da Rainha e Óbidos), empresários, designers, criativos e a um elemento da direção da ESAD.CR.

A última parte deste trabalho consiste numa proposta para este território, de modo a desenvolvê-lo, de forma sustentada, nos diversos níveis: económico, social e cultural.

3 - ESTADO DA ARTE

3.1- ENQUADRAMENTO TEÓRICO

3.1.1 - CRIATIVIDADE, INOVAÇÃO E DESIGN

O conceito criatividade pode ser definido de várias formas, mas refere-se a trazer algo de novo ao que já existe. Charles Landry vê-a como uma espécie de desenvoltura multifacetada envolvendo a capacidade para avaliar e descobrir novas soluções para problemas ou circunstâncias intratáveis, inesperadas e incomuns. (Landry, *The Creative City*, 2000). Desde o início do século XXI que a importância e a abrangência da criatividade tem ganho um papel de destaque na sociedade e tem sido incorporada no discurso e prioridades políticas. Em 2009, a Comissão Europeia dinamizou a iniciativa “Ano Europeu da Criatividade e Inovação” que tinha como objetivo geral “apoiar os esforços dos Estados-Membros na promoção da criatividade, através da aprendizagem ao longo da vida, enquanto motor de inovação e fator essencial do desenvolvimento das competências pessoais, profissionais, empresariais e sociais e do bem-estar de todos os indivíduos da sociedade”¹.

Entre os objetivos específicos do Ano Europeu constava também a promoção do design enquanto atividade criativa que contribui significativamente para a inovação, bem como de capacidades de gestão da inovação e de gestão do design, incluindo a aprendizagem de noções básicas de proteção da propriedade intelectual (União Europeia, 2008).

Nesse sentido, e de acordo com Hugo Hollanders e Adriana van Cruysen, a criatividade e design são características importantes numa economia de conhecimento avançada, não apenas por ter um impacto favorável no bem-estar das pessoas e na performance económica, mas também porque fomenta a inovação. (Hollanders & Cruysen, 2009). O design é, de acordo com os especialistas do Maastricht Economic and Social Research and Training Centre on Innovation and Technology, “um processo estruturado que transforma ideias criativas em produtos, serviços e sistemas concretos, assim como liga a criatividade à inovação”. Sendo parte do processo de inovação, o design tem o potencial para contribuir substancialmente para melhorar a imagem de marca, vendas e proveitos de uma empresa. (Hollanders & Cruysen, 2009)

As competências criativas são importantes para todos os sectores e atividades económicas e não apenas para as indústrias criativas. De acordo com estes especialistas, a qualidade do

¹ Decisão N.º 1350/2008/CE do Parlamento Europeu e do Conselho de 16 de Dezembro de 2008

sistema de ensino, a capacidade das pessoas para se exprimirem de forma autônoma e a abertura da sociedade em relação aos outros países e culturas são determinantes para a existência de um clima criativo num país. E um clima criativo mais favorável é indispensável para assegurar mais ideias, mais criatividade, aumentar a capacidade de inovação e desenvolvimento e as atividades de design. (Hollanders & Cruysen, 2009)

Níveis mais elevados de criatividade estão relacionados com o aumento dos níveis de investigação e desenvolvimento e as atividades do design. De acordo com Hugo Hollanders e Adriana van Cruysen é evidente que a investigação e desenvolvimento, assim como o design, não só desenvolvem mais ideias, mas também moldam novos e atrativos negócios, com novos produtos e processos, isto é, incrementam a inovação. (Hollanders & Cruysen, 2009)

A criatividade e o design podem, assim, ser ligados à inovação como o primeiro contributo para a expansão de ideias disponíveis e, em segundo lugar, para incrementar a possibilidade de sucesso comercial dessas ideias. Um estudo de Swann e Birke² identifica três modelos diferentes de ligação da criatividade e design com a inovação. Um modelo linear mostra que a criatividade tem um efeito positivo na investigação e desenvolvimento que, por sua vez, tem um efeito positivo na inovação.

O modelo interativo não inclui apenas os efeitos entre os diferentes elementos do modelo linear, mas também reconhece a importância do design. A criatividade está diretamente relacionada com o design e este com a inovação. Já o terceiro modelo é o mais completo e coloca o clima criativo numa posição central. (Hollanders & Cruysen, 2009)

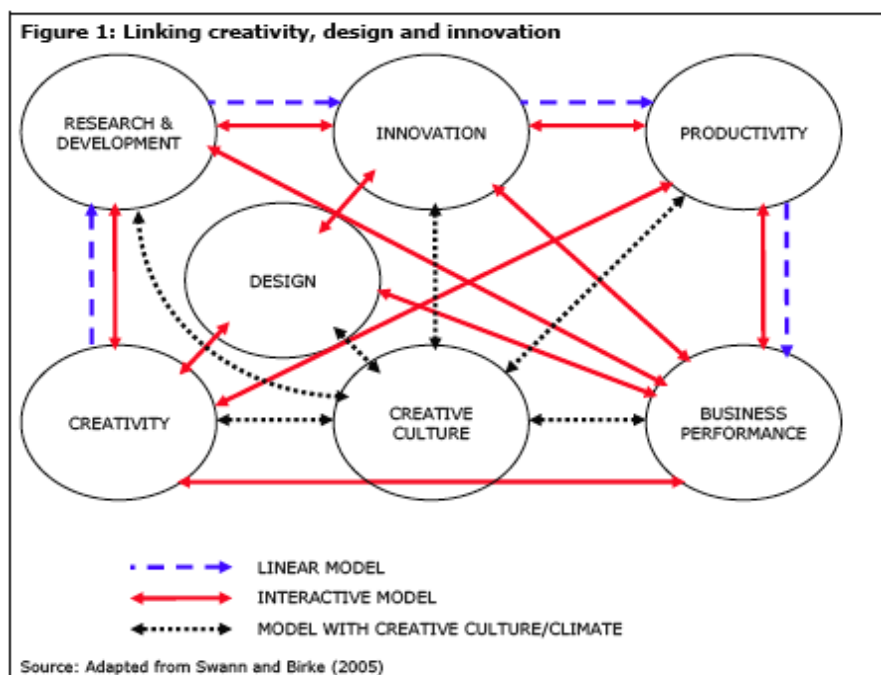


Figura 1-Linking creativity, design and innovation (HOLLANDERS & CRUYSEN, 2009)

² Realizado em 2005 para a DTI Strategy Unit e intitulado "How do Creativity and Design Enhance Business Performance? A Framework for Interpreting the Evidence"

3.1.2. – CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO DESIGN

As origens do design podem encontrar-se em Inglaterra em meados do século XIX, como reação ao processo de revolução industrial em curso. Era uma época de crescente convulsão, assente num debate essencial, de que a revolução industrial usurpava as funções tradicionais dos artistas e dos artesãos e constituía uma ameaça a combater, ou pelo contrário, significaria uma conquista.

Em 1851 realiza-se em Hyde Park, em Londres, a Exposição Universal. No Palácio de Cristal, um edifício feito em vidro e com uma armadura metálica, especialmente construído por Joseph Paxton, são expostos produtos tradicionais e manufaturas de todos os países, paredes meias com os avanços tecnológicos da época, como a máquina a vapor ou a imprensa hidráulica.

Um grupo de artistas ingleses, liderado pelo poeta e pintor William Morris e pelo crítico de arte e sociólogo John Ruskin, socialistas utópicos, tinha um movimento contra a industrialização, denominado “Arts and Crafts”, que pretende o retorno a um simbolismo medieval.

Em vários países europeus surgem escolas que tentam fazer uma simbiose entre as formas de ensino (artístico, artesanal, do design e da arquitetura) e procuram a reconciliação entre o artesanato tradicional e a produção mecânica. É desta forma que nasce a associação entre os artistas e a indústria, que mais tarde tomaria o nome de design.

A Bauhaus, fundada por Walter Gropius em Abril de 1919 e posteriormente encerrada pela ditadura nazi, permanece uma escola de referência nas artes de projeto e na conciliação entre técnica e estética. Mundialmente conhecida, esta escola marcou uma viragem histórica na forma como introduziu conceitos inovadores na pedagogia e na didática do ensino, e tem influenciado sucessivas gerações. Por ali passaram, como professores, figuras marcantes nas artes, como foi o caso de Feininger, Klee, Kandinsky, Schlemmer, Muche, Itten, Marcks, Moholy-Nagy.

No pós-guerra, o conceito de design industrial começa a universalizar-se, adquirindo uma importância fundamental nos processos de produção industrial.

O Design no século XX em Portugal

A procura de renovação das artes decorativas e os primórdios do design em Portugal em finais do século XIX e nos primeiros anos do século XX foram informados por uma ideia artística nacionalista apoiada nos recursos “pitorescos” do país a que Rafael Bordallo Pinheiro se refere no seu Álbum dos Pontos nos ii, dedicado à exposição universal de 1889. Para esse pitoresco na decoração contribuiu o predomínio das mantas normalmente usadas no Alentejo e no Minho, utilizadas como cortinados e apanhadas lateralmente por grandes caranguejos de louça das Caldas; bem como a recorrência do motivo ornamental das parras e dos cachos de uvas (também realizados em cerâmica das Caldas) que funcionavam como *leitmotiv* para essa mostra (Souto, 2000).

A arte nova surge no panorama nacional no início de novecentos no programa nacionalista e na obra dos seus representantes.

A decoração e o pré-design não tiveram grande expressão na década de 20, numa altura em que a herança da transição da Monarquia para a República não atualizou o gosto dominante, continuando as artes decorativas “morosas e anacrónicas”, no âmbito de um país maioritariamente rural e pouco industrializado (Santos, Anos 20, 2000). A oferta era artesanal e de pouca relevância plástica, destinando-se essencialmente ao mercado interno, sustentado por pessoas pouco esclarecidas. O historiador Rui Afonso Santos considera que houve tentativas pontuais de atualização do gosto, nomeadamente com o mobiliário anti-historicista apresentado por Leal da Câmara (1876-1948) em 1911, ou os cartazes, loiças e vitrais que Correia Dias (1892-1935) expôs em 1914, atento aos exemplos do grafismo germânico.

A pouco e pouco o gosto decorativo moderno foi entrando no dia-a-dia das pessoas. As artes cenográficas e do espetáculo acompanhavam esta mudança, impondo hábitos novos. Também devido a necessidades de higiene e conforto os gostos foram-se alterando e foram surgindo novas apresentações e até produtos com novos materiais, como é o caso dos móveis em contraplacado ou o folheado a madeiras exóticas.

Já na década de 30 registaram-se marcas de modernidade decorativa, com propostas de movimentos de vanguarda europeus. Em Portugal o médico e professor Bissaia Barreto desencadeou um original programa de equipamentos de apoio social, com preocupações de engenharia sanitária, aprendidas no estrangeiro.

As indústrias metalúrgicas foram as primeiras a responder a este novo mercado, como foi o caso da Metalúrgica Martins & Irmãos Teixeira /MIT (mais tarde Metalúrgica da Longra), que continuaria até à década de 60.

Por outro lado, esta originalidade não era possível nas exposições oficiais, onde a “estilização formal de elementos culturais do passado intervinha obrigatoriamente na arquitetura representativa de pavilhões e stands, prejudicados ainda nos seus interiores pela manifesta falta de unidade artística” (Santos, Percursos do Design em Portugal, 1999).

A política de isolamento internacional reforçava a substituição das importações por produção *made in* Portugal. A Associação Industrial Portuguesa promovia a sigla “PPP”- “Preferi Produtos Portugueses” e as empresas diretamente relacionadas com a construção civil registaram grande desenvolvimento, fruto da política de Obras Públicas do ministro Duarte Pacheco.

A António Ferro coube a tarefa de construir a imagem do Estado Novo e das virtudes do seu líder, Salazar, no âmbito das funções que exercia como diretor do Secretariado da Propaganda Nacional.

A grande Exposição do Mundo Português de 1940, comemorativa dos 800 anos da fundação da nacionalidade e 300 anos da restauração da independência, assinalou o apogeu do Estado Novo salazarista. O Secretariado Nacional da Informação, Cultural Popular e Turismo (Secretariado da Propaganda Nacional, em 1944, no âmbito da sua “Campanha do Bom Gosto” mostrou-se muito interessado em estimular a renovação das artes gráficas e da publicidade, e especialmente, da decoração, em consonância com uma ideologia nacionalista, assente na estilização folclórica e regionalista, refere o mesmo autor.

Em 1949 este organismo do Estado Novo promoveu o primeiro e único Salão Nacional de Artes Decorativas, lançando “infrutiferamente no ar a ideia de design ao reclamar a necessidade de aliança entre os industriais e os artistas, embora apresentando a insuficiência de uma produção manifestamente artesanal” (Santos, Percursos do Design em Portugal, 1999).

A II Guerra Mundial trouxe consequências difíceis de ultrapassar para o tecido industrial. Se, por um lado a indústria cresceu (protegida da concorrência externa), por outro, as dificuldades de importação de combustível, matérias-primas e bens de equipamento, levavam a novas unidades obsoletas e à impossibilidade de modernização das existentes.

Apenas os sectores mais enraizados conseguiram manter alguma estabilidade, mas sem a necessária atualização. Entre eles encontrava-se a indústria dos vidros, onde se registou um aumento do número de fábricas e também a generalização do uso das máquinas.

No centro ceramista das Caldas da Rainha este foi um período de estagnação técnica e de fraca inovação, onde o ensino ministrado na Escola Industrial e Comercial consistia um “esforço de resistência quase isolado” (Martins, 2000).

Em 1947 era fundada a Secla para dar resposta às encomendas do mercado americano, e que viria a proceder a mudanças, tanto ao nível das formas como das técnicas de produção, na cerâmica caldense.

Ao longo da década seguinte a Secla viria a consolidar o seu prestígio internacional, fazendo produção industrial em série de loiça utilitária e decorativa e tendo o “Estúdio”, destinado à criação de peças únicas ou produzidas em séries limitadas.

Embora com o regime consolidado e mais endurecido, a década de 50 trouxe perspectivas para o design em Portugal. A execução do I Plano do Fomento (1953-1958) e o desenvolvimento económico permitido pela abertura à atividade económica internacional³ levaram a novos estímulos à industrialização e, logo em 1952, a revista Arquitetura “reclamava a necessidade de escolas que preparassem tecnicamente os profissionais de exposições, pela primeira vez denominados “designers”. (Santos, Percursos do Design em Portugal, 1999)

Ao nível da arquitetura e equipamento, surgem novas formas de pensar, tendo por base que tudo o que é para uso deve ser eficiente, e o desenho da casa moderna é baseado em princípios de utilidade.

No final da década começou a haver no país uma maior consciência do papel do design e do designer na sociedade, abrangendo vários sectores, nomeadamente o das indústrias, dos projetistas e das instituições. Frederico George teve um papel fundamental na construção da disciplina do design. Foi enquanto bolseiro nos Estados Unidos da América que despertou para a importância do design e sua abrangente vocação. Na Escola de Artes Decorativas António Arroio, onde lecionou a partir de 1940, realizou a primeira experiência do ensino do design em Portugal, como prática globalizante e tendo por base os ideais de Bauhaus.

Prosseguiu o ensino da disciplina na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, onde ingressou em 1957, e também no seu atelier, com os seus colaboradores e alunos, nomeadamente

³ Através da adesão em 1959 à Associação Europeia de Comércio Livre

Daciano da Costa e António Sena da Silva, tendo nascido desta conjugação de esforços e interesses, a primeira geração de designers em Portugal.

Entre 1960 e 1962 Daciano Costa promoveu no seu atelier um curso de “Design Básico” e, em 1965, foi criado na Sociedade Nacional das Belas Artes, o “Curso de Formação Artística”, envolvendo profissionais de várias áreas do conhecimento artístico. Estas experiências pedagógicas seriam depois desenvolvidas, a partir de 1969, no IADE (Instituto de Artes Visuais e Design), naquela que foi a primeira escola portuguesa vocacionada para o ensino específico do design. Estavam assim criadas as condições para a formação dos jovens, com um “enquadramento teórico e disciplinar liberto das convenções do sistema académico, a que entretanto também se tinha acrescentado a possibilidade de formação no estrangeiro através de bolsas de estudo concedidas pela Fundação Calouste Gulbenkian”. (Tostões & Martins, 2000)

A crescente abertura do país ao exterior potenciava uma conjuntura político-económica favorável à assimilação das novas ideias também por parte das instituições públicas. Em 1960 é criado o Núcleo de Design Industrial do Instituto Nacional de Investigação Nacional, por iniciativa do engenheiro Magalhães Ramalho, que se empenha na afirmação do design a nível institucional.

As Exposições de Design Português, que se realizaram na FIL em 1971 e 1973, representam o resultado de uma década fértil no campo do design, onde era divulgada uma seleção do que se produzia no país, ao mesmo tempo que se fazia uma reflexão sobre a disciplina.

A revolução de 1974 assinalou o fim da ditadura do Estado Novo e pôs termo à guerra colonial, iniciando a transição para a democracia. A Associação Portuguesa de Designers, criada em 1976, promoveu em 1982 uma última exposição incluída no ciclo “Design & Circunstância”, numa altura de crise generalizada e perante já novos entendimentos do design.

O ensino oficial só reconheceu o design como disciplina autónoma com a criação, desde a reforma de 1975-1978, dos Cursos de Design nas Escolas Superior de Belas Artes do Porto e de Lisboa e, depois, das Escolas Superiores de Artes Decorativas das Caldas⁴, em 1988, de Matosinhos, em 1989, e da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva, em 1990. Dois anos depois concluíam-se o primeiro mestrado em Design no Instituto de Design da Universidade do Porto.

“As décadas de 80 e 90 poderão ser consideradas a grande época de expansão e de legitimação de um processo lento de incorporação social e dos designers na sociedade portuguesa”. (Lopes, 2000)

A adesão de Portugal à CEE, em 1986, a estabilidade política marcada por um governo de maioria absoluta e a melhoria do nível de vida, levou a uma nova fase da economia na segunda metade da década. Este contexto, aliado ao aumento do consumo privado, levou à

⁴ João Serra, investigador de História e membro da 1ª Comissão Instaladora da ESAD das Caldas da Rainha, refere em “Elementos do Processo de Criação da Escola de Arte e Design das Caldas da Rainha” que esta foi criada por decreto aprovado em Conselho de Ministros a 27 de Outubro de 1988 e publicado a 14 de Dezembro do mesmo ano. No decreto que criou a escola é referido que “em todo o distrito de Leiria existem várias indústrias que necessitam de um elevado conteúdo de design industrial e artístico”, destacando-se as indústrias de matérias plásticas, produtos cerâmicos e moldes.

expansão da produção e a um maior interesse pelo design, embora este ainda revelasse um grande atraso em relação ao panorama internacional.

Também em 1986 o ICEP lançou o concurso de design “Jovem Designer”, destinado a encorajar os estudantes de design a desenvolverem a sua carreira na indústria e promover o design em Portugal. Participaram também várias empresas, centros de formação e escolas, como é o caso do Cencal – Centro de Formação para a Indústria Cerâmica⁵, a Escola Superior de Belas Artes de Lisboa e a ESAD – Escola Superior de Artes e Design, depois da sua criação.

Dirigido cada ano a um mercado específico, o concurso começou por ter como destino o mercado espanhol. Em cada edição veio um especialista desse país para apresentação do programa, seleção dos finalistas e atribuição dos prémios⁶, através de um júri a que presidia, formados por professores, designers e industriais.

Em 1987 Vila Nova da Cerveira foi centro de uma nova experiência no campo do design nacional, com a criação do Grande Prémio de Design Artesanal de Vila Nova de Cerveira. Este galardão destinava-se a incrementar a produção criativa de objetos de raiz cultural portuguesa, tendo por tecnologia de base a cerâmica. Nesse mesmo ano foi também organizada uma exposição de design cerâmico contemporâneo e uma mostra de olaria portuguesa decorada, dos séculos XIX e XX.

O design gráfico era, nesta altura a área mais desenvolvida em Portugal, uma vez que o design industrial só se viria a afirmar depois da reestruturação industrial (feita maioritariamente nos anos 90). Estes anos produziram mais designers do que design e, mais que a produção, justificaram-se produtos. Como resultado deste processo focado na produção de autor, vão sendo produzidos objetos que são integrados em coleções internacionais.

O Centro Português de Design, instituído em 1985 mas cuja atividade só se iniciou em 1990, afirmou-se na ligação entre design e indústria, assim como na divulgação regular do design português em exposições internacionais promovidos pelo ICEP – Investimentos, Comércio e Turismo de Portugal.

A exposição Design/Lisboa 94, realizada no Centro Cultural de Belém, mostrou as diversas atividades, desde o design gráfico à moda e mobiliário, e inquietações dos designers portugueses. É a partir desta mostra que o design adquire uma maior notoriedade pública.

⁵ Desde 1986 que o centro de formação caldense colabora com o ICEP na parte formativa e de produção dos protótipos em cerâmica e madeira dos concursos Jovem Designer

⁶ Os designers convidados ao longo dos anos foram Isabel Tapia (Espanha-1986), James Kirkwood (Reino Unido -1987), Mariane Stockholm (Dinamarca - 1988), Lorenzo Porcelli (Estados Unidos-1989), Ambrogio Pozzi (Itália -1990), Tassilo von Grolman (Alemanha -1991), Peter Weeler (Reino Unido-1992), Tapio Yli Viikari (Finlândia - 1993), Ambrogio Pozzi (Itália-1994), Isao Hosoe (Japão-1995), Ingeregerd Råman (Suécia - 1996), Jorge Pensi (Espanha-1997), Tapio Yli Viikari (Finlândia-1998), concurso Jovem Designer Especial realizado com os vencedores dos anos anteriores – integrado na exposição "EXPERIMENTA" (Barcelona-1999), Ron Arad (Reino Unido-2000), Isao Hosoe (Japão- 2001) e Prof. Valentinitich (Áustria-2002)

O papel do design altera-se progressivamente na sociedade, passando a ser uma atividade específica com um campo de trabalho próprio e com uma inserção crescente na sociedade industrial, que vai absorvendo os jovens licenciados.

Esta aproximação às empresas, com estágios e exposições, tem possibilitado uma crescente integração do designer na qualificação dos produtos e na indústria.

“Não é seguro o caminho que o design português, na sua especificidade, tem vindo a fazer, mas são fortes os sinais das suas conquistas e permanência e a sua crescente identidade assegura-nos um sentido e uma inteligência própria e específica para a qualificação do nosso futuro quotidiano”. (Lopes, 2000)

O Ministério da Cultura, criado pelo governo socialista de António Guterres, fundou em 1995 o IAC – Instituto de Arte Contemporânea, que promovia trabalho de divulgação da arquitetura portuguesa no estrangeiro, nomeadamente com a exposição retrospectiva em Frankfurt e a dinamização da Bienal de Design de 99, promovida pela Experimenta, além da promoção própria de uma exposição de design itinerante.

Em 2003, já no governo de Durão Barroso é feita a junção entre o IAC [Instituto de Arte Contemporânea] e o IPAE [Instituto Português de Artes e Espetáculos].

Em 1998 é criada em Lisboa a Experimentadesign, uma associação cultural sem fins lucrativos, resultado de uma iniciativa da sociedade civil. “Dedica-se à contemporaneidade, explorando vários campos de criação artística e produção material e conceptual, assumindo o design como disciplina operativa e metodologia de trabalho”⁷. O seu projeto mais emblemático é a Bienal, que começou em 1999 e é dedicada ao design, arquitetura e criatividade contemporânea. Em 2008 extravasou, pela primeira vez, as fronteiras do país, tendo sido convidada pela cidade de Amesterdão a apresentar-se naquele país.

A próxima edição deverá decorrer, entre Setembro e Novembro de 2013, em Lisboa.

3.1.3. - DESIGN E SUSTENTABILIDADE

Um relatório da International Union for the Conservation of Nature and Natural Resources utiliza, pela primeira vez, o termo sustentabilidade como uma aproximação estratégica à integração da conservação e do desenvolvimento coerente com os objetivos de manutenção do ecossistema, preservação da diversidade genética e utilização sustentável dos recursos. (IUCN, 1980)

O conceito de desenvolvimento sustentável é colocado na agenda política em 1987, no Relatório de Brundtland, apresentado à Comissão Mundial da ONU sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (UNCED), onde é definido como o "desenvolvimento que satisfaz as necessidades do presente, sem comprometer a capacidade das gerações futuras satisfazerem as suas próprias necessidades". (WCED, 1987)

A noção de desenvolvimento sustentável tem implícito um “compromisso de solidariedade com as gerações do futuro”, no sentido de assegurar a transmissão do património capaz de satisfazer as suas necessidades. Implica a integração equilibrada dos sistemas económico,

⁷ <http://www.experimentadesign.pt/e/pt/0100.html>

sócio-cultural e ambiental, e dos aspetos institucionais relacionados com o conceito muito atual de "boa governação". (WCED, 1987)

O desenvolvimento sustentável pressupõe a preservação do equilíbrio global e do valor das reservas de capital natural; a redefinição dos critérios e instrumentos de avaliação de custo-benefício a curto, médio e longo prazo, de forma a refletirem os efeitos socioeconómicos e os valores reais do consumo e da conservação; e a distribuição e utilização equitativa dos recursos entre as nações e as regiões a nível global e à escala regional.

A sustentabilidade tem sido abordada, a nível internacional, por diversas vezes e têm sido tomadas decisões e feitas políticas para a sua implementação, como é o caso da Conferência das Nações Unidas do Rio, em 1992, de onde surgiu um plano de ação conhecido atualmente pelo nome de Agenda 21. Outros exemplos são a Carta de Leipzig sobre as cidades europeias sustentáveis (2007) que contém os princípios e estratégias acordados pelos estados-membros no que se refere à política urbana, ou mais recentemente, o Livro Verde sobre Coesão Territorial Europeia (2008).

Em Portugal existem dois documentos de referência, que são a Estratégia Nacional do Desenvolvimento Sustentável (ENDS) e a Proposta para um Sistema de Indicadores de Desenvolvimento Sustentável, aprovados em Resolução de Conselho de Ministros em 28 de Dezembro de 2006. O primeiro documento contém os domínios estratégicos rumo à sustentabilidade, as metas e os instrumentos sectoriais disponíveis, apostando já num conjunto de indicadores ambientais, económicos, sociais e institucionais. Estes indicadores a utilizar são concretizados no segundo documento, bem como as fontes de informação e a metodologia para o seu cálculo. Esta Proposta para um Sistema de Indicadores de Desenvolvimento Sustentável faz também a ponte com os princípios estabelecidos na Agenda 21 e faz um retrato da situação do país.

A Estratégia Nacional do Desenvolvimento Sustentável para o horizonte 2005-2015 pretende colocar Portugal num patamar de desenvolvimento económico mais próximo da média europeia, melhorar a posição do país no Índice de Desenvolvimento Humano e reduzir o deficit ecológico em 10%.

De acordo com Manzini, a introdução do termo "desenvolvimento sustentável" realçou que a promessa de um bem-estar baseado na continuidade do modelo de desenvolvimento dos países ricos e na emulação desse modelo para os países em desenvolvimento, ou subdesenvolvidos, não poderia continuar, pois o funcionamento desse modelo extrapolava a capacidade de recuperação dos ecossistemas e estava rapidamente a consumir o capital natural. (Manzini, Design para a Inovação Social e Sustentabilidade, 2008)

Por outro lado, considera o especialista, o conceito de "desenvolvimento sustentável" não fornecia nenhuma indicação a respeito de como deveria ser o novo modelo, apesar de ter como pressupostos básicos os princípios físicos e éticos da sustentabilidade.

Para Manzini caminhar para a sustentabilidade é o contrário da conservação, pelo que a preservação e regeneração do capital ambiental e social significará romper com as tendências

dominantes no que respeita a estilos de vida, produção e consumo, criando e experimentando novas possibilidades. (Manzini, Design para a Inovação Social e Sustentabilidade, 2008)

Tendo em conta que “projetar soluções sustentáveis significa definir um resultado e conceber os sistemas de artefactos necessários para atingi-lo”, Manzini refere que há que concebê-los e desenvolvê-los de tal forma que o consumo dos recursos ambientais seja reduzido e que as qualidades dos contextos de vida sejam regeneradas.

“A expressão Design para a Sustentabilidade (Design for Sustainability) deve ser interpretada como uma atividade de design cujo objetivo é encorajar a inovação radical orientada para a sustentabilidade, ou seja, conduzir o desenvolvimento dos sistemas sociotécnicos em direção ao baixo uso dos materiais e da energia a um alto potencial regenerativo. Efetivamente, para tomar esse rumo, precisamos de usar uma abordagem de design estratégico (e ferramentas de design estratégico). Dessa forma, a fim de chegar ao design para a sustentabilidade, entendido como design estratégico para a sustentabilidade, é necessário trabalhar através do design estratégico e de suas características, objetivos e modos de operação. Ou seja, conceber e desenvolver novas (e sustentáveis) soluções e, a fim de implementá-las, colaborar na construção as apropriadas parcerias (ou seja, criar as condições para a reunião dos vários atores necessários para a obtenção dos resultados desejados)
(Manzini, Design para a Inovação Social e Sustentabilidade, 2008)

Para o docente e designer italiano o design, enquanto atividade, deve ser visto como uma estratégia, a definição de um objetivo e dos passos necessários para o alcançar, quando se trabalha num ambiente altamente imprevisível (Manzini, Design as strategic activity, 1999). Tal deve-se, na opinião do designer italiano, ao aumento da velocidade da mudança, às escolhas já não podem ser subsumidas às convenções, ao facto de os mercados se terem tornado muito mais turbulentos, aos papéis dos vários atores muito mais difusos e a certeza de que o futuro será muito diferente do presente. Manzini defende que o design deverá assumir um papel de agente de desenvolvimento local-global, o que significa “desenvolver o papel de copromotor de uma forma de desenvolvimento que seja coerente com a abertura dos mercados globais e dos fluxos de informação sem esquecer a capacidade de identificar os recursos locais, assim como a capacidade da sua exploração”. (Manzini, Design as strategic activity, 1999)

Esta atividade estratégica não se deve apenas cingir aos produtos ou sistemas de produtos, mas também diz respeito às formas que poderão ter as relações entre a empresa e a comunidade, a nível local. Manzini defende que o design pode assumir um papel positivo ao nível social, podendo mesmo promover uma nova geração de sistemas de produtos locais-globais. Tratam-se de sistemas de produtos baseados em novas formas de parcerias ao nível local e global capazes de criar valor para a companhia, tanto a uma escala global como ao nível da comunidade. (Manzini, Design as strategic activity, 1999)

3.1.4. - CIDADES CRIATIVAS, INDUSTRIAS CRIATIVAS E CLUSTERS CRIATIVOS

A relação da criatividade com as cidades é antiga e é mesmo vista como o “sangue vivo” da cidade. “As cidades sempre precisaram da criatividade para trabalharem como mercados, centros de produção e distribuição, com a sua massa crítica de empresários, artistas, intelectuais, estudantes, administradores e agentes do poder. Elas foram sempre lugares onde raças e culturas se misturaram e a interação criou novas ideias, artefactos e instituições”. (Landry & Bianchini, *The Creative City*, 1995)

Richard Florida enfatiza os elementos associados ao capital humano e organizacional para desenvolver o conceito de classe criativa e propor uma explicação do desenvolvimento económico regional tendo por base o capital criativo. (Florida, 2002)

O seu conceito de classe criativa estrutura-se em torno de três T – Tecnologia, Talento e Tolerância. Um lugar, no seu entender, deve possuir os três T para atrair pessoas criativas, gerar inovação e estimular o desenvolvimento.

A Tecnologia é o elemento central, uma vez que concentra numa região a inovação e a alta tecnologia, o que permite gerar progresso tecnológico e crescimento a longo prazo.

O Talento, para Richard Florida, engloba as pessoas que têm um curso superior, e é importante porque um elevado grau de educação (pessoas qualificadas) contribui para o desenvolvimento económico de um país.

O terceiro T, a Tolerância, diz respeito à possibilidade das nações e regiões mobilizarem a sua capacidade de atratividade e competirem. Quanto mais aberta for uma região mais facilidade terá em atrair talentos.

Numa conferência que deu na Fundação Gulbenkian, em 2008, Richard Florida defendia que as ideias, a criatividade, a cultura são essenciais para o desenvolvimento económico. "Na era da criatividade, é necessário despertar o potencial criativo de todos", afirmou o americano, catedrático de Política Pública, doutorado em Planeamento Urbano e diretor do Lloyd & Delphine Martin Prosperity Institute, em Toronto, Canadá. (Belanciano, 2008)

"As classes criativas querem viver em locais onde podem refletir e reforçar a sua identidade enquanto pessoas criativas. Não querem ser atores passivos do local onde habitam. Querem gozar a cultura de rua, mistura de cafés e pequenas galerias, onde não se traça a linha divisória entre participante e observador, criatividade e criadores", afirmou. (Belanciano, 2008)

De acordo com Richard Florida, as regiões e comunidades que quiserem competir por esses ativos terão que estar prontas para providenciar trabalhos atraentes e desafiantes, mas também um envolvimento próprio, como é o caso de restaurantes, arte, parques e bairros seguros.

Charles Landry especifica que as cidades bem-sucedidas parecem seguir um padrão, dando importância ao “génius locci” (carácter do lugar) e não criam barreiras à criatividade. Segundo este autor, a renovação da cidadania e a regeneração de uma cidade passa pela atividade cultural, reforçando a coesão social e melhorando a imagem local, reduzindo comportamentos agressivos, potenciando a criação de parcerias público-privadas e o desenvolvimento da confiança e da identidade. (Landry, *The Creative City*, 2000)

Sector dinâmico e em crescimento

A nível estatístico a classe criativa é definida como o número de trabalhadores em empregos criativos em percentagem com o número total. Richard Florida estima que a classe criativa esteja a crescer, de um modo geral, de forma rápida, na maioria dos países europeus, com uma média anual de 7% desde 1995.

O estudo “A economia cultural na Europa”, encomendado pela Comissão Europeia à empresa KEA, European Affairs, revela que o sector cultural e criativo contribuiu, em 2003, com 2.6% do PIB da União Europeia, mais do que os sectores do imobiliário e produtos alimentares e bebidas, por exemplo. Em Portugal o sector da cultura contribui com 1,4% do PIB, sendo que na Finlândia, Dinamarca, Noruega e França o contributo da cultura ultrapassa os 3% do PIB. Estes dados, que mostram que as indústrias culturais e criativas estão a afirmar-se como um sector dinâmico, contribuindo para uma taxa de crescimento elevada e criando empregos de qualidade.

Além da sua contribuição direta para o PIB, as indústrias culturais e criativas são também são importantes forças motrizes da inovação económica e social em muitos outros sectores.

Em 2006, e de acordo com o relatório sobre o Sector Cultural e Criativo em Portugal, o sector cultural e criativo originou, em Portugal, um valor acrescentado bruto de 3.691 milhões de euros, empregando cerca de 127 mil pessoas, ou seja, foi responsável por 2,6% do emprego e por 2,8% da riqueza criada no país.

O sector cultural e criativo criou, no período 2000-2006, cerca de 6500 empregos, registando um crescimento cumulativo de 4,5%, que traduz uma evolução positiva num contexto marcado por um crescimento cumulativo do emprego de apenas 0,4%, à escala nacional, refere o relatório encomendado pelo Ministério da Cultura.

Indústrias Criativas

Landry e Florida consideram que as indústrias criativas e cidades criativas relacionam-se de forma simbiótica, alimentando-se mutuamente. À partida, as indústrias criativas definem um ambiente de abertura, estimulante, atrativo para outras atividades intensivas em conhecimento e exigentes ao nível da qualidade de vida.

O conceito indústria criativa conceito surgiu na Austrália na década de 90, no entanto foi verdadeiramente desenvolvido pela *Creative Industries Unit and Task Force* (Department for Culture, Media and Sport – DCMS) no Reino Unido, em 1997, no governo de Tony Blair.

No Creative Industries Mapping Document, as indústrias criativas são definidas como “atividades que têm a sua origem na criatividade, competências e talento individual, com potencial para a criação de trabalho e riqueza através da geração e exploração da propriedade intelectual”.

O DCMS identifica como segmentos do sector criativo a Publicidade, Arquitetura, Artes e Antiquários, Artesanato, Design, Design de Moda, Cinema e Vídeo, Software Interativo de Entretenimento, Música, Artes Performativas, Edição, Software e Serviços de Informática, Televisão e Rádio. Também o Turismo, Museus e Galerias, Património e Desporto são identificados por este departamento do Reino Unido como estando próximos das indústrias criativas. Tratam-se, na base, de atividades desenvolvidas por pessoas com talento criativo, juntamente com gestores de recursos económicos e tecnológicos, que vão gerar produtos em que o seu valor económico assenta na sua propriedade criativa.

Já o economista Augusto Mateus caracteriza as indústrias criativas como “aquelas que incorporam dimensões relevantes de competências associadas à criação, diferenciação ou desenvolvimento de elementos imateriais que não são cobertos pelas indústrias culturais” (Mateus, O Sector Cultural e Criativo em Portugal, 2010).

No mesmo estudo é referido que a designação de indústrias criativas nasceu ainda a partir da afirmação das “cidades terciarizadas como espaços privilegiados de criação de riqueza”, dando especial destaque à formação dos ambientes, dos serviços, das competências e dos talentos mais necessários ou favoráveis à criatividade. É também necessário medir e divulgar o retorno económico e social dessas características, tanto para justificar alterações na governança urbana, como para justificar estratégias de renovação e competitividade na cidade. (Mateus, O Sector Cultural e Criativo em Portugal, 2010)

No livro verde da Comissão Europeia – Realizar o potencial das indústrias culturais e criativas (Comissão Europeia, 2010), é referido que existe um vasto potencial desaproveitado nas indústrias culturais e criativas para gerar crescimento e emprego. E, por isso, a Europa deve identificar e investir em novas fontes de crescimento inteligente, sustentável e inclusivo para superar o desafio que se lhe apresenta. “Grande parte da nossa prosperidade futura dependerá da forma como utilizamos os recursos, conhecimentos e talento criativo de que dispomos para estimular a inovação”, refere o documento, que diz ainda que as indústrias culturais e criativas da Europa apresentam um verdadeiro potencial para dar resposta, entre outros, à agenda digital, a soluções para as alterações climáticas, à agenda para novas competências e novos empregos e a uma política industrial para a era da globalização.

António Pinto Ribeiro considera que a criatividade não se esgota nas indústrias criativas, mas é antes de tudo, uma faculdade humana que “pode ou não ser motivada e activada conforme haja, ou não, a capacidade da sua detecção e as condições favoráveis à sua manifestação, não sendo previsíveis a maioria dos seus impactos” (Ribeiro, 2009). Afirma que o exercício da criatividade exige disciplina, métodos adequados, informação atualizada, crítica, debate, trabalho colaborativo e condições profissionais e de produção para que se possa materializar em objetos ou ideias. António Ribeiro defende também que não basta apontar exemplos de relativo sucesso temporário de algumas zonas de cidades internacionais, onde o ambiente criativo, proporcionado pelo talento, tecnologia e tolerância, produziu uma cena artística nova e gerou algum emprego, para que o mesmo possa acontecer em qualquer outra cidade. “A criatividade e a sua manifestação materializada exigem massa crítica substantiva, cidades de

escala média ou grande, excelentes escolas de formação artística, científica e tecnológica, que são a base de recrutamento dos criadores, mobilidade e diversidade da população envolvida”, faz notar. (Ribeiro, 2009)

No artigo, que foi publicado no jornal Público, Pinto Ribeiro defende que em Portugal a criatividade deve ser estimulada e atualizada em termos concretos, e que deve haver consciência de que o processo criativo é lento, que não se coaduna com calendários legislativos, que exige investimento nas retaguardas de formação elementar, que se precisa de muito tempo; que exige um forte investimento na investigação científica e na produção artística; que há áreas potencialmente mais capazes de fornecerem a médio prazo resultados muito positivos, como sejam a arquitetura, a fotografia, a música urbana, o documentário, e que há outras que vão exigir mais tempo e pode haver casos em que os próximos tempos sejam de falhanço.

Clusters Criativos

O termo cluster é definido por Michael Porter como uma concentração geográfica de empresas e instituições, que estão interligadas, num determinado território. (Porter M. , 1998). Aquele que é considerado um dos maiores especialistas mundiais em estratégia competitiva, considera como sendo uma vantagem competitiva para as empresas e instituições o facto de estarem em rede e próximas a nível físico. O *clustering* traz também como vantagem para as empresas, ou para a região, uma maior competitividade e produtividade, e, como consequência, uma maior dinamização económica, acréscimo de emprego e inovação⁸.

Porter considera que os clusters afetam a competição de três formas, ao incrementar a produtividade das empresas num determinado território, dando-lhes uma direção e um novo ritmo de inovação, que sustenta um futuro aumento de produção e, por último, estimula a formação de novos negócios, o que expande e fortalece o próprio cluster. (Porter M. , 1998)

O trabalho em rede, com partilha de conhecimentos e recursos, e interação são características dos criativos, sendo que a clusterização dos seus negócios permite uma escala maior desse trabalho em rede e a obtenção de economias de escala. Em muitos locais os clusters foram desenvolvidos com o intuito de incentivar a regeneração de zonas urbanas desfavorecidas, maximizando o seu potencial para aumentar o desenvolvimento económico local e melhorar as condições de vida dos residentes.

A vontade de aprofundar o valor das ideias e como elas podem ser motivadoras para territórios semelhantes levou o município de Óbidos a concorrer, e liderar, na Europa a rede Creative Clusters - “Clusters Criativos em Áreas Urbanas de Baixa Densidade”, no âmbito do Programa

⁸ Michael Porter fez um estudo, em 1994, encomendado pelo então primeiro-ministro Cavaco Silva, sobre a competitividade da economia portuguesa, onde apontou o vinho, o turismo, o automóvel, o calçado, malhas, a madeira e outros relacionados com a envolvente (educação, financiamentos, gestão florestal, capacidades de gestão ciência e tecnologia) como os sectores prioritários da aposta nacional e defendia a criação de ‘clusters’. Este relatório acabou por não ter consequências práticas porque Cavaco Silva saiu do governo no ano seguinte.

URBACT II da União Europeia. Esta rede, que começou a funcionar em 2008, pretende mostrar que a criatividade pode atuar como uma força motriz para o desenvolvimento económico de pequenos centros urbanos e não só de grandes cidades. A principal mais-valia do trabalho da rede Clusters Criativos é transferir o “modelo da cidade criativa” (muito centrado em grandes e médias metrópoles) para áreas urbanas de baixa densidade. Este projeto permite explorar a capacidade da questão criativa ao permitir desenvolver, em termos de desenvolvimento social e económico, em vilas de pequena e média dimensão, bem como uma oportunidade para repensar o desenvolvimento rural.

A rede contou com parceiros da Finlândia – Jyvaskyla; Inglaterra – Barnsley; Espanha – Enguera; Itália – Reggio Emilia e Viareggio; Mizil – Roménia; Hungria – Hodmesovasarehly; Portugal – Óbidos e Inteli.

3.2-CARACTERIZAÇÃO DO MEIO:

3.2.1. CALDAS DA RAINHA

3.2.1.1. -PARÂMETROS SÓCIO-DEMOGRÁFICOS

Situado na faixa territorial situada entre a região norte de Lisboa e os antigos coutos de Alcobaça, o concelho das Caldas pertence à NUT III Oeste, juntamente com os municípios de Alcobaça, Alenquer, Arruda dos Vinhos, Bombarral, Cadaval, Lourinhã, Nazaré, Óbidos, Peniche, Sobral Monte Agraço e Torres Vedras.

O Oeste, do ponto de vista da Nomenclatura de Unidades Territoriais para fins estatísticos (NUTS) é uma região NUTS III, inserida em termos de NUTS II na região Centro, desde 2003. Sendo um território com raízes históricas e culturais muito marcadas, apresenta uma forte interligação funcional e económica com a região de polarização de Lisboa.

O Oeste é contíguo com as NUTS III Pinhal Litoral, Lezíria do Tejo e Grande Lisboa, apresentando uma faixa costeira entre Alcobaça (freguesia de Pataias) a Norte e Torres Vedras (freguesia de São Pedro da Cadeira) no extremo sul. O Oeste ocupa cerca de 2.200 Km² de área o que representa mais de 2% do território nacional e 8% da área total da região NUTS II Centro.

O concelho das Caldas compreende uma área de 256 km² e, de acordo com os dados mais recentes do INE (2011) tem uma população residente de 51729 habitantes. Era composto até à entrada em vigor da reorganização administrativa territorial autárquica, por 16 freguesias: A-dos-Francos, Alvorninha, Carvalhal Benfeito, Coto, Foz do Arelho, Landal, Nadadouro, N^a Sr.^a do Pópulo, Salir de Matos, Salir do Porto, Santa Catarina, Santo Onofre, São Gregório, Serra do Bouro, Tornada e Vidais e faz fronteira com o mar a Oeste, com o concelho de Alcobaça a Norte, a Este com Rio Maior e a Sul com os concelhos de Bombarral, Cadaval e Óbidos. Esta reorganização agregou quatro das freguesias caldenses, ficando agora o concelho com 12 freguesias.

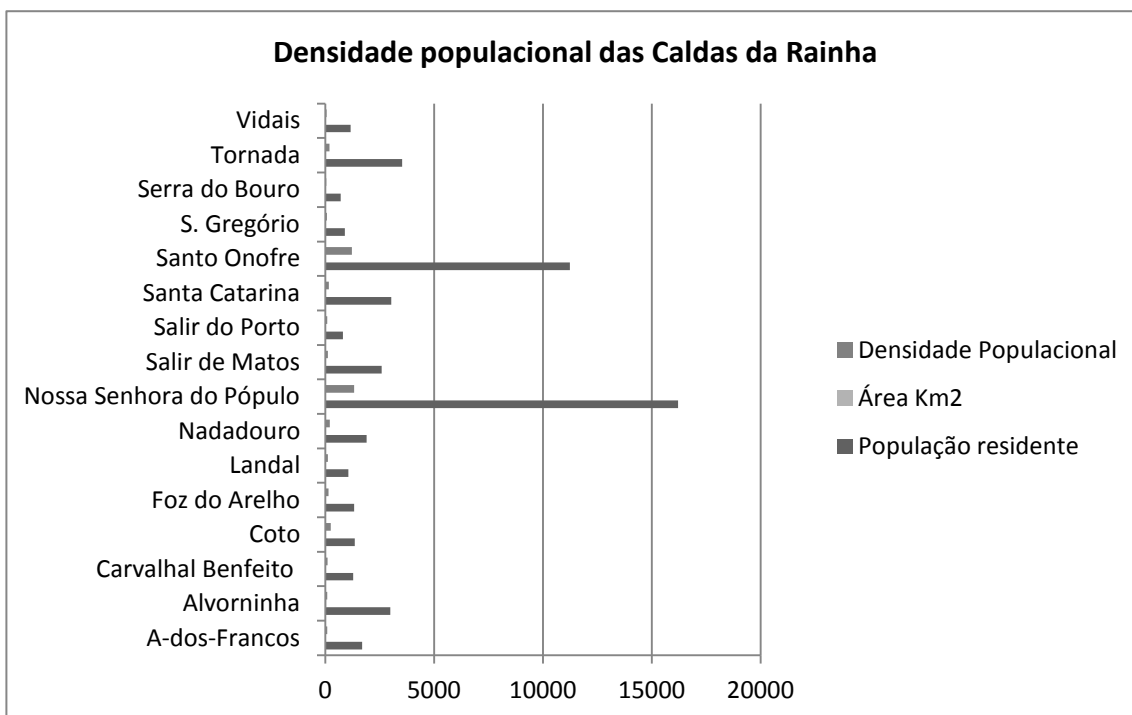


GRÁFICO 1- DENSIDADE POPULACIONAL DAS CALDAS DA RAINHA (ADAPTADO DE CENSOS 2011, INE)

Os Censos 2011 indicam que Caldas da Rainha foi o quarto concelho do distrito de Leiria com maior aumento da população residente (mais 5,73%). Entre 16 concelhos, Caldas da Rainha ficou atrás da Marinha Grande, Óbidos e Leiria. É também o quarto concelho em população residente – 51645 habitantes (no Censos de 2001 eram 48846). Pombal é terceiro com 55184, Alcobaca o segundo com 56599 e Leiria o primeiro com 127468 habitantes.

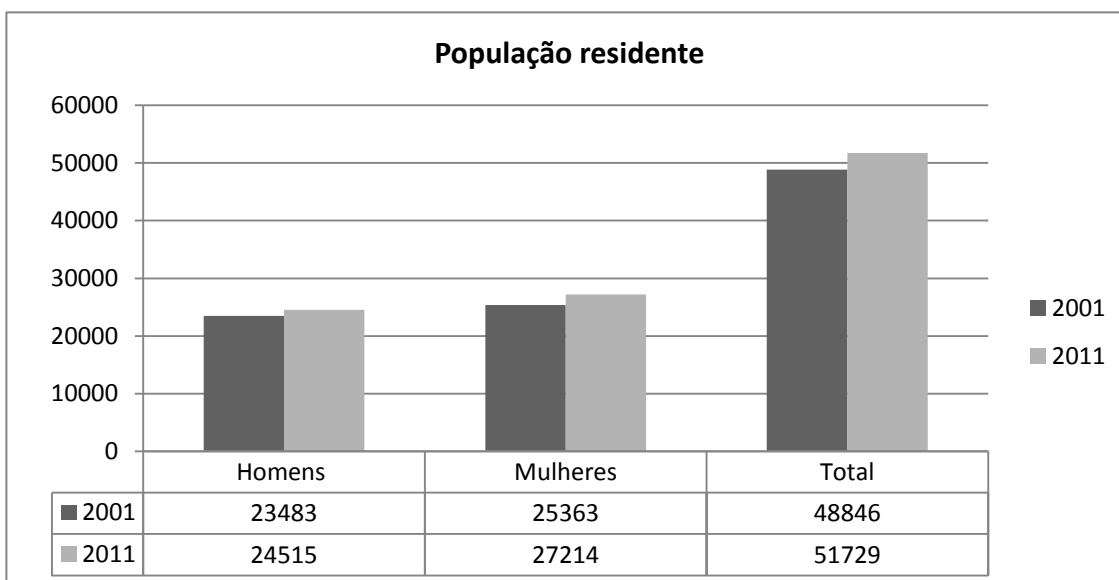


GRÁFICO 2 – POPULAÇÃO RESIDENTE EM CALDAS DA RAINHA (ADAPTADO DE CENSOS 2011, INE)

Os dados de 2011 revelam ainda que no concelho há mais alojamentos, mais famílias, mais residentes do que há uma década, mas o número de crianças e jovens no concelho está a reduzir-se, ou seja, a taxa de natalidade está a descer, apesar das famílias terem aumentado.

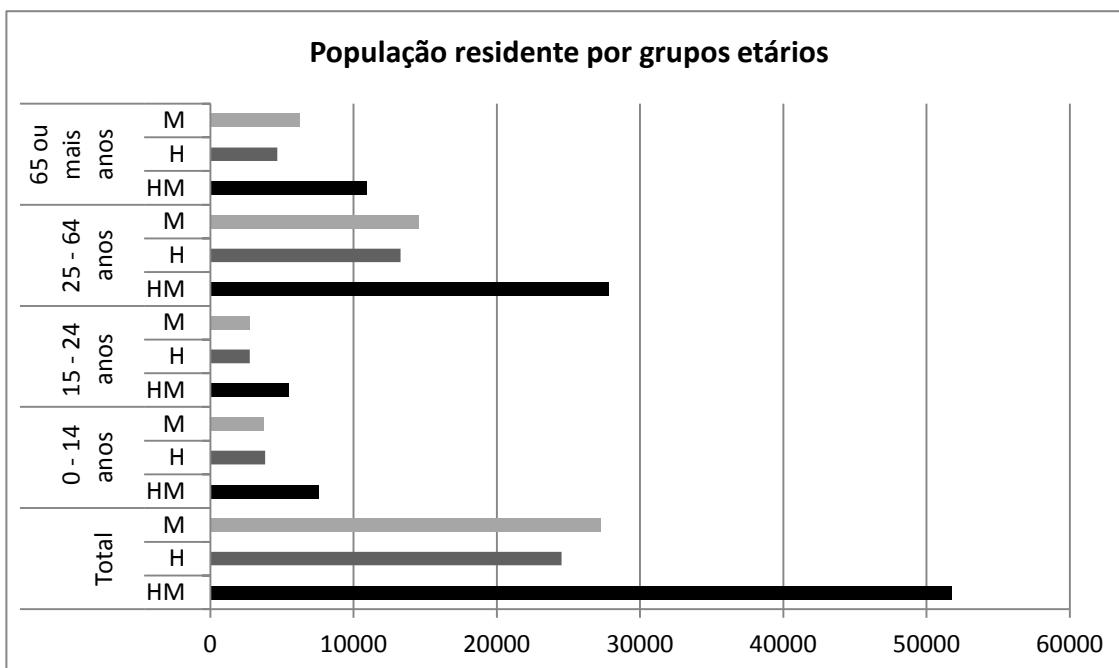


GRÁFICO 3 - POPULAÇÃO RESIDENTE POR GRUPOS ETÁRIOS (ADAPTADO DE CENSOS 2011, INE)

Com 51.645 residentes, o concelho das Caldas da Rainha regista, de 2001 para 2011, um aumento de 2.799 residentes no concelho (o que equivale a mais 5,7% habitantes comparativamente ao último recenseamento). Um crescimento que leva o concelho a aproximar-se cada vez mais de Alcobaça (56.599 residentes, mais 2,21% que em 2001) e Pombal (55.184 residentes, menos 1,98% que em 2001), que ocupam a segunda e terceira posições, respetivamente, numa lista liderada por Leiria.

O número de famílias é de 20.680, enquanto o número de edifícios é de 19.219 (o que representa um número de alojamentos de 31.166, um crescimento na ordem dos 20,4% em relação a 2001. Destes, 10.486 (34%) estão vagos ou são usados sazonalmente, reflexo da crise imobiliária e da afirmação da região como local de segunda residência ou de férias, nomeadamente nas freguesias do litoral e do interior rural.

Negativo é o indicador que se refere aos menores a residirem no concelho, onde se verificam 8.935 crianças e jovens. Relativamente às freguesias, as zonas rurais viram reduzir todos os indicadores (A-dos-Francos, Landal e Santa Catarina) para as freguesias onde todas as variáveis aumentaram (Coto, Foz do Arelho, Nadadouro, Nossa Senhora do Pópulo e Tornada).

No que respeita à educação, em 2011 estavam matriculados 10.254 alunos nos ensinos pré-escolar, básico e secundário.

Dados do INE referem que entre a população caldense, há 9993 pessoas sem qualquer nível de instrução, ao passo que 12896 pessoas possuem apenas o primeiro ciclo. Há cerca de 6 mil pessoas com o segundo ciclo do ensino básico e mais de 8800 com o terceiro ciclo. Neste concelho há 7237 pessoas com o ensino secundário e 5794 possuem um curso superior.

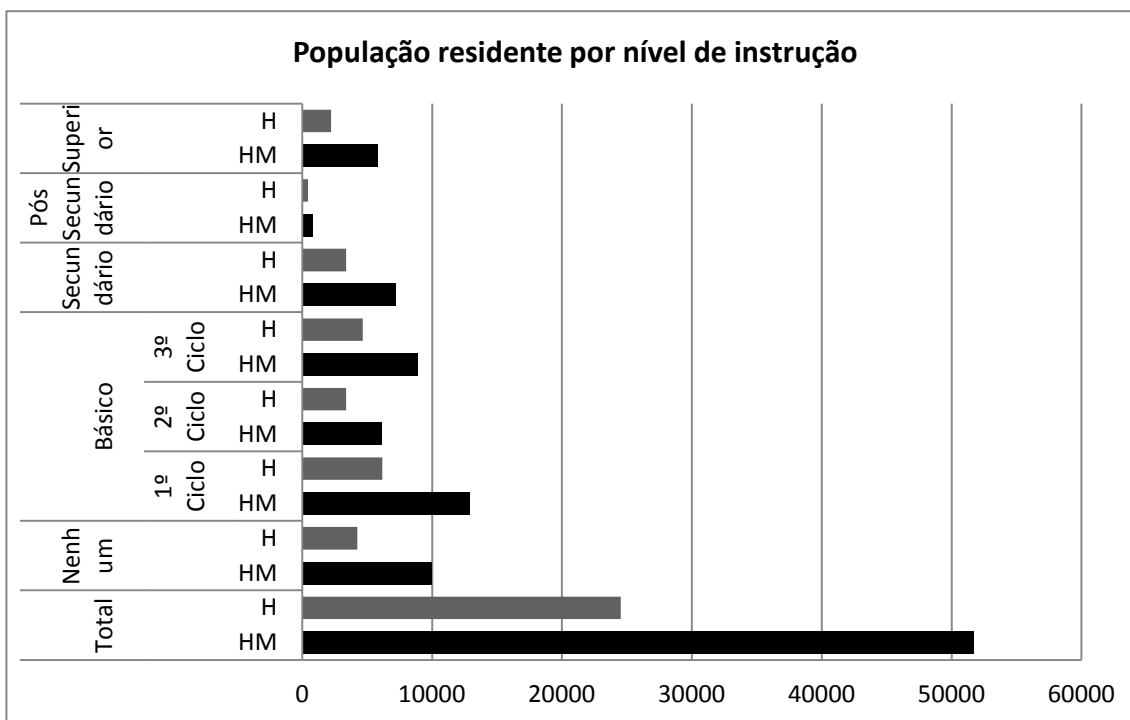


GRÁFICO 4- POPULAÇÃO RESIDENTE POR NÍVEL DE INSTRUÇÃO (ADAPTADO DE CENSOS 2011, INE)

3.2.1.2. - CARACTERIZAÇÃO AMBIENTAL

A nível geológico o concelho das Caldas da Rainha apresenta muitas áreas onde o declive médio é moderadamente acentuado com situações planas na zona abrangida pelo vale tifónico. O concelho é constituído por formações litológicas conglomeráticas de arenitos, calcários margosos e margas, e aparecem ainda com incidência as formações designadas por areias, arenitos e argilas, o grés vermelho e alguns filões de rochas ígneas, para além dos aluviões. (CMCR)

De acordo com a autarquia as principais unidades geomorfológicas são a Lagoa de Óbidos, os Escarpados⁹, as arribas altas da Serra do Bouro, as praias junto à Lagoa de Óbidos, as zonas aplanadas (Vale Tifónico), o Vale encaixado (Rio Tornada) e as formações aluvionares junto à Baía de S. Martinho (em Salir do Porto).

No que respeita à flora o tojo, a urze e outras espécies de vegetação autóctone cobrem as arribas e também podem ser encontradas nos sistemas dunares e nas áreas junto ao litoral, sobretudo nos bordos do vale tifónico e nos maciços calcários dos escarpados do interior. Por todo o concelho também existe pinheiro bravo, pinheiro manso, carvalhos, sobreiros e oliveiras. A fauna é caracterizada sobretudo pela abundância de espécies ornitológicas. Existem zonas de interesse constituídas por biótopos de alimentação, nidificação e refúgio de espécies, como é o caso do Paul de Tornada, classificado como Sítio Ramsar desde 2001, e como Reserva Natural Local a 2 de Julho de 2009, integrando também a Rede Nacional de áreas Protegidas.

⁹ Situados na periferia do vale tifónico e considerados como o relevo mais importante do ponto de vista ambiental

O Paul de Tornada é uma zona húmida com uma área central de aproximadamente 25 hectares, permanentemente alagada. A fauna assume uma importância grande neste habitat, tendo sido registadas, desde 1988, 145 espécies de aves e identificadas 8 espécies de anfíbios e 12 espécies de répteis.

Foram também já registadas 18 espécies de mamíferos, sendo de destacar a presença da Lontra. Pelas suas características e localização, o Paul de Tornada constitui um local privilegiado para a prática de Educação Ambiental e sensibilização para a conservação das zonas húmidas. (GEOTA)

A Lagoa de Óbidos está classificada como biótopo a proteger, até porque se trata da maior lagoa costeira portuguesa. É uma zona de importante produção de bivalves e com nidificação de ardeídeos, nomeadamente Garça Vermelha e Garça Pequena. (CMCR)

Na sua envolvência tem a Poça do Vau, uma pequena zona húmida com caniçal.

Na Serra do Bouro, a zona do litoral escarpado está relativamente isolada mas possui um grande interesse geológico e paisagístico, com avifauna rupícola característica. É também um local onde aparecem regularmente aves de rapina, como é o caso do Peneireiro e o Falcão Peregrino.

As principais estruturas fluviais estão relacionadas com a Lagoa de Óbidos, a Baía de S. Martinho do Porto e a antiga Lagoa da Pederneira que confinava com o mar a sul da Nazaré. O concelho é percorrido pela Ribeira de Alfeizerão e o Rio Tornada, afluentes da Baía de S. Martinho, e pelo Rio da Cal, afluente da Lagoa de Óbidos.

Ao nível dos recursos naturais, com interesse económico, são de especial importância as águas mineromedicinais, as águas sulfúreas neutras (captadas no Hospital Termal de Caldas da Rainha), as águas cloretadas sódicas (Casal do Vale) e as águas sulfatadas cálcicas (Serra do Bouro). (CMCR)

Ao nível do clima, este concelho apresenta uma temperatura média anual na ordem dos 15,5°C e uma temperatura média da água do mar de 15° C e ventos dominantes de noroeste, atraindo com esta amenidade climatérica muitas pessoas, especialmente no verão, que procuram temperaturas menos acentuadas.

3.2.1.3. - INFRA-ESTRUTURAS (EDIFÍCIOS, ESPAÇOS CULTURAIS E INDUSTRIAS)

Silos CR

O espaço Silos Contentor Criativo, situado nas antigas instalações da fábrica Ceres que fica localizada na malha urbana das Caldas da Rainha, surge da necessidade detetada de um espaço onde estudantes, criativos empreendedores e empresas se pudessem reunir para criar produtos e serviços e encontrar potenciais clientes. (Silos) Coordenado por Nicola Henriques, o projeto procura fomentar a transdisciplinaridade cultural e criativa, facilitando o acesso a espaços numa dinâmica *low cost*, onde por 45 euros mensais os empreendedores têm o seu espaço de trabalho e a possibilidade de interação com outros criativos, de expor numa galeria, de participar em diversos eventos, de utilizar os espaços de lazer e de aceder a uma rede contactos.

Perante um escasso dinamismo socioeconómico e cultural registado nas Caldas da Rainha e um legado artístico local reconhecido, com artistas como Bordalo Pinheiro e José Malhoa, este projeto procura promover a criatividade e o empreendedorismo, com o objetivo de fixar massa crítica, especialmente os recursos humanos qualificados provenientes da ESAD.

Em associação com os Silos são também promovidos diversos eventos como o “Caldas Late Night” e workshops gratuitos. O edifício possui também uma parede destinada a grafitis que pretende atrair jovens que os faziam noutros locais da cidade.

Os Silos estão também a valorizar um espaço devoluto e, simultaneamente, a criar novas oportunidades de negócio. Já há alguns casos de sucesso de empresas e de projetos constituídos pelos alunos da ESAD, como é o caso do FastShare, uma solução inovadora para o Festival de Chocolate, que consistia na instalação de uma câmara fotográfica com ligação imediata ao facebook. Através de uma fotografia que os visitantes tiravam no evento, *“era possível comunicar não só a marca que eles criaram como do próprio festival para um potencial de 2,5 milhões de visualizações no facebook”* (Henriques, 2012).

CCC – Centro Cultural e Congressos

Inaugurado a 15 de Maio de 2008, o Centro Cultural e Congressos (CCC) é um espaço destinado às atividades culturais e à realização de congressos. Concebido por Ilídio Pelicano (Arripa Arquitetos), o CCC possui um grande auditório com capacidade para 660 lugares, distribuídos por fosso de orquestra, duas plateias, tribuna e camarotes, com um palco de 600 m2. Conta ainda com um pequeno auditório, uma sala multiusos, um café-concerto, uma sala de ensaios, uma sala de exposições, um amplo foyer com bar de apoio e uma praça para animação ao ar livre.

Centro de Artes

Situado nas Caldas da Rainha, o Centro de Artes é uma estrutura municipal que tem por missão apoiar o desenvolvimento das artes e da cultura. Para além dos museus municipais dos escultores António Duarte e José Fragoso, Espaço Concas e Museu Barata Feyo, integra também outras estruturas que têm vindo a ser criadas pela autarquia com a função de apoiar a produção artística e dinamização de eventos de índole cultural. Entre as várias atividades, realiza exposições e o Simpetra – Simpósio Internacional de Escultura em Pedra. Tem em construção um novo espaço dedicado ao escultor Leopoldo de Almeida.

Museu da Cerâmica

O Museu da Cerâmica foi criado oficialmente em 1983, nas Caldas da Rainha, encontrando-se situado na zona histórica da cidade, no antigo palacete do Visconde de Sacavém, onde chegou a funcionar um estúdio de produção cerâmica. O edifício foi mandado construir na década de 1890 pelo 2º Visconde de Sacavém, José Joaquim Pinto da Silva (1863-1928), colecionador, ceramista e importante mecenas dos cerâmicos caldenses.

Do seu acervo fazem parte coleções de cerâmica, nacional e estrangeira, e azulejaria, grande parte aplicada na própria arquitetura do espaço, assim como a coleção de obras de design de

vidro e cerâmica de todo o mundo oferecido por um colecionador caldense que vivia no Canadá, denominada de Coleção Francisco Coutinho Carreira, doada por José Coutinho Martins e Ilda da Piedade Fortunato Martins.

Museu Malhoa

O Museu José Malhoa, criado em 1933, mostra o maior núcleo reunido de obras do seu patrono e uma importante coleção de pintura e de escultura dos séculos XIX e XX. Revelando-se como o museu do naturalismo português, o espaço integra ainda outras coleções, como a secção de Cerâmica das Caldas, que tem em conta a atuação de Rafael Bordalo Pinheiro para a faiança local e do conjunto único das 60 esculturas de terracota da “Paixão de Cristo” -, o núcleo de Escultura ao Ar Livre e uma Biblioteca de Arte com um acervo de mais de 5.000 obras.

O Museu José Malhoa mantém também um programa de exposições temporárias, concertos e recitais, palestras, visitas comentadas e atividades educativas.

Museu Bernardo

O Museu Bernardo é uma associação sem fins lucrativos dedicada à arte contemporânea. O projeto desenvolve-se em três espaços urbanos - a Casa Bernardo, o Museu Bernardo e o Túnel. Numa permanente interação com a cidade, mantém uma posição atenta, crítica e construtiva no meio em que está inserido, acolhendo as expressões de jovens artistas e curadores num laboratório de experimentação artística. O seu mentor, Pedro Bernardo, reúne a coleção do Museu desde o princípio dos anos 90.

Desde 2007 que tem produzido várias exposições, residências artísticas, ciclos de cinema, intercâmbios internacionais, etc, essencialmente nas Caldas, mas também em Óbidos ou em Sines.

Escola de Hotelaria e Turismo do Oeste

A Escola de Hotelaria e Turismo do Oeste foi inaugurada em Outubro de 2007, começando a funcionar nesse ano o pólo de Óbidos, que se dedica à pastelaria avançada. No ano seguinte começou a funcionar o pólo caldense, que se dedica à formação nas áreas da cozinha e mesa/bar, assim como ao ensino no domínio da gestão turística e hoteleira.

A criatividade dos seus alunos tem sido fomentada com a iniciativa Cozinha de Autor, onde os alunos finalistas, mostram a sua originalidade e inovação na confeção de pratos que são depois saboreados no restaurante de aplicação.

Acompanhando a tendência dos grandes chefes de cozinha que, além do sabor têm em especial atenção o empratamento e a procura de novas formas de inovar na arte da culinária, a Escola de Hotelaria e Turismo pretende desenvolver a oferta formativa na área de food design em parceria com a ESAD.

Grupo PH – Património Histórico

A associação Património Histórico PH – Grupo de Estudos tem na Igreja de S. Sebastião (Caldas da Rainha) e iniciou a sua atividade em 1990 como unidade de produção cultural da Casa da Cultura, adquirindo estatuto jurídico autónomo em 1993. Desde a sua criação tem-se dedicado à promoção, valorização e defesa do património, bem como ao seu estudo rigoroso, nesta região. AO PH tem colaborado com diversas entidades públicas e privadas, nomeadamente na prestação de serviços ao nível da inventariação patrimonial, da organização de arquivos documentais, da realização de pesquisas e da publicação de estudos de carácter histórico e cultural. Tem também dinamizado ações de formação que permitam o conhecimento e valorização do património local e regional, assim como cursos, colóquios, conferências e exposições.

De acordo com a presidente da associação, Isabel Xavier, o incentivo à participação cívica e à responsabilização de todos e de cada um nos assuntos de âmbito patrimonial e do seu significado, atualmente muito alargado, têm norteado o caminho percorrido e manter-se-ão como desígnio orientador. (Património Histórico)

3.2.1.4. - PESSOAS, INSTITUIÇÕES E EVENTOS

OkeSítio

O OkeSítio é um projeto de design de experiência contemplativa da Lagoa de Óbidos e de sua avifauna através da permanência num espaço *glamping*, junto ao espelho de água do Braço da Barrosa no Nadadouro, concelho de Caldas da Rainha, que tem como apoio uma Caravana de cultovintage, uma Eriba Troll de 1972 que foi para o efeito restaurada com várias comodidades e um observatório/ninho na árvore.

O projeto pretende demonstrar que é possível conciliar as práticas humanas com a valorização e salvaguarda da paisagem, nomeadamente através da disseminação da necessidade de preservação ambiental, contribuindo assim para o reforço da identidade da região como destino a privilegiar pela oferta de serviços criativos que a reforçam e dinamizam. (OkeSítio, 2011)

3.2.1.5. - TRANSPORTES

As acessibilidades rodoviárias (A8 e A15) e também ferroviárias (Linha do Oeste) colocam o território numa posição estratégica de relacionamento e articulação regional.

Os nós da A8 e da A15 favorecem o rápido acesso entre a cidade das Caldas da Rainha e alguns centros urbanos de grande e média dimensão, como Lisboa (60'), Leiria (40') e Santarém (40').

No entanto, falta incrementar a acessibilidade rodoviária para norte. Num momento em que o transporte individual começa a estar em causa, esta carência pode tornar-se um entrave à mobilidade de pessoas e talentos. Também a falta de aposta que se está a verificar na Linha do Oeste, leva a que a ferrovia seja um entrave a uma maior mobilidade das pessoas nesta região e para o resto do país.

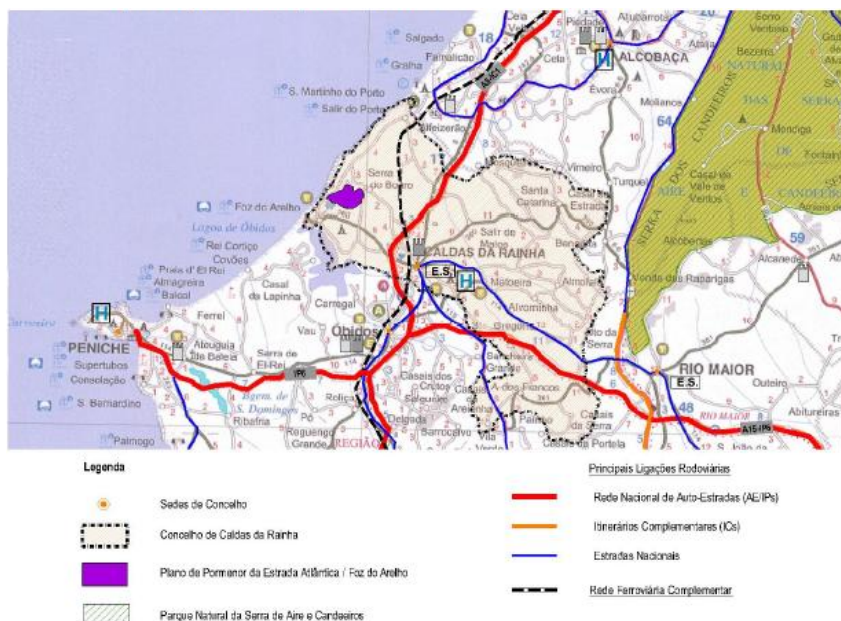


FIGURA 2- MAPA DE ACESSIBILIDADES DAS CALDAS DA RAINHA (PLURAL, 2011)

3.2.2 - O CONCELHO DE ÓBIDOS

3.2.2.1. - PARÂMETROS SÓCIO-DEMOGRÁFICOS

O concelho de Óbidos localiza-se na zona centro de Portugal, no distrito de Leiria, fazendo fronteira a Norte e Nascente com o concelho das Caldas da Rainha, e a Sul com Peniche, Bombarral e Lourinhã, este último pertencente ao distrito de Lisboa. A Poente o concelho é limitado pelo Oceano Atlântico. Antes da reorganização administrativa territorial autárquica, de 2012, era composto por 9 freguesias: A-dos-Negros, Amoreira, Gaeiras, Olho Marinho, Santa Maria, São Pedro, Sobral da Lagoa, Usseira e Vau. Com a reorganização passa a ter 7 freguesias.

De entre as freguesias que compõem o concelho a que apresenta uma área geográfica mais extensa é a freguesia do Vau que possui 33,1 Km², seguida da freguesia de Santa Maria com 21,7 Km².

Os Censos 2011 revelam uma evolução positiva no concelho (cresceu cerca de 8%), verificando-se que apenas a freguesia de A-dos-Negros perdeu população, mas numa percentagem muito reduzida (0,3%). No sentido inverso está a freguesia de Gaeiras, que apresentou um crescimento de cerca de 25,5%.

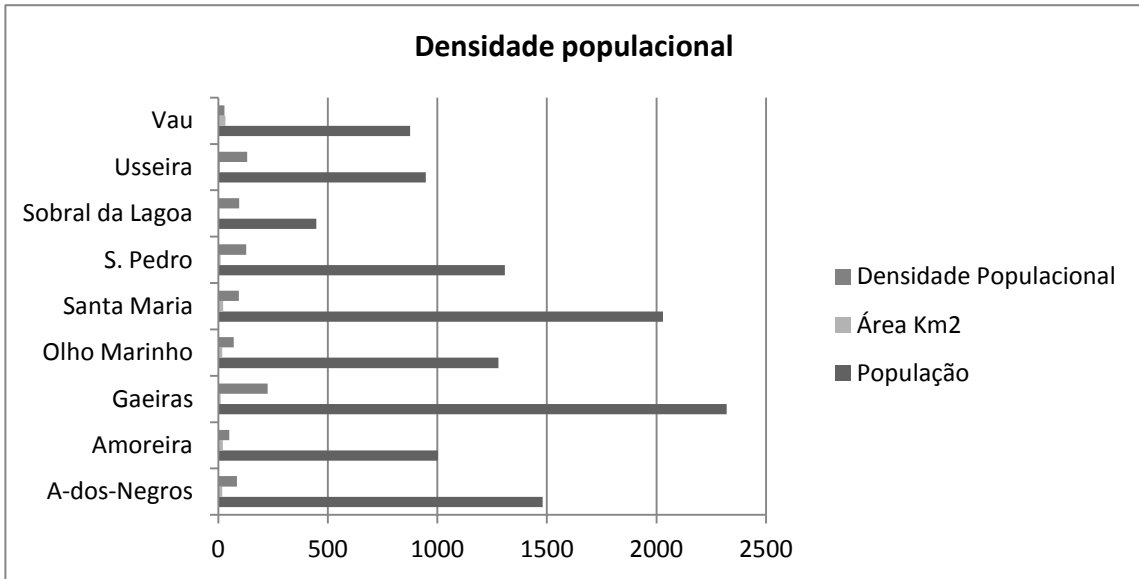


GRÁFICO 5 - DENSIDADE POPULACIONAL DE ÓBIDOS (ADAPTADO DE CENSOS 2011, INE)

No que respeita à educação, em 2011 estavam inscritos 1769 alunos nos ensinios pré-escolar, básico e secundário, em Óbidos.

De acordo com os últimos Censos dos 11772 habitantes em Óbidos 2542 não possuem qualquer grau de instrução. A maioria dos indivíduos (3345) possui o primeiro ciclo, enquanto 1618 possuem o segundo ciclo e 1767 o terceiro ciclo. Entre os habitantes 1419 possuem o ensino secundário e apenas 946 o ensino superior.

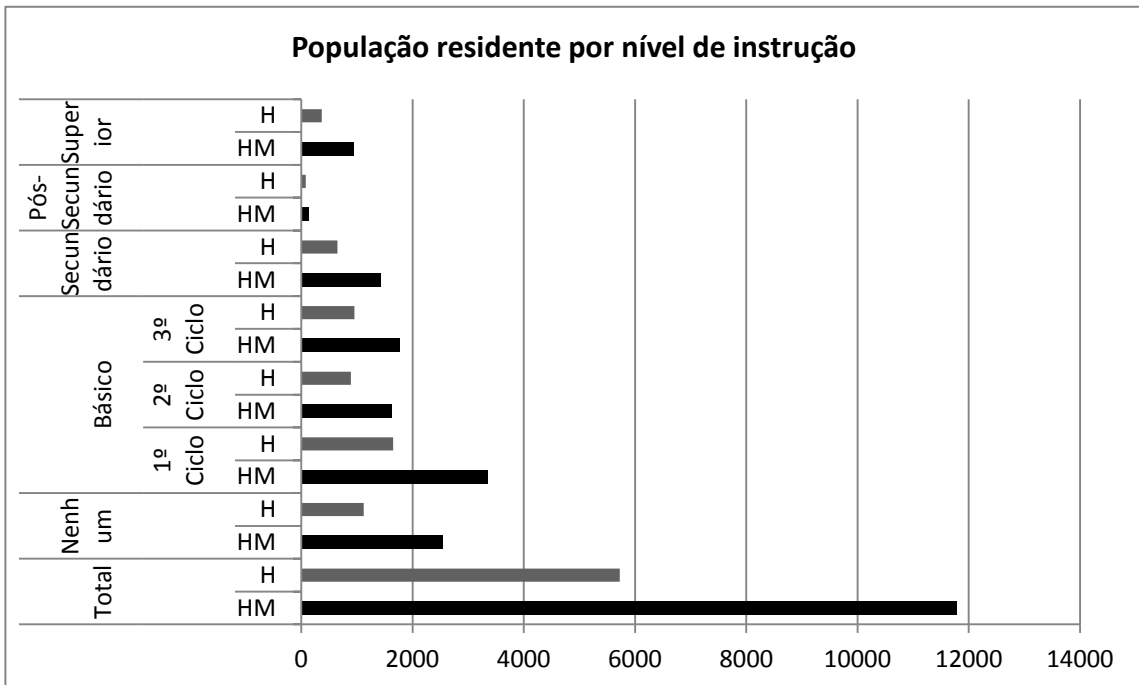


GRÁFICO 6 - POPULAÇÃO RESIDENTE POR NÍVEL DE INSTRUÇÃO (ADAPTADO DE CENSOS 2011, INE)

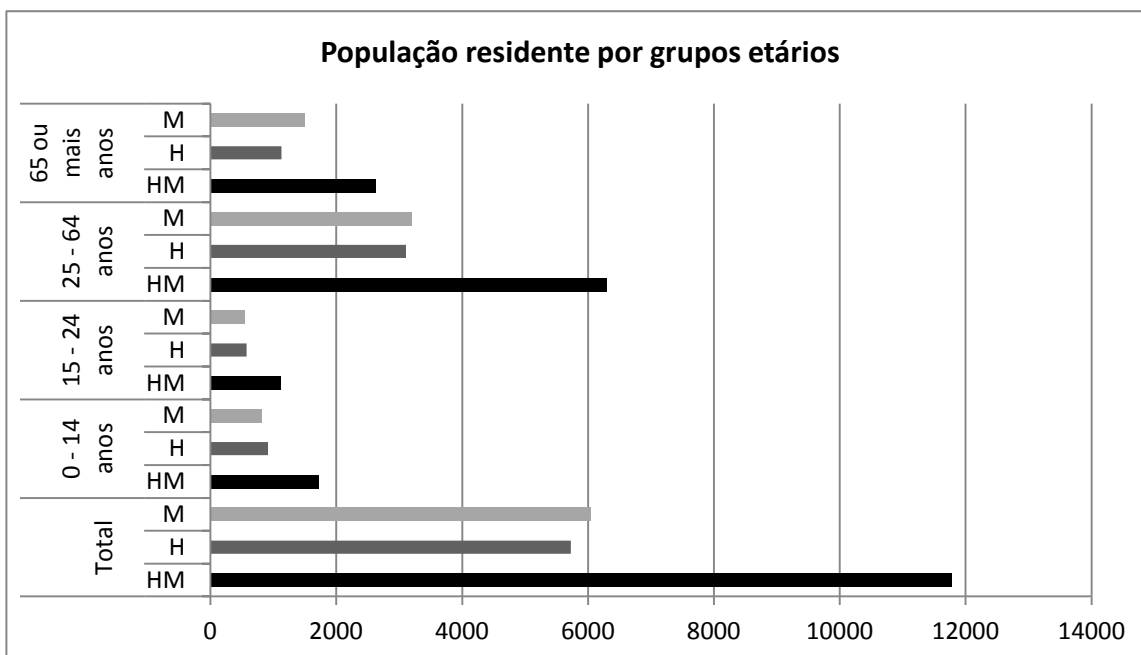


GRÁFICO 7 - POPULAÇÃO RESIDENTE POR GRUPOS ETÁRIOS (ADAPTADO DE CENSOS 2011, INE)

A nível ambiental, o concelho partilha entre os elementos mais importantes a Lagoa de Óbidos, a faixa costeira caracterizada pela alternância de sistemas dunares e arribas, as várzeas da Rainha, pelas características do seu solo e o Planalto das Cesaredas.

3.2.2.2. - INFRA-ESTRUTURAS (EDIFÍCIOS, ESPAÇOS CULTURAIS E INDUSTRIAS)

Projeto Bichinho de Conto

Situada numa antiga escola primária de uma pequena aldeia do concelho, nos Casais Brancos, a livraria Histórias com Bicho é especializada na área da ilustração infantil, livro e pedagogia para crianças. Instalada no concelho desde 2009, tem vindo a exercer uma ação pedagógica importante, dando formação a professores e animadores e através de serviços educativos de apoio à leitura às crianças do concelho de Óbidos e do país. Além da livraria, o projeto integra a editora Bichinho de Conto e é um serviço de mediação de leitura.

Com um trabalho focado na mediação de leitura através do acompanhamento de famílias, técnicos e outros mediadores de leitura, a livraria Histórias com Bicho apresenta-se como sendo uma casa habitada por profissionais especializados em literatura infantil, que promovem a aquisição de títulos, assim como a formação sobre o uso e aplicação destas ferramentas de trabalho.

As atividades para grupos e famílias transformam-se num jogo que se apresenta como um desafio a que dão o nome de Exercícios de Leitura.

“Numa proposta leve e descontraída, a leitura é trabalhada através do conto, da musicalidade das palavras no embalo da narrativa”, sendo dada primazia aos autores portugueses, à promoção da língua portuguesa e à dinâmica da edição. (O Bichinho de Conto, 2011)

Parque Tecnológico de Óbidos

Óbidos é reconhecido como “tendo o único parque empresarial estruturante orientado para as indústrias criativas, concentrando recursos privilegiados para o seu desenvolvimento, no eixo compreendido entre Lisboa, Coimbra e Santarém”. (Parque Tecnológico de Óbidos, 2009)

O Parque Tecnológico de Óbidos (PTO) possui como entidade gestora, a OBITEC (Associação Óbidos Ciência e Tecnologia) e integra duas universidades (Universidade de Coimbra e Universidade Técnica de Lisboa), o Instituto Politécnico de Leiria e a Escola Técnica de Imagem e Comunicação. A localização e o posicionamento global do PTO, particularmente direcionado para as indústrias criativas, permitem diferenciá-lo dos parques existentes, imprimindo ao projeto uma grande vantagem, onde a parceria com as universidades se traduz no desenvolvimento de projetos de investigação ligados às empresas. (Parque Tecnológico de Óbidos, 2009)

Atualmente no PTO estão já instaladas duas empresas, a Janela Digital, que desenvolve ferramentas tecnológicas para o sector imobiliário, e a CreativeLand, que opera em vários ramos do sector da imagem, vídeo e comunicação em novos media.

Em Janeiro de 2013 foi lançada a primeira pedra para a construção dos edifícios centrais, que deverão estar concluídos no final do ano. Com projeto do arquiteto Jorge Mealha, os edifícios terão uma área total de construção superior a quatro mil metros quadrados e possibilitarão melhores condições de instalação dos empresários, de infraestrutura tecnológica, de cooperação entre as empresas e instituições parceiras.

Os edifícios centrais irão proporcionar um conjunto de serviços de apoio, incluindo salas de reunião, auditório, *data center*, cafetaria e salas de restauração. O edifício para incubação irá ainda possuir uma biblioteca temática, uma área de prototipagem e experimentação e uma área técnica. Quase metade do edifício será coberto por uma estrutura vegetal criada sobre as coberturas dos espaços, com o objetivo de maximizar a disponibilização de zonas verdes de enquadramento e de fruição. As zonas verdes são maioritariamente plantadas com espécies adaptadas ao clima da região que requerem uma baixa manutenção bem como uma redução da necessidade de rega. O projeto prevê ainda o aproveitamento dos materiais que não sejam poluentes ou tóxicos, para fazer o elemento natural, criando um falso monte, que também ajuda a esconder parte da estrutura do edifício que se vai sobrepor.

A funcionar desde 2009 no Convento de S. Miguel, nas Gaeiras, o ABC – Apoio de Base à Criatividade foi a primeira estrutura a ser criada para apoio ao empreendedorismo e de incubação.

O ABC tem como principal missão apoiar o nascimento, crescimento e desenvolvimento de pequenas empresas e projetos empresariais, nas áreas criativas, através da disponibilização de espaços e prestação de serviços de apoio.

As empresas têm à sua disposição salas com acesso a telefone e internet, assim como serviço de receção, gestão do correio, acesso gratuito ao auditório, formação e um pacote de horas de

assessoria nas áreas, jurídica, informática, financeira e de preparação e financiamento do seu plano de negócio.

Com a lotação dos espaços no Convento de S. Miguel, foi recuperada uma antiga escola primária, nas Gaeiras, e transformada em incubadora, com salas utilizadas por empresas nas áreas das novas tecnologias e por uma empresa ligada à produção artesanal de biscoitos.

EPIC – Espaço para a Inovação e Criatividade

O conjunto de edifícios que formavam um antigo casal agrícola, com adega e lagar, armazém, casa do forno, áreas de lazer e habitação, deu agora lugar ao EPIC – Espaço para a Inovação e Criatividade. No espaço funciona o CoLab – laboratório para a colaboração, um conceito desenvolvido por Ron Reis e Pedro Reis, que escolheram Óbidos para instalar “um espaço de trabalho alternativo”.

O EPIC é dotado de espaços de trabalho que podem ser alugados ao mês, à semana, ao dia ou à hora, consoante a vontade dos interessados. Todos os co utilizadores assumem o compromisso de participar em sessões de “brainstorming” (fóruns de discussão), que podem ser encomendados por qualquer empresa, ou pessoa, que precise de novas ideias de desenvolvimento ou de soluções para os seus problemas. E este conceito não se aplica apenas a empreendedores ou às áreas criativas, mas a todas as pessoas que têm problemas para resolver, que podem ir desde a criação do próprio emprego, uma iniciativa social ou comunitária.

Praça da Criatividade, Armazém de Ideias e Creative Box

Na entrada da vila de Óbidos encontra-se um conjunto de edifícios cujas anteriores funções foram transferidas para outros locais, como é o caso dos antigos Armazéns da EPAC, oficinas e o antigo quartel dos Bombeiros Voluntários.

Os antigos Armazéns da EPAC, que têm acolhido exposições de arte contemporânea ou festas, vão ser reabilitados e transformados em Armazém de Ideias, destinado à partilha de ideias, experiências e projetos.

“O que procuramos é aumentar ao máximo a usabilidade do espaço, unindo os dois armazéns, criando uma caixa de vidro que una as estruturas de palco e que crie as instalações sanitárias indispensáveis. Estará estruturalmente ligado à *Creative box*, aumentando assim as possibilidades de utilização” (Urbact, 2011)

O edifício da *Creative Box* “irá albergar empresas de carácter jovem, embrionárias, recém-criadas ou ainda em fase de constituição, implementação e organização de suas operações (Incubadoras “*Startups*”) cujos projetos estão ligados à pesquisa, investigação e desenvolvimento de ideias inovadoras. O mesmo receberá também, empresas que tenham a sua origem na criatividade, competência e talento individual, com potencial para a criação de trabalho e riqueza através da geração e exploração da propriedade intelectual (Lab Indústrias Criativas)” (Santos J. S., 2011)

Este espaço, assim como o Armazém d'Ideias, terá um enfoque especial na ligação com a produção artística contemporânea, incluindo no mesmo espaço projetos de criação artística contemporânea com espaços para empresas criativas, procurando gerar um ecossistema mais rico e menos compartimentado sectorialmente.

A Praça da Criatividade será concebida como praça de receção e entrada da Vila de Óbidos, que estabelecerá, através da sua organização espacial, da arquitetura dos edifícios que a caracterizam, da sua dimensão e relações visuais, a articulação da vila com o território em que esta se insere e com os seus principais eixos de acessibilidade.

O projeto prevê a valorização do espaço exterior junto ao edificado, predomínio das áreas pedonais face à circulação viária, permitindo usos complementares ao edificado, como por exemplo para esplanadas, exposições e eventos.

CDI – Centro de Design de Interiores

O projeto do Centro de Design de Interiores Maria José Salavisa nasceu em 2008 com o objetivo de divulgar o trabalho da designer de interiores Maria José Salavisa, que tinha uma relação afetiva muito forte com Óbidos. A designer estabeleceu um protocolo com a autarquia segundo o qual ficou responsável pela Casa do Arco da Cadeia e uma parte da coleção que suporta o Museu Abílio Mattos e Silva (seu marido). O Centro pretende promover o design e o trabalho de jovens designers, e possui uma componente pedagógica, através do trabalho de serviço educativo.

O CDI encontra-se inserido na Rede de Museus e Galerias de Óbidos, uma estrutura que conta também com duas galerias, três museus e uma casa de memória.

Galerias Nova Ogiva, do Pelourinho e Auditório do Mocharro

A Galeria NovaOgiva é uma extensão de arte contemporânea da Rede de Museus e Galerias de Óbidos. O espaço foi criado em Óbidos, em 1970, pelo escultor José Aurélio que na época morava na vila e que chegou a colaborar no projeto do Estúdio Secla como ceramista e designer. Viria a fechar em Janeiro de 1974 e reabriu três décadas depois, como espaço para exposições e outras manifestações culturais, tendo acolhido mostras de artistas consagrados como Joana Vasconcelos, Rogério Ribeiro, Cristina Ataíde, Leonel Moura, Pedro Calapez, Fernanda Fragateiro e jovens criadores da ESAD.CR

O historiador João Serra, numa nota destinada a figurar numa exposição que documentava a obra do escultor José Aurélio na região, refere-se à galeria Ogiva como um “dos mais interessantes projetos de intervenção artística e cultural da época”. (Serra, Ogiva, Galeria em Óbidos, 1970-1974, 2003)

De acordo com o autor, aquando da criação da Ogiva, José Aurélio suscitou o acompanhamento do projeto por um grupo de artistas, um conselho cultural informal, constituído por Rogério Ribeiro, Eduardo Nery, Espiga Pinto, Areal, Helena Almeida, Artur Rosa e Manuel Baptista. Além de exposições de pintura, escultura e desenho, individuais e coletivas, a Ogiva promoveu audições musicais, nas quais participaram, entre outros, Jorge

Peixinho, António Victorino de Almeida, Olga Pratts, Maria João Pires. Finalmente, a Ogiva funcionou como centro de troca de ideias e debates, tertúlia de uma geração de criadores multidisciplinares. (Serra, Ogiva, Galeria em Óbidos, 1970-1974, 2003)

A galeria da Casa do Pelourinho foi inaugurada em 2004 e destina-se a apresentar eventos de relevância cultural, nomeadamente mostras de arte contemporânea, promovendo e estimulando a prática e os novos talentos que se vão consolidando no panorama artístico nacional. Este espaço surge como alternativa ao Solar da Praça de Santa Maria, entretanto ocupado pela coleção permanente do Museu Municipal.

Na sequência da candidatura às Parcerias para a Regeneração Urbana, foram iniciadas as obras de conservação da antiga igreja de São João do Mocharro ou de Nossa Senhora do Carmo. A igreja está localizada na encosta Oeste da vila e a sua transformação, ou reutilização enquanto auditório, possibilitará a sua utilização para eventos culturais com forte pendor contemplativo e em áreas habitualmente menos trabalhadas como, por exemplo, a literatura.

Escolas d'Óbidos

Desde 2002 que o município de Óbidos tem investido na requalificação do seu parque escolar, encerrando cerca de vinte escolas, dispersas por várias localidades e com poucos alunos, criando três complexos escolares, dos Arcos (Óbidos), Alvito (Gaeiras) e Furadouro (Amoreira), com uma arquitetura contemporânea e mais valências para os alunos, como cantina, biblioteca, ginásio e laboratórios.

A autarquia imprimiu também uma visão de mudança na educação, com o objetivo final de criar um sistema de educação próprio, a partir dos melhores referenciais teóricos sobre a escola pública.

“A criatividade e inovação são conceitos fundamentais, que nem sempre estão integrados no modelo educativo atual, pouco flexível à evolução social. O novo modelo educativo deve pois centrar a sua metodologia na pessoa e nas respostas que necessita. Devemos fazê-lo tendo em conta a formação intelectual, académica e profissional, juntando grandes e pequenas causas à criatividade, inovação e empreendedorismo”. (Escolas d'Óbidos, 2011/2012)

O serviço de educação da autarquia de Óbidos criou a Fábrica da Criatividade, que pretende sensibilizar e motivar os diferentes públicos para as temáticas da leitura, ilustração, design, arte, ambiente, história, escultura, pintura, multimédia ou performance, bem como integrar momentos de partilha de conhecimentos e experiências que estimulem o desenvolvimento da comunicação visual e integrar os atores educativos nos processos criativos na educação.

Nos três complexos escolares funciona o atelier criativo, que é um espaço de pesquisa onde se complementam conceitos como a imaginação, fantasia, experimentação, invenção, criatividade e expressão. A dinamização deste espaço prevê a presença de artistas, designers, músicos, profissionais ligados às artes performativas, que desenvolvem um trabalho complementar às atividades dos docentes. Nestes ateliers procuram relacionar a dimensão estética e a linguagem poética no processo de aprendizagem.

As escolas de Óbidos dinamizam também o laboratório de ideias, que pretende ser um espaço de partilha ligadas à área da educação.

Este concelho estabeleceu também uma parceria com Reggio Emilia (Itália) tendo por base o Programa Europeu - Comenius Regio, que permite a mobilidade de educadores, artistas ou outros técnicos da área da Educação que pretendem colocar a criatividade como foco essencial na educação. A parceria é composta pelo Município de Óbidos, Agrupamento de Escolas Josefa de Óbidos, Histórias com Bicho, Município de Reggio Emilia, Província de Reggio Emilia, Preschools and Infant-toddler Centers - Istituzione of the Municipality of Reggio Emilia and Reggio Children- International Center for the Defense and Promotion of the Rights and Potential of All Children

Espaços Criativos

Os Espaços Criativos da Rua Nova são compostos por edifícios que estavam em ruínas e devolutos e que adquiriram nomes de personalidades da cultura nacional naturais de Óbidos. Os projetos que irão ocupar estes espaços serão definidos de acordo com a tipologia de cada um dos edifícios e vão conferir aquela área, maioritariamente residencial, uma maior vivacidade social.

O Espaço José Joaquim dos Santos é composto dois pequenos edifícios contíguos, junto à muralha e com uma pequena área envolvente para a instalação de um pequeno anfiteatro ao ar-livre para cerca de 20 lugares. Pela versatilidade das áreas, é um espaço vocacionado para projetos culturais e de produção criativa.

O Espaço Josefa de Óbidos é composto por uma casa típica de Óbidos com quintal anexo, ideal para indústrias criativas e profissionais que procura um espaço para viver e trabalhar.

O Espaço André Reinoso foi durante muito tempo associado à antiga Sinagoga de Óbidos e foi recuperado para estúdios e áreas de trabalho com cerca de três pisos, mas de largura reduzida.

O Espaço Baltazar Gomes Figueira já tem sido utilizado por alguns eventos como o Junho das Artes ou como residência de projetos culturais temporários.

Bom Sucesso Design Resort, Leisure & Golf

Localizado junto às margens da Lagoa de Óbidos está o Bom Sucesso – Design Resort, Leisure & Golf, um empreendimento turístico com uma forte componente de lazer, diferenciando-se pelo conceito de “Fusão Criativa”, materializado pela conjugação de arquitetura contemporânea com a natureza. A arquitetura é o denominador estruturante do projeto, que juntou a colaboração de arquitetos como Álvaro Siza Vieira, Alcino Soutinho, Eduardo Souto Moura, Inês Lobo, João Luís Carrilho da Graça, Gonçalo Byrne, Manuel Aires Mateus, Manuel Graça Dias, Rogério Cavaca, entre outros, contando ainda com autores internacionais como David Chipperfield (Reino Unido) e Josep Llinás (Espanha).

O conjunto turístico inclui três aldeamentos: o Aldeamento Turístico Bom Sucesso Lagoa Golf, com 601 unidades de alojamento, a que se juntam mais 468, divididas entre o Aldeamento da

Floresta e o Aldeamento do Sul, e estão em construção um hotel de cinco estrelas, projetado pelo arquiteto Souto Moura.

O empreendimento integrou o elemento design convertendo -o em algo “tangível e com valor económico para o turismo e sector imobiliário”. (Bom Sucesso | Design Resort, Leisure, Golf, 2008). O Bom Sucesso apresenta-se como uma oferta diferenciada do ponto de vista turístico, com uma aposta forma na inovação e na relação com o território.

Hotel Rio do Prado

O Rio do Prado é um hotel de design ecológico está localizado no Arelho, junto à Lagoa de Óbidos. Assente nos conceitos de criatividade e sustentabilidade,

A originalidade do hotel reside no reaproveitamento que faz dos materiais da obra com que foi edificado, assim como de outras, que recolheram para transformar em mobiliário, como é o caso de cadeiras, molduras, espelhos, mesas e espreguiçadeiras. Estes móveis também podem ser adquiridos pelos hóspedes no Ecolab. O proprietário do hotel, Telmo Faria, pretende também criar um atelier para acolher peças de outros designers, promovendo assim esta vertente mais verde do design.

Royal Óbidos

O empreendimento Royal Óbidos também se situa nas margens da Lagoa de Óbidos, junto dos empreendimentos turísticos Bom Sucesso Design Resort e Praia d’el Rey. Para breve está prevista o início da construção de um novo empreendimento de luxo, o Falésia d’el Rey.

O Royal Óbidos caracteriza-se por tem uma baixa densidade de construção e utilizar materiais e técnicas de construção reconhecidas pelos padrões ambientais. Além das unidades turísticas, o empreendimento incluirá um hotel de cinco estrelas, cuja arquitetura de interiores e decoração estará a cargo da Yoo Design Studio, formada pelo famoso designer francês Philippe Starck e pelo britânico John Hitchcox. Philippe Starck, um dos nomes mais conceituados do design contemporâneo, evidencia-se em várias áreas, desde o mobiliário e a arquitetura de interiores, à iluminação e até acessórios de cozinha. O seu design é caracterizado por peças estilizadas, com aspeto orgânico e linhas finas, elaboradas a partir de ligas de materiais pouco comuns. Associados ao hotel, os apartamentos T2 contarão com o design de interiores de Jade Jagger for Yoo.

O Royal Óbidos foi distinguido como o melhor empreendimento turístico nacional de 2012 na cerimónia anual de entrega de prémios do Jornal Construir.

3.2.2.3. - PESSOAS E EVENTOS

Creative Breaks

O projeto Creative Breaks, ligado ao sector do turismo, pretende dar aos visitantes a possibilidade de viverem experiências criativas, dinamizadas por um conjunto de entidades e criativos. Estas podem ser vividas ao nível do sentir, com projetos nas áreas da gastronomia, doçaria e vinhos; do contemplar, com atividades nas áreas da fotografia e do vídeo; da criação,

com projetos de artes plásticas, joalheria e cerâmica criativa; e outras experiências nas áreas do entretenimento, desporto e natureza. Atualmente já são perto de 20 os hotéis locais que aderiram a este projeto.

O “Óbidos Creative Breaks” pretende ser, de acordo com o presidente da Câmara de Óbidos, uma resposta ao nível da oferta de contemporaneidade, garantida pelos “talentos” que se foram instalando no concelho nos últimos anos”.

Associação Nacional de Cake Designers

A Associação Nacional de Cake Designers (ANCD) foi criada em Novembro de 2009 e tem como principal objetivo promover o desenvolvimento dos criadores artísticos de bolos. Está sediada no ABC – Apoio de Base à Criatividade, no Convento de S. Miguel, nas Gaeiras. É uma associação de carácter pedagógico, sem fins lucrativos, e nasceu da união de um pequeno grupo que tem em comum uma verdadeira paixão pela arte de criar e decorar bolos e a vontade de contribuir para a promoção e desenvolvimento da profissão a nível nacional e internacional.

Desde que foi constituída já foram realizados diversos workshops, com a presença de cake designers de vários países, sobretudo do Brasil, Argentina e Israel, e tem sido premiada nos mais prestigiados concursos internacionais do sector.

A associação realiza também o evento Cake Alive, em Óbidos, que junta demonstrações de cake design, concursos, marcas e empresas ligadas ao cake design.

Pousada do Castelo

A Pousada está situada no castelo de Óbidos desde 1950 e possui a classificação de pousada histórica. O projeto arquitetónico é da autoria de João Filipe Vaz Martins que, com este trabalho, inaugurou o conceito de aproveitamento e recuperação de edifícios históricos. Resulta de um primitivo paço quinhentista, de estilo Manuelino, que foi convertido em pousada pelo Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo e cuja concessão foi dada à atriz Luísa Santanela, que ali começou a trazer amigos e frequentadores nacionais e estrangeiros, ligados à cultura. A Pousada conta agora com 17 quartos, decorados ao estilo medieval, com camas de dossel e paredes em pedra, criando um ambiente único, que remonta a tempos passados. Três deles ficam situados nas torres do castelo.

O restaurante da Pousada, com vista panorâmica e privilegiada sobre a Várzea da Rainha e Ermida de Santo Antão, aposta na gastronomia regional.

3.2.2.4. - TRANSPORTES

O concelho de Óbidos situa-se a cerca de 5 Km de Caldas da Rainha, dista 50 Km da cidade de Leiria, 75 Km de Lisboa e 245 Km do Porto. Beneficia dos acessos ao IC1 e EN8, à autoestrada entre Lisboa e Leiria (A8) onde conta com dois nós de acesso, à A15 que liga Caldas da Rainha a Santarém e ao IP6 que faz a ligação entre Óbidos e Peniche.

No que respeita à rede ferroviária é atravessado pela linha do Oeste. Ainda no que respeita à mobilidade, Óbidos possui uma rede de transportes Públicos, o OBI, que liga todos os aglomerados à vila.

Esta rede de acessibilidades cada vez mais alargada coloca o concelho numa posição de centralidade, contribuindo desta forma para melhorar a competitividade da zona Oeste permitindo simultaneamente captar novos investimentos e investidores para a região.

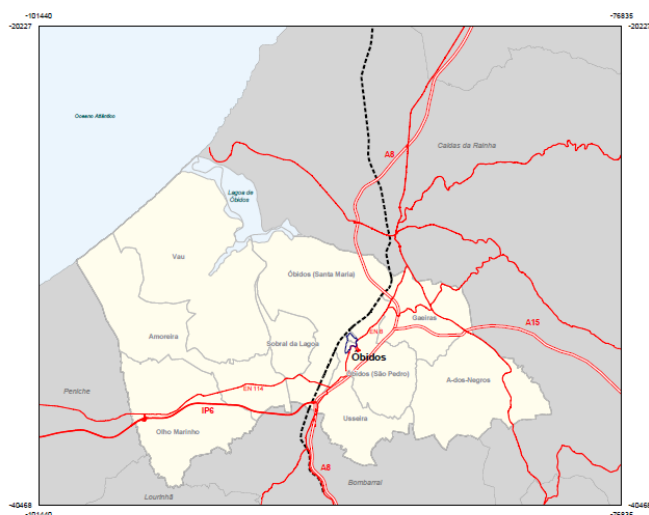


FIGURA 3- MAPA DE ACESSIBILIDADES DE ÓBIDOS (CMO)

A Estratégia “Óbidos Criativa”

“A estratégia “Óbidos Criativa” começou a ser possível a partir do conhecimento que em Óbidos era possível criar, fazer nascer, acontecer. Bastava para tal que houvesse inovação e que a aposta na diferenciação fosse clara, arrojada e perceptível por todos” (Faria, 2009). A aposta da autarquia começou em 2002, com o objetivo de valorização do seu território através do marketing territorial, assente no Festival Internacional do Chocolate, a ligação ao Euro 2004 e o lançamento do conjunto turístico Bom Sucesso Design Resort no Centro Cultural de Belém. O Festival Internacional de Chocolate, que vai já na sua 10ª edição, atraindo anualmente à vila cerca de 200 mil pessoas para visitar o evento. Para o presidente da Câmara, Telmo Faria, o chocolate chamou a atenção de Óbidos como marca, criando um outro castelo, mais imaterial (Coelho, 2009) e, consigo, também mais riqueza pois muitos investidores se têm aproximado da vila devido a este modelo.

Em cada edição são criadas esculturas em chocolate de grandes dimensões pelos profissionais que frequentam os cursos no Centro de Formação Profissional para o Setor Alimentar da Pontinha. Outra das particularidades são as passagens de modelos com chocolate, com assinatura de estilistas como Augustus, Storytailors ou Rita Bonaparte.

A ligação de Óbidos ao Euro 2004, e depois ao Mundial 2010 e ao Euro 2012, tem passado uma mensagem de qualidade e de criatividade, o mesmo acontecendo com a abertura da exposição de arquitetura realizada no Centro Cultural de Belém, denominada “14 arquitetos: projetos do Bom Sucesso”. No catálogo da exposição José Martins refere que o Bom Sucesso - Design Resort, Leisure, Golf & SPA pretende ser um projeto de referência entre os conjuntos

turísticos, utilizando a arquitetura contemporânea como vertente central da estratégia da sua conceção, com grande pluralidade de autores portugueses importantes, cuidadosamente articulados e organizados. No mesmo espaço, todos os arquitetos respeitam um conjunto de regras imperativas, em particular, a paisagem envolvente, mantendo a sua criatividade individual e criando um todo harmonioso.

O modelo de desenvolvimento de Óbidos assenta na qualidade de vida preservando a baixa densidade.

Uma das medidas concretas para esse crescimento em qualidade e não em quantidade foi a suspensão do Plano Director Municipal, que previa a criação de 39 mil camas em dois mil hectares na zona do Bom Sucesso, para a possibilidade de apenas se construírem 20 mil camas em quatro mil hectares.

Nessa zona, situada junto à Lagoa de Óbidos foram construídos essencialmente empreendimentos turísticos de baixa densidade, como o caso do Bom Sucesso Design Resort, as Quintas d'Óbidos e o Royal Óbidos.

Lembrar, como já foi referido antes que, a par do ordenamento do território as políticas locais têm sido direcionadas na concretização de uma rede de equipamentos sociais, através da criação de creches, jardins-de-infância e centros de dia, mas também dos complexos escolares dos Arcos, Alvito e Furadouro), onde a criatividade faz parte da estratégia adaptada a todos os seus intervenientes. É feita uma aposta num ensino que enfatize a dimensão do indivíduo e dos seus talentos através de programas de médio e longo prazo, como é o caso do programa “descobre o teu talento” e o lançamento de um conselho de criativos que apoie todos os professores e educadores. (Faria, 2009)

As políticas municipais em curso procuram estimular a aposta no conhecimento, no acesso a mais recursos de instrução e na capacidade de produzir mais e melhores resultados, tanto a nível individual como coletivo. As pessoas são desafiadas a participar em processos como o design colaborativo ou de co-working, através da interação dos profissionais e da possibilidade de colocação de novos produtos no mercado.

O projeto Odesign é um exemplo disso. Associado ao Centro de Design de Interiores (CDI) o projeto juntou designers com artesãos e instituições de solidariedade social, em que aos primeiros coube a tarefa de, partindo da matriz que já existe, tentar recriar produtos que permitissem que se criasse uma cadeia económica e social. Os primeiros trabalhos executados foram as rendas, em que aproveitaram as rendas que as mulheres, neste caso as utentes do centro de dia do Bairro da Senhora da Luz, sabiam fazer e às quais introduziram outros elementos. Foram recriados um conjunto de produtos a que deram alguma modernidade e suportes diferentes, mas sempre utilizando a renda, as pedras e os diferentes pontos que as senhoras sabem fazer.

Outro grupo adaptou o bordado dos lenços dos namorados, também conhecidos por lenços de Viana, a t-shirts e pins (pregadeiras). Foram feitos 150 pins para levar à primeira apresentação pública do projeto, em Liège, no âmbito do Urbact (programa europeu de cooperação territorial), em Dezembro de 2010.

Os designers estão a trabalhar com os três públicos diferenciados. Os artesãos da verguinha já têm uma proposta, assim como os que pintam em corda seca e os que se dedicam à tapeçaria. Também a nível ambiental estão a ser dados passos no caminho da sustentabilidade. O programa “Óbidos Carbono Social” tem como grande objetivo a redução dos gases de efeito estufa em cerca de 40%. Para o conseguir serão aplicadas 18 tipos de intervenção, entre eles a substituição das lâmpadas antigas por outras de baixo consumo, a colocação de reguladores de fluxo na iluminação pública, instalação de painéis foto voltaicos e solares nos edifícios públicos, criação de ciclovias, o uso de biocombustível na frota municipal de veículos e a recolha seletiva de lixo indexada a um novo tarifário.

Ao nível dos negócios Óbidos tem apostado no empreendedorismo e na capacidade de criação do próprio negócio, associado à criatividade.

Foi criado, como já foi referido antes, um Parque Tecnológico direcionado para as indústrias criativas, dando preferência a empresas e talentos nas áreas das tecnologias da informação e comunicação, média e audiovisual, arquitetura e design, artes e publicidade, entre outras atividades criativas. Este parque está integrado num programa estratégico, denominado INOV C, que integra outros parques e universidades.

A aposta na ginja d’Óbidos, produto característico da terra, associada ao turismo e aos grandes eventos, assim como as derivações deste produto e da sua associação ao chocolate também mostram a inovação e investigação que tem sido feita ao nível alimentar, assim como a aposta na agricultura biológica, que nos últimos anos tem ganho terreno no concelho.

Outra dimensão importante na estratégia que Óbidos está a seguir é a criação de uma rede de habitações criativas e participação em redes de cooperação e partilha. A nível europeu Óbidos foi líder do projeto Creative Clusters in Low Density Areas (do qual fazem parte também Barnsley no Reino Unido, Catanzaro em Itália, Enguera em Espanha, Hódmezovásarhely na Hungria, Mizil na Roménia, Reggio Emilia e Viareggio, ambas em Itália), aprovado no âmbito do Urbact II da União Europeia. Esta rede teve como principal objetivo a troca de experiências e boas práticas, propondo recomendações políticas e práticas de ação para o desenvolvimento das indústrias criativas e manutenção de talentos nos territórios de baixa densidade.

A nível nacional Óbidos participa na primeira rede urbana de competitividade e inovação, que inclui também as cidades de Guimarães, Portalegre, Montemor-o-Novo e Montemor- o-Velho, num total de 300 mil habitantes, e que visa atrair talentos e as indústrias criativas.

Com estas medidas Óbidos pretende dar um contributo efetivo para um crescimento das indústrias criativas num país, que a analisar pelo Plano Tecnológico do Governo, precisa de uma “alteração drástica” face à diminuta expressão que este sector ainda tem na economia.

(Faria, 2009)

3.2.3. – AS INSTITUIÇÕES

3.2.3.1. - ESAD

A ESAD. CR (Escola Superior de Artes e Design de Caldas da Rainha) existe desde 1988, e é um estabelecimento de ensino público que faz parte do Instituto Politécnico de Leiria. De acordo com informação da escola, a tradição de cerâmica artística nas Caldas foi um fator determinante na localização desta escola superior do ensino público. “Esta é, por excelência, uma cidade de artes, com vasto património artístico e cultural, sobretudo nos domínios da pintura, da escultura e da produção cerâmica”. (ESAD.CR, 2006)

A escola iniciou a atividade letiva em 1990 com três cursos de bacharelato aptos a colmatar a falta de competitividade da indústria cerâmica e a ausência de técnicos superiores qualificados nos domínios das Artes e Design. Atualmente a escola possui cursos superiores em Artes Plásticas, Design de Ambientes, Design Industrial, Design de Cerâmica e Vidro, Design Gráfico e Multimédia, Teatro, Som e Imagem e dispõe, desde 2008, de cursos de mestrado em Artes Plásticas, Teatro, Design de Produto, Design Gráfico, Design de Tipografia e Gestão Cultural. Localizando-se numa região industrializada, num dos mais antigos centros de produção cerâmica, com fortes tradições artísticas, a ESAD.CR pretendeu posicionar-se conscientemente face a essa tradição. De acordo com o site Rotas de Cerâmica, a escola tem, assim, contribuído para a promoção da indústria cerâmica local e nacional, quer pela qualidade das propostas apresentadas no âmbito dos estágios curriculares, integrados nos cursos de Design Industrial e de Design Tecnologias para a Cerâmica, quer pela participação dos seus estudantes e professores em concursos nacionais e internacionais, nos quais é frequente distinguirem-se, com sucesso, salientando-se a mais recente atribuição, o “*Prix de la Meilleure École de Design*”, na III Bienal Internacional de Design de St. Étienne, em 2002”. (Rotas de Cerâmica)

Instalada num campus situado entre pinheiros a pouca distância do centro das Caldas, a ESAD.CR possui diversos edifícios, entre os quais o complexo original que ganhou o prémio SECIL de arquitetura. A escola possui também diversas salas-atelier, que inclui oficinas tradicionais e multimédia, auditórios e anfiteatros.

Com o decorrer dos anos tem-se registado também um aumento do número de alunos a frequentar os cursos da escola. A ESAD.CR arrancou no ano letivo de 1990/91 com 75 alunos inscritos nos cursos de Artes Plásticas, Design Industrial e Design de Cerâmica e Vidro. Nos anos seguintes esse número foi aumentando, até que no ano letivo de 1999/2000 ultrapassou os mil alunos inscritos. No ano letivo de 2010/2011 estavam inscritos 1306 alunos nos vários cursos de licenciatura e mestrado.

TABELA 1 - EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE LICENCIADOS, POR CURSO, POR ANO LECTIVO, NA ESAD.CR (ESAD.CR, 2006)

ANO LECTIVO	Cursos de 1º ciclo											
	Artes Plásticas (1025»9007)	Design Industrial (1927»9074)	Design Tecnologias para a Cerâmica (1928) »Design de Cerâmica e Vidro (9724)	Design tecnologias Gráficas/Multimédia (1929) »Design Gráfico e Multimédia (9729)		Tecnologias da Informação Empresarial (1785)	Animação Cultural (1037»9466)	Som e Imagem (1745; 9457)		Teatro (1782»9243)	Design de Ambientes (9723)	TOTALIS
				Gráf.	Multim.			Som	Imagem			
1999/2000	26	9	10	-	-	-	-	-	-	-	-	45
2000/2001	43	17	14	30	-	21	-	-	-	-	-	125
2001/2002	49	26	6	23	-	43	-	-	-	-	-	147
2002/2003	53	39	18	19	14	35	-	-	-	-	-	178
2003/2004	51	34	15	15	21	27	-	-	-	-	-	163
2004/2005	51	29	15	10	14	28	-	-	-	-	-	147
2005/2006	43	25	13	13	22	19	25	19	-	-	-	179
2006/2007 Bolonha	74	56	41	58	70	3	38	37	16	-	-	393
2007/2008	82	71	31	58	49	1	35	63	22	-	-	412
2008/2009	47	42	9	29	30	-	25	36	15	-	-	233
2009/2010	44	33	10	45	29	-	2	11	39	18	16	247
TOTALIS	563	381	182	300	249	177	125	205	71	16	-	2.269

Durante o seu funcionamento os seus alunos e docentes têm ganho diversos prémios nas áreas das artes e design, em importantes competições internacionais. Recentemente a ESAD.CR viu a qualidade de dois dos seus cursos ser reconhecida no ranking da reputada revista Domus, “Europe’s top 100 schools of architecture and design 2013”.

A licenciatura em Design Industrial e o mestrado em Design do Produto foram distinguidos por esta publicação italiana, considerada uma referência nas áreas da arquitetura e design. A ESAD.CR está entre os 31 melhores estabelecimentos de ensino da Europa na categoria “product design”.

3.2.3.2. - CENCAL

O CENCAL - Centro de Formação Profissional para a Indústria Cerâmica, foi criado em Dezembro de 1981 através de um protocolo entre o Fundo de Desenvolvimento da Mão de Obra (FDMO) hoje IEFP (Instituto de Emprego e Formação Profissional), a Associação Portuguesa dos Industriais da Cerâmica (APC) hoje APICER (Associação Portuguesa da Indústria de Cerâmica) e a Associação dos Industriais da Região das Caldas da Rainha (AIC), atual AIRO - Associação Industrial da Região do Oeste.

Esta instituição de formação e de apoio técnico-pedagógico é vocacionada para o sector da indústria cerâmica portuguesa e transversalmente para outros sectores dominantes na região Oeste. As atividades formativas começaram em 1985, e foi dada especial atenção às necessidades futuras das empresas, lançando-se em áreas inovadoras, especialmente no domínio das novas tecnologias.

No CENCAL simula-se uma pequena empresa de cerâmica para que os formandos possam tomar contacto com a realidade fabril. Assiste-se a todo o processo de fabricação, desde a

modelação até à cozedura e por fim a pintura. Para os deslocados, o CENCAL tem capacidade para receber cerca de meia centena de internos. Nas instalações existe um bar, refeitório, sala de convívio, biblioteca e sala de estudo, para além dos campos de jogos e salas para atividades culturais. (CENCAL, 1985-2012)

Em 2008, além das Caldas, o CENCAL cria uma delegação em Alcobaça para apoiar as empresas cerâmicas daquele concelho e desenvolver atividades no âmbito das Novas Oportunidades. Em 2011, por decisão governamental, alargou a sua ação ao sector do vidro, integrando as instalações do CRISFORM, na Marinha Grande. Também nas instalações da Marinha Grande simula-se uma empresa de cristalaria, onde se podem utilizar as várias técnicas de produção desde o vidro industrial, ao vidro soprado e às técnicas mais recentes.

Uma área que o CENCAL tem dado especial atenção é a da cerâmica criativa e ao design cerâmico, organizando workshops, colóquios e seminários ou recebendo, nas suas instalações, artistas, investigadores, designers, técnicos e estudantes estrangeiros, para realizarem projetos.

Este centro de formação também participou em diversos projetos europeus e transnacionais.

Entre 1986 e 2001 colaborou na realização dos Cursos de Iniciação ao Design Cerâmico no âmbito dos Concursos Jovem Designer organizados pelo ICEP. Inicialmente estas ações eram destinadas a alunos de design da ESBAL, mas depois foram alargadas a todas as escolas de design do país e, em algumas edições, do estrangeiro. Anualmente eram convidados *designers* estrangeiros consagrados para apresentarem propostas para serem desenvolvidas pelos alunos de design que depois eram desenvolvidas durante um mês em cada centro de formação aderente. (CENCAL, 1985-2012)

De acordo com João Serra, “não foram só renomados autores europeus, americanos ou japoneses que passaram pelo Centro das Caldas da Rainha, foram nomes cimeiros das artes plásticas, do design e da cerâmica de autor portugueses que no Cencal desenvolveram projetos, deram cursos, seminários e fizeram workshops”. (Serra, Cencal, 25 anos: uma instituição inovadora, 2007) E, foi dessa atividade que resultou o processo que levou à criação da ESAD – uma escola de artes e design com especial ligação à cerâmica - que João Serra apresentou no Dia da Cidade, a pedido da edilidade local, ao então ministro João de Deus Pinheiro.

3.2.3.3. - ESCOLA SECUNDÁRIA RAFAEL BORDALO PINHEIRO

A Escola Secundária Rafael Bordalo Pinheiro é herdeira de uma longa tradição na formação artística e cerâmica. A sua formação inicial remonta a 1884, com a designação de Escola de Desenho Rainha D. Leonor e, três anos depois é elevada a Escola de Desenho Industrial mantendo a mesma designação de Rainha D. Leonor, tendo como finalidade criar trabalhadores com formação técnica e profissional nas Caldas. Mas o processo efetivo de ligação da indústria de cerâmica ao ensino data do ano de 1887/88, através de um protocolo entre a Escola e a Fábrica de Faianças Rafael Bordalo Pinheiro, de que resulta a primeira experiência de ensino integrado. O governo subsidiava a Fábrica, competindo-lhe a esta

ministrar o ensino da cerâmica aos alunos da Escola. Em 1918, com a reorganização do ensino técnico, opera-se a transformação da escola em de Artes e Ofícios. (Rotas da Cerâmica)

Em 1923 a sua designação foi alterada para Escola Comercial e Industrial Rafael Bordalo Pinheiro onde são ministrados os cursos industriais de cerâmica, eletricidade, carpintaria, serralharia e, exclusivamente feminino, Costura e Bordados, assim como o curso comercial. Já na década de 40 do século passado a escola muda de instalações e também de nome, passando a designar-se Escola Industrial e Comercial de Caldas da Rainha. Em 1979 assume a designação que ainda se mantém de Escola Secundária Rafael Bordalo Pinheiro.

A escola foi diversificando a sua oferta educativa, apostando em cursos de carácter técnico profissionalizante entre outros, na área da cerâmica e de preparação para o ingresso no Ensino Superior. Atualmente na área da formação artística administra o curso de artes e o curso tecnológico de artes e ofícios.

As áreas oficiais permitem a exploração de projetos artísticos na área da serigrafia, metais, eletricidade, têxteis e madeiras. No âmbito dos projetos internacionais Sócrates/Comenius, têm sido realizados alguns trabalhos de intercâmbio de professores e alunos onde têm sido divulgadas as vertentes artísticas da escola e da região.

A Escola Secundária Rafael Bordalo Pinheiro possui um vasto espólio de trabalhos realizados ao longo do último século na área da cerâmica.

Esta escola, que possui atualmente 970 alunos, foi recentemente requalificada pela Parque Escolar possuindo, após um investimento superior a 10 milhões de euros, instalações e equipamentos com elevados padrões de qualidade.

3.2.4 – LIGAÇÃO DO TERRITÓRIO COM AS INSTITUIÇÕES E OS PROFISSIONAIS

A forma como o território é visto, vivido e pode ser potenciado, adquire diversas formas consoante os seus atores. Nas entrevistas que se seguem fomos saber junto de empresários, poder local e designers como pensam o território e a relação entre este e o design e como pode o design contribuir para o desenvolvimento social e económico desta comunidade.

Empresários

Segundo o administrador da empresa Molde¹⁰, Joaquim Beato, em entrevista para esta investigação, o que define as empresas exportadoras é a “ligação do design a uma área técnica que a produção possa ter para satisfazer um serviço de um cliente”. O empresário considera que é importante aprender primeiro as necessidades do mercado e depois colocar o designer como um técnico, mas adverte que “não é uma criação livre, nem é sequer uma

¹⁰ Empresa fundada em 1988, é especializada em loiça utilitária e decorativa. Entre 1988 e 1994 fez um trabalho exaustivo a nível de investigação e desenvolvimento do produto e da área comercial, com vista a promover a terracota, evidenciando as suas características e vantagens e começou a surgir a “diferenciação da Molde”. Em 1992 ganhou o Prémio Nacional de Design e tem realizado projetos com ceramistas conceituados, nomeadamente com Mestre Ferreira da Silva. Em 2003 participou no projeto “Mostra a Bilha”, onde foi responsável pela produção dos dez protótipos concebidos pelo mesmo número de designers portugueses.

criação. Isso é para o artesanato, para a indústria não”, refere, adiantando que “é pura perda de tempo querer fazer coisas que depois o mercado não absorve”¹¹.

A trabalhar por subcontratação por encomenda, Joaquim Beato explica que para a produção de uma peça, primeiro fazem os *briefings* com os clientes e depois trabalham com os seus designers, e dos clientes, e “desmultiplicamo-nos para encontrar a solução certa e o preço”. Na sua opinião, o designer não pode ser só uma pessoa de ideias, tem que entender todo o processo de produção. A Molde desenvolve, em média por ano, mais de 800 novas peças e todas elas têm normalmente uma finalidade para o cliente que as encomenda.

“Temos um espaço livre em que aproveitamos a criatividade, mas é muito direcionado”, explica o empresário, fazendo notar que a indústria para ser competitiva tem que ter um padrão de qualidade expectável. O empresário adianta que os fatores distintivos da Molde são uma elevada capacidade técnica, rigor nos sistemas de produção e um rigor e capacidade de desenvolver formas com decorações e cores bastante variadas. “Conseguimos ir da loiça de mesa à mais decorativa, do grés à faiança, percebendo que cada produto tem funções diferentes”, explica o empresário, acrescentando que o importante nestas matérias é haver sonho de investigação e desenvolvimento técnico e que o design para a indústria passa por estes fatores de competitividade. “Vejo as escolas bastante longe do rigor das empresas, para que as empresas pudessem contar mais com as escolas deviam fazer parte do seu planeamento pedagógico”, considera Joaquim Beato que tem conhecimento de alguns sítios onde a ligação escola empresa é bastante mais apurada.

Para o empresário a formação disponibilizada pela ESAD ao nível do design será uma mais-valia, mas tem dúvidas “se não criámos escolas de design em excesso”.

“O design só interessa às empresas se traz negócio, havendo uma componente de um a dois por cento que as empresas podem arriscar”, refere o empresário, que considera que criou-se uma mentalidade errada partindo do pressuposto de que as empresas não criavam uma marca porque lhes faltou design. “Eu acho que nunca lhes faltou design”, diz o administrador da Molde, que em 1992 recebeu o Prémio Nacional de Design para a Indústria, pelo Centro Português de Design¹².

“A Molde sempre se preocupou com o design, temos é muitos designers estrangeiros a trabalhar connosco, e é sempre virado para o cliente”, vinca.

Para o empresário da indústria cerâmica, é necessária uma maior ligação das cadeiras de design ao concreto. “É criado um espaço de excessiva liberdade ao design e que na vida prática não é assim”, refere.

Para Joaquim Beato o design deve ser ligado ao meio ambiente para cativar as pessoas aos territórios. “O que distingue as regiões é o que consegue oferecer às pessoas em meio físico”, afirma, dando como exemplo que um estabelecimento Hard Rock Café não seja muito importante para esta região, pois tem implícita uma ligação a uma cidade ou capital. No

¹¹ A Molde só produz por subcontratação de encomenda e atualmente possui 83 trabalhadores. Perto de 70% da produção é exportada para os Estados Unidos e o restante para outros mercados externos. A comercialização no mercado interno é residual.

¹² A Molde é uma das poucas empresas na área da cerâmica a desenvolver turismo industrial, tendo percursos orientados no interior da fábrica para mostrar como se faz a sua cerâmica utilitária

entanto, a potenciação de passeios pedestres, *bird watch* e gastronomia faz-lhe todo o sentido. “Porque não as festas populares terem uma outra dimensão e dar-lhes um sentido de importância, questiona o empresário, que defende um “redesenhar do princípio da região”.

“O nível cultural é a grande definição do que vai ser o futuro, a questão onde as pessoas se enquadram e isso depende de duas questões: o que as pessoas têm para oferecer e que ensinamentos conseguem dar aos seus próprios visitantes”, considera.

O empresário Joaquim Braz Gil, responsável pela empresa Braz Gil¹³, que se tem destacado no sector da cerâmica pela originalidade das suas peças em porcelana e faiança, tem apostado em produtos com alto valor acrescentado, com um design e identidade próprios e com qualidade.

Com todo o seu produto direcionado para o mercado de luxo, o proprietário desta manufatura defende a constituição de parcerias, destacando que uma empresa pequena não tem dimensão para ter um designer. “Se houvesse um centro de cerâmica e se todos se juntassem, ganharíamos todos”, considera o empresário para quem o futuro passa pela vontade de se encontrarem soluções em conjunto.

Joaquim Braz Gil destaca também a importância do turismo industrial para a captação de pessoas e divulgação das empresas, assim como a realização de workshops e outros eventos. No caso concreto da Braz Gil, foi criado o Jardim d’Artes¹⁴, um espaço de cerca de 20 mil metros quadrados, essencialmente virado para as artes, situado no Imaginário. Atualmente tentam trazer pessoas até à empresa e mostram o que se está a fazer, e depois convidam muitos artistas de várias áreas a trabalhar com eles. “Não se pode pedir às empresas que faturam muito pouco que tragam e paguem a vários jovens”, explica o empresário, dando nota que têm que pagar muitos impostos.

Joaquim Braz Gil realça ainda que a ESAD e o Cencal poderão ser bons parceiros das empresas da região.

Autarcas

No que respeita à visão dos autarcas, a vereadora com o pelouro da cultura, Maria da Conceição Pereira, que também trabalhou numa empresa de cerâmica, diz que sempre acreditou na ligação deste território ao design e lembra que as Caldas da Rainha foi vanguardista nesse aspeto, dando o exemplo da Secla, que trabalhou com artistas¹⁵. “Tudo

¹³ A Braz Gil é uma empresa familiar vocacionada para uma produção cerâmica não massificada e trabalhando para nichos de mercado muito exigentes. Produz por encomendas de clientes, tendo peças à venda no Palácio Nacional de Queluz ou no Museu de Tyssen em Madrid, trabalhando também para a marca internacional L’Objet. Também possui uma loja junto à manufatura onde são comercializadas as suas peças.

¹⁴ Trata-se de um projeto de turismo industrial que foi inaugurado em 2011 e é composto por um lago, mais de 500 árvores de 78 espécies classificadas, plantas, flores e um jardim de ervas aromáticas, percursos pedestres, uma manufatura de porcelana onde os visitantes podem ficar a conhecer como se fazem as peças da Braz Gil e uma loja onde essas peças podem ser adquiridas. Também existe no Jardim d’Arte um Gift Shop, com produtos gourmet e um restaurante com esplanada

¹⁵ A Secla foi pioneira na cerâmica de autor com o Estúdio Secla, por onde passaram, nas décadas de 50 a 70 do século XX, grandes nomes das artes em Portugal como Ferreira da Silva, Júlio Pomar, Hansi Stael, António Quadros, Santa Barbara, Alice Vieira, Querubim Lapa, Luis Pacheco, Almeida Monteiro e António Cardoso, entre outros

isso era design, era o procurar novas formas, novo tipo de peças e trabalhos mais contemporâneos e vanguardistas”, considera a autarca, acrescentando que a Câmara comprou o espólio daquela empresa tendo em conta essa ligação.

Maria da Conceição Pereira defende que o Museu da Cerâmica deve ter em conta o design e deve ser feita uma aposta nesse sentido. “Ainda não temos um grande centro de design e acho que há potencial para isso. Já há apontamentos mas ainda não há um trabalho feito nesse sentido, isso passa muito também por uma grande união que deve haver entre várias entidades”, refere.

A autarquia pode ser um motor para que isso aconteça, considera a autarca, acrescentando que esta pode organizar eventos, ajudar a que as pessoas dialoguem e que as instituições se entendam, de modo a fazer-se um trabalho de conjunto mais forte. “Estas coisas ou têm dimensão ou então, sozinho, não se consegue potenciar”.

Para a vereadora da cultura a ligação com a escola é boa, embora atualmente as escolas tenham a sua autonomia e, como “o corpo docente também não reside no local, isso faz com que não haja uma integração total na comunidade e mais difícil o contacto”.

A autarca também concorda com a ligação das Caldas e Óbidos em torno de um projeto comum. “Acho que não há razão para as pessoas estarem de costas voltadas mas, infelizmente, as pessoas ainda têm dificuldade em dialogar e poder entender que se trabalharmos em conjunto só temos a ganhar”, considera, defendendo também a inclusão da ESAD.CR.

Para Maria da Conceição Pereira, o território deveria afirmar-se a nível industrial, mas não de grande escala. “O design tem que estar ao serviço da indústria, do comércio, para que possa ter a sua rentabilidade”.

Óbidos tem estado a apostar, nos últimos tempos, no design porque reconhece o seu potencial, não só enquanto disciplina e atividade económica, mas também enquanto processo com enorme potencial transformador ao nível social.

Na opinião de Miguel Silvestre, coordenador da área da Economia, Criatividade e Inovação, da empresa municipal “Óbidos Criativa” e diretor executivo do PTO, o design pode contribuir para o desenvolvimento social e económico da comunidade ao fornecer-lhe uma ferramenta ou metodologia que basicamente os pode ajudar a fazer ou a criar tudo, o que quer que seja. “É também muito importante ao nível da autoestima e da afirmação da autenticidade local, inata e endógena”.

Para Miguel Silvestre a criatividade ou o “espírito criativo” pode e deve ser concretizada através do design. “Poucas disciplinas têm a capacidade conceptual e, ao mesmo tempo, de execução e comunicação como o design”, considera acrescentando que, nesse sentido, é hoje reconhecido como um dos mais importantes fatores de empreendedorismo, algo que “podemos designar como *peer pressure*. Uma tradução livre seria pressão dos pares e que nos remete para o exemplo do nosso vizinho como uma influência positiva para eu próprio desenvolver o meu projeto”.

Num concelho ou região há ainda que trabalhar numa dimensão mais abrangente, com uma agenda que integre todos os fatores catalisadores de desenvolvimento, de maneira a criar uma nuvem ou atmosfera que seja facilitadora de desenvolver esse espírito criativo. Há ainda que estar atento às novas formas de governação, mais horizontais, inclusivas dos contributos especializados de cada um, aproveitando a fome de participação de franjas da população que podem e querem ser mais ativas na procura de soluções para os desafios quotidianos do território e da comunidade.

O design pode influenciar a vida das pessoas e das comunidades dando conceitos, ferramentas e colocando-as em interação para passar da ideia à ação. “Ensiná-las a criar e a partilhar. Tão simples e tão complexo quanto isso!”, afirma.

Em Óbidos a autarquia defende o conceito de querer gerar não um *cluster* de negócios, mas um cluster de pessoas que partilhem uma visão de desenvolvimento alicerçado nos mesmos pilares: criatividade e inovação e sustentabilidade ambiental. “Em cima desses pilares podem e devem poder construir o que entender e da forma que considerarem correta”, refere.

“Procuramos criar um novo modo de vida, um que misture a qualidade de vida das áreas rurais com as ‘facilities’ do modo de vida urbano, diluindo um pouco essas fronteiras artificiais que colocam nas áreas rurais apenas empregos que não fazem do conhecimento, da criatividade, da tecnologia o motor desses projetos. Talvez seja aqui que devemos investir nesse conceito, há que pensar que sociedade e região queremos ser, porque o design naturalmente dará a resposta que precisamos, mas primeiro há que fazer essa pergunta”.

Empreendedores

O presidente da Câmara de Óbidos, Telmo Faria, colocou pessoalmente em prática a estratégia que defende para o concelho, ao nível da criatividade e design, ao construir um hotel com uma aposta muito forte ao nível da sustentabilidade e também do design.

Situado no Arelho, junto à Lagoa de Óbidos, o hotel Rio do Prado teve o eco-design muito presente na sua construção e decoração, nomeadamente com o uso de matérias-primas como o ferro ou as madeiras reutilizadas, casos do pau de eucalipto descascado resultante do desbaste florestal ou das tábuas usadas na cofragem do betão. “Este trabalho é inspirado na Gulbenkian, com a cofragem à vista, como se fazia nos anos 50”, explica o proprietário que trabalhou com empresas locais na sua construção.

As mesas do restaurante têm, do ponto de vista estrutural, uma inspiração no trabalho de Maria José Salavisa¹⁶. “Fiz uso do Centro de Design de Interiores que eu próprio promovi, juntamente com a designer, enquanto presidente de Câmara”, refere, acrescentando que aproveitou o facto de ali existir informação privilegiada para investigar e “também dar utilização aquilo que criámos”.

¹⁶ Designer de interiores que morou em Óbidos durante vários anos e tinha uma relação bastante forte com a vila

O projeto aposta também na agricultura de baixo carbono. Possui uma exploração agrícola biológica que abastece diretamente o restaurante e também satisfaz as necessidades dos hóspedes, que podem adquirir os produtos agrícolas na mercearia e levar para suas casas.

Está também a ser feita uma estufa de 180 metros quadrados, de vidro e ferro, preparada para recreio, onde os hóspedes podem cultivar os seus produtos. “Vamos fazer um móvel, com coisas recicláveis, pavimento em madeira e canteiros espalhados pelo espaço. As plantas serão colocadas na vertical em floreiras feitas de madeira, por baixo tem um sistema de drenagem, de oxigenação da planta, de rega. A estufa vai ter climatização e uma lâmina de água por cima do vidro para fazer arrefecimento no verão”. O objetivo passa por fazer *workshops* com o processo de plantação, em que no final a pessoa poderá depois receber em casa a planta que semeou numa caixa do Rio do Prado, feita em madeira. “É o valor acrescentado”, explica Telmo Faria.

O projeto pretende também ser sustentável a nível económico e ser gerador de emprego. O proprietário conta ter vendas, no sector agrícola, que lhe permitam pagar dois vencimentos. No hotel trabalham atualmente sete pessoas a tempo inteiro.

A parte com a sustentabilidade há uma aposta no design. A sala tem uma lareira suspensa¹⁷ e as mesas feitas com madeira reutilizada convive com candeeiros da Bauhaus. “Acho que o design tem muito que ver com a simplicidade”, afirma.

Telmo Faria considera que os territórios rurais têm uma vantagem imensa no que respeita à fixação pois “geram mais facilmente uma tranquilidade, harmonia, relação com a natureza que as pessoas não estão distantes” e o design “é o que nos ajuda a acentuar essa relação de nós próprios com o espaço que está à nossa volta”. Na sua opinião, o desenho é um auxiliar do objetivo de integração com a natureza, a que alia a dimensão do conforto que se estabelece com a humanização do espaço.

Para Telmo Faria a aposta no design pode influenciar a vida das pessoas no concelho. E dá o exemplo dos seus trabalhadores que antes apenas pregavam pregos e, com o seu projeto, foram desafiados a pensar novas formas e trabalham de maneira diferente. “Este é um desenvolvimento social extraordinário porque passaram a ver o mundo e as coisas de outra maneira”, afirma o empresário, que os vê agora muito mais preparados para enfrentar o mercado de trabalho.

Telmo Faria gostaria também de criar uma linha de móveis de produção local, com edições limitadas, apostando no desenho e saber tradicional. “Gostava de fazer isto por eles e por arquitetos que estão desempregados e têm jeito para desenhar e criar novas soluções”, disse, defendendo a existência de um movimento cooperativo de design.

A pensar nisso está a ser criado, no Rio do Prado, um EcoLab, um lugar de promoção de talentos e de aposta no eco design. A ideia é disponibilizar um sítio, onde os designers e artistas podem produzir sem que tenham que pagar o espaço. “Ofereço-lhes a montra, e eles

¹⁷ Um modelo criado em 1968 por Dominique Imbert

trabalham e vendem os produtos”, conta o responsável que tem sido procurado por muitos criativos¹⁸.

Telmo Faria pensou neste projeto porque tem a ESAD.CR na região e quer estabelecer uma relação com a juventude criativa. “Gostava de descobrir alguns talentos, inclusive no próprio projeto ter algumas margens para fazer investimento em alguns produtos que possam surgir deste laboratório”, afirma, adiantando que poderá colaborar na angariação de *Business Angels*. É importante “relacionarmo-nos com as escolas, com a criação de emprego, fazer desenvolvimento local, para que os jovens percebam que as aldeias não são o último sítio para onde ir mas podem ser uma centralidade e o território criativo pode funcionar no território rural e não apenas na cidade”, resume.

Telmo Faria considera que esta pode ser uma região de design em território de baixa densidade, como o é Kortrijk (Bélgica) onde se aliou o saber técnico com o ensino. “Eu pensei que isso iria acontecer com a instalação da ESAD.CR, que era aquilo que faltava: formar e depois produzirmos. Mais isso não se tem verificado, já devíamos ter aqui desenho e ter alguma produção”, refere o entrevistado, que desconhece onde é que está a ser absorvido o investimento formativo feito na escola.

“Não há uma política articulada, mas acho que é muito interessante que quando fazemos na Câmara o desafio às indústrias criativas muitas das pessoas de design que apostam em criar qualquer coisa têm aparecido, mas o produto não tem corrido bem, são coisas fracas, giras mas que não têm capacidade de implantação no mercado”, reconhece o autarca, adiantando que muitas empresas locais poderiam melhorar a sua posição no mercado se apostassem no design.

Telmo Faria deixa o desejo de implementação de “*brainstorms*”, por exemplo no PTO, com a participação de estudantes da ESAD e de outras escolas do IPL. “Podiam fazer-se sessões *low cost*, coisas abaixo dos 100 euros, em que o empresário chega e recebe uma consultoria. No fundo, os jovens têm um caso prático para resolver, faz parte da sua estratégia de investigação, mas terá que haver um diretor de departamento que perceba a estratégia e mande os alunos mais indicados. Isso é fazer com que a universidade comece a colar-se à economia”, defendeu.

Para Nicola Henriques, professor, também com formação em Design de Ambientes e coordenador do projeto “Ateliers nos SILOS” as Caldas da Rainha tem um grande potencial para a implementação de projetos nas áreas do design e criatividade e estes apenas ainda não são uma realidade porque “não estão as pessoas certas nos locais certos, pessoas com atitude, postura, vontade de fazer, capacidade de colaborar e articular os saberes”. O criativo considera que terá que ser delineada uma estratégia, de haver alguém que veja “materialmente como essas coisas se vão articular e depois definir os objetivos operacionais”.

Na sua opinião, enquanto não se pensar na massa criativa como uma massa a desenvolver, enquanto as pessoas não forem críticas, não se consegue avançar.

¹⁸ A Ervilha Criativa escolheu o Rio do Prado para ser o cenário de uma campanha fotográfica para o candeeiro de cortiça desenvolvido pelo designer André Valério e que foi premiado em Serralves

O também professor vê nas escolas um potencial “grotesco”, realçando que há professores excelentes e miúdos a fazer trabalhos extraordinários. Pergunta então como é que esse conhecimento se liga com a autarquia e com o modo de viver os espaços. “As escolas trabalham sobre o cinema, sobre o património e a vivência dos espaços, as praças e as práticas”, exemplifica, acrescentando que os jovens seguem o seu percurso universitário longe e valorizam a região nos trabalhos que fazem, mas depois não regressam às suas origens. “Há qualquer coisa que falha, será que a nossa cidade apresenta estrutura e organização para fixar jovens valores. Mais do que fixar os outros, que são bons, é aproveitar os nossos, que são ótimos”, defende.

Nicola Henriques deteta uma falha grande ao nível da comunicação entre as instituições. “Se há uma escola que faz trabalhos excelentes sobre a comunidade, porque é que isso não está exposto nas ruas, nos espaços comerciais. Porque é que os próprios empresários não vão à procura disso”, questiona o criativo que considera que, com esta cooperação ficariam todos a lucrar. Nicola Henriques considera que não é visível o aproveitamento dos recursos que existem.

A nível cultural o entrevistado deixa como sugestão a criação de uma bolsa de estudantes para os museus caldenses, que se deparam com poucos recursos humanos. Sugere uma parceria entre a ESAD.CR e a autarquia para que estes, ao fazerem voluntariado nos museus, pudessem ter uma retribuição a nível académico, ou então que fosse implementado um banco de horas.

O criador dos Silos (Contentor Criativo) lembra que o projeto surgiu necessidade que viu, juntamente com colegas, de haver um espaço que articulasse o potencial da ESAD.CR, autarquia e a Fábrica Bordalo Pinheiro, com todo o seu historial industrial e turístico. “Era necessário um espaço onde os criativos se encontrassem e discutissem e que juntasse pessoas que vissem na criatividade potencial para desenvolver projetos”, lembra, acrescentando que criaram assim uma maquete onde as pessoas pudessem ter espaços de trabalho *low cost*, um espaço de galeria e onde pudessem estar com outras empresas. “Se me disserem que um advogado ou um contabilista não se articulam com a criatividade estão a ter um discurso que já não é aceitável nos dias de hoje, de todo, por isso é que estamos a ter criativos a trabalhar nas várias áreas. São recursos que só da articulação conseguem criar novo valor”, defende.

Para Nicola Henriques o Oeste tem um estilo de vida que é favorável aos criativos, pois é uma zona aprazível, com custos reduzidos quando comparados com outros locais do país ou mesmo da Europa. As cidades de pequena e média dimensão não têm indústria, centros comerciais e as grandes vias, mas têm qualidade de vida e, havendo isso, há espaço para a reflexão e para a criatividade.

É, por isso, necessário “agarrar no que temos, que é brutal, e colocar em marcha, conscientes que é preciso estratégia, definição de objetivos, ter um sonho e caminhar, não querer que as coisas surjam logo de imediato”.

Nicola Henriques destaca o trabalho que está a ser feito em Óbidos e explica que há “fluxos de ideias” entre os criativos que estão nos Silos e os que estão no EPIC – Espaço para Promoção da Inovação e Criatividade. “Há pessoas que têm outra visão, colaborativa e de integração, de que o saber pode e deve ser partilhado porque só através dessa partilha se cria novo saber”, explica, acrescentando que nos Silos há capacidade para terem 20 pessoas a trabalhar em *open space*. Nos dois últimos anos os espaços têm sido quase todos ocupados por estudantes da ESAD, no entanto, fruto da crise e também de “alguns erros de comunicação com a ESAD”, alguns alunos da escola deixaram de ter possibilidade de se instalar, apesar de ser espaços *lowcost*, de 45 a 50 euros.

De acordo com Nicola Henriques este valor representa cerca de 10% do orçamento familiar de um estudante universitário e existe uma retração. “Temos dois alunos da ESAD que entraram recentemente, mais duas associações e quatro microempresas que congregam, no total, 11 pessoas”, explica o responsável, adiantando que estão com cerca de 40% da ocupação, o que lhes acarreta também dificuldades de cumprir os compromissos.

Para o Silos há o projeto de construção de um estúdio de som e uma galeria. Há ainda empresas sediadas nas oficinas que estão a trabalhar, como é o caso da Santos Pessoa Ourives, a Tigre Anão Produções, ou a D.A.R.

Referindo-se ao território Caldas da Rainha – Óbidos o criativo lembrou que um grupo de alunos que tinha um espaço alugado criou uma solução inovadora para o Festival de Chocolate, que consistia no conceito de *fast share*, ou seja, através de uma fotografia que os visitantes tiravam no festival poderem comunicar não só a marca que estivesse por detrás da marca que eles criaram como do festival de chocolate para um potencial de 2,5 milhões de visualizações no *facebook*.

“Há abertura de parte a parte e nós tanto nos estabelecemos com o comércio local e entidades caldenses como todos os outros que nos procurem. Nós também estamos disponíveis para ir à procura e estabelecer relações com concelhos limítrofes”, refere, adiantando que a curto prazo pretendem materializar essas relações.

“Estão a ser criadas estruturas em Óbidos que permitem um estilo de vida e ambiente para a criação, as Caldas da Rainha também tem isso, com muito potencial. Faltará aqui materializar a questão dos canais de comunicação ou conseguir atrair para a região estruturas industriais e unidades de negócio com capacidade de produção, para dar seguimento aquilo que é concebido para passar à parte da produção”, explica, defendendo uma maior proximidade da escola à indústria.

“Enquanto não houver tecido produtivo e empresarial nas Caldas, não se conseguir atrair empresas de monta e visão de futuro, não se consegue colmatar essa lacuna”, explica, dando como bom exemplo nesse campo Aveiro, que possui uma universidade com uma forte ligação às empresas.

A relação dos Silos com a ESAD.CR é “perfeitamente aberta”, sendo aquele um espaço de referência da escola na cidade, tendo lá realizado durante três anos a exposição de finalistas.

A grande maioria das exposições que decorrem no espaço está relacionada com a escola de artes e contam com a participação dos alunos e professores.

“Por muito que a escola tenha locais para desenvolver essas atividades, ainda está distante do espaço cidade”, considera Nicola Henriques, que pretende estar ainda mais no centro da cidade, vendo como barreiras físicas à captação de públicos, a própria estrutura do edifício, murada.

Um dos objetivos para comunicar mais com a cidade passa por ter outro espaço no centro urbano. De acordo com Nicola há comerciantes locais que estão mais sensíveis e abertos à colaboração com a ESAD e consideram que a sua presença na cidade vem materializar a natureza da própria cidade, que é criativa. Ainda há outras estratégias complementares para comunicar a criatividade do Cencal, Faianças Bordalo Pinheiro, Silos, que é ser visível na rua, as pessoas tropeçarem no que cá se faz.

“As pessoas têm que tropeçar na criatividade e isso significa utilizar as ruas para dinamizar ações”, defende, acrescentando que é preciso ligar as pessoas e envolver as instituições.

Para Nicola Henriques, que também é licenciado em Design de Ambientes, o design é uma prática de pensamento, de reflexão e uma prática de execução, que é fundamental para o desenvolvimento sustentável da região.

“Se temos os recursos naturais, o edificado e a massa criativa, como é que não se materializa o design para se poder refletir acerca daquilo que tem vindo a falhar e do que é potenciável para melhorar a condição humana neste território”, questiona, realçando que o design tem um papel fundamental nesse campo.

O criativo dá uma série de exemplos de sucesso que já saíram dos Silos, para justificar que “há uma série de pequenos e médios projetos com potencial que nos faz acreditar que este é um espaço onde é possível e é isso que queremos para a cidade, como um nódulo executor”.

Designers

António Laureano, que gere atualmente a Carpintaria Laureano, juntamente com o pai, aplica as técnicas da marcenaria a situações estéticas e funcionais que sejam atuais e atrativas. A madeira é o seu material de base, a que por vezes junta metais, inox, acrílico ou vidro.

Os seus projetos são procurados por empresas e particulares, sobretudo arquitetos. “Gosto muito de trabalhar para ateliers de arquitetura, principalmente de Lisboa, mas também tenho tido muito bons trabalhos para a região, sendo que as Caldas, a seguir à capital, é a zona para onde faço mais trabalhos”, refere o designer licenciado (antes de Bolonha) pela ESAD.CR, que considera a cidade interessante a nível cultural, muito pelo legado de Bordalo Pinheiro e a sua cerâmica.

António Laureano está também a recuperar uma casa de família, com duas azenhas, que lhe permite conciliar a arquitetura e o design. “É claramente saber tirar partido do passado e projetar as coisas para a atualidade, para as necessidades e técnicas da atualidade”, revela o designer que junta a arte da marcenaria com soluções de mobiliário contemporâneo.

Para o entrevistado, o caminho do design aliado à sustentabilidade ainda tem que ser percorrido, lembrando que países como a Itália têm uma tradição muito maior ao nível do design, que começou no pós-guerra.

“Nós aqui temos a sensação que o caminho nunca começou a ser bem iniciado, tanto que os designers em Portugal são uma classe que praticamente é ignorada, apesar de haver bastantes”, considera o profissional que trabalhou em Itália¹⁹.

António Laureano percebeu que os italianos, do ponto de vista da capacidade criativa “não são nada de extraordinários, mas têm toda uma estrutura que souberam criar ao longo dos anos, assim como uma imagem muito boa para o exterior”. O designer percebeu também que as carências dos profissionais do sector em Portugal não eram para projetar, mas na criação de marcas e imposição nos mercados.

“Um designer em Portugal para se conseguir impor tem que ser super profissional nas mais diversas áreas. É necessário saber projetar bem, pensar bem a questão dos objetos e as necessidades das pessoas e falar com quem produz”, sintetiza.

António Laureano defende que um dos aspetos fundamentais para o design progredir é a criação de marcas e perceber o mercado nas diversas áreas. “Só a partir das marcas é que nos podemos afirmar, senão estamos restringidos ao serviço de transformadores de produtos”, afirma, adiantando que também esta área foi perdendo importância.

Também a qualidade é condição essencial para o sucesso das empresas e garante da sua entrada e permanência no mercado. “Design e qualidade no produto final são a chave, com marcas por detrás, se não tivermos marcas estaremos sempre ao serviço de terceiros”, considera o designer de móveis, que defende um trabalho partilhado na sua criação, entre designers gráficos e industriais.

A criação de uma marca própria é um projeto a médio prazo. “Esta altura em que os mercados andam muito confusos parece-me ser a ideal para começar a planificar tudo, desde conhecer bem o cliente alvo, a identificar as necessidades e projetar em função disso, fazer protótipos, criar imagem e definir alguns pontos de ligação”, sintetiza, prevendo um período de dois anos para a sua concretização.

António Laureano acredita que a criação de um *cluster* do design no Oeste, ancorado na ESAD, com pequenas e variadas produções, será um dos caminhos de futuro, pois cada um isoladamente terá muito mais dificuldades em vingar. “O que vale a pena é as pessoas terem a possibilidade de se juntar e depois ir a exposições profissionais”, afirma, adiantando que outra mais-valia dos *clusters* é permitirem que um determinado produto possa ser projetado em três ou quatro empresas diferentes. Um exemplo disso mesmo é uma das suas últimas criações: uma cadeira, cujo espaldar será feito por uma outra empresa porque tem as ferramentas ideais para o fazer. “Essa mentalidade já há no norte do país, assim como em Itália, que é conhecida pelas pequenas e médias empresas que, em conjunto, permitem intervir no mercado de forma muito mais sustentada”, explica.

¹⁹ Após terminar a licenciatura em Design Industrial na ESAD, António Laureano participou no programa Leonardo Da Vinci, que o levou para Turim (Itália), durante três meses, para trabalhar num gabinete de Arquitetura

Os designers André Valente e Rita Duarte, licenciados pela ESAD.CR e que conceberam a Ervilha Criativa, tentam aliar a inovação do design aos produtos produzidos na região, potencializando o seu desenvolvimento. Os jovens pretendem ser uma mais-valia para as empresas da região, que não possuem designers, intervindo ao nível da inovação e do design e potenciando assim o seu crescimento económico. Pretendem atuar nos sectores mais ligados à região, nomeadamente a cerâmica e vidro, embalagens, madeiras, plásticos e metais.

Os designers Sofia Martins, Rita Olivença e André Rocha formaram a associação DAR - Design Advanced Resources, nos Silos, nas Caldas da Rainha por sentirem que “nesta região trabalha-se o design”.

Notam a falta de ligação entre o design e a indústria e consideram-na quase uma batalha perdida. Consideram que não é só na zona mas por todo o país, apesar da região norte começar a mostrar uma abertura maior para design, sobretudo no têxtil e no mobiliário e calçado. “Há uma cultura de não se associar, mesmo havendo exemplos de sucesso”, referem, destacando que é contra isso que trabalham, e afirmam-se defensores do open design, um design livre de propriedade intelectual registada, design aberto, que qualquer pessoa possa produzir.

“A mais valia está na produção e capacidade de fazer”, explica André Rocha, destacando um dos grandes problemas que encontram é o da visão do designer enquanto especialista numa determinada área, quando este deve ter algo a dizer, juntamente com todos os outros agentes de uma empresa.

Instituição de Ensino

Rodrigo Silva, vice-presidente da ESAD.CR, recorda que a escola foi criada nas Caldas pela tradição existente na área da indústria cerâmica e do vidro, em especial na Marinha Grande, e não haver uma formação superior, tecnicamente qualificada, que formasse profissionais para integrar as fileiras dessas indústrias. Quando a escola foi criada, na década de 80, o design era uma realidade emergente, pelo que foi também proposto que, de raiz, esta tivesse um curso de design.

Nos últimos 20 anos a escola progrediu imenso, tendo atualmente 1300 alunos a frequentar os sete cursos de licenciatura, mestrados e CET. “É uma escola que nestes 20 anos, de forma singular, tornou-se uma escola referida, ou mesmo até, de referência, na área do ensino artístico e do design”, refere Rodrigo Silva, lembrando que a ainda recentemente a revista italiana Domus, distinguiu a ESAD.CR ao incluir curso de Design Industrial e o mestrado em Design de Produto numa listagem dos 30 melhores cursos dessa área na Europa.

“É interessante que uma pequena escola num pequeno país periférico, ainda a caminhar naquela espécie de limbo entre o subdesenvolvimento e o desenvolvimento (pelo menos comparando com os padrões europeus), que numa cidade de província e, diria até provinciana, tenha conseguido criar uma escola de artes que, pelo menos, no ensino nacional é uma escola de referência”, destaca Rodrigo Silva.

O responsável considera que a procura dos seus cursos tem a ver com o facto de ser uma escola no litoral, perto de Lisboa e de haver um conjunto de professores a lecionar de uma geração mais nova, sobretudo na área do Design quando as universidades deixaram de ter renovação nos seus quadros.

Nas últimas décadas a componente industrial tem vindo a decair na região e a escola tem vindo a refletir sobre esta realidade para prospectivar a sua evolução. “O único curso onde temos notado grande volatilidade de inscritos é o curso de cerâmica e vidro e deixa-nos apreensivos porque sabemos, por um lado, que é um curso fundador da escola e que o sector atravessa muitas dificuldades (houve muitas falências de empresas nessa área, a concorrência de produtos oriundos de países emergentes é muito feroz), mas também sabemos que essa área dos materiais cerâmicos e do vidro tem um grande espectro de aplicações”, afirmou Rodrigo Silva, especificando que a cerâmica é um material de futuro porque possui características ecológicas muito particulares e pode ser utilizado, por exemplo, na construção, e numa série de equipamentos domésticos e urbanos.

“Sabemos também que há empresas nessas áreas, algumas até de sucesso, que estão dispersas pelo país e que precisavam de ter nos seus quadros, para poderem sobreviver, de designers altamente qualificados, que pensem novos produtos, novos usos desses materiais”, explicou, lamentando que esta formação especializada não seja alvo de um maior recrutamento pelas empresas. O responsável realça que a ESAD.CR possui o único curso especializado na área da cerâmica e vidro e considera que esta especialização é uma mais-valia, até porque atualmente as formações, na era de Bolonha, são curtas e é importante continuar os estudos ao nível do mestrado.

Rodrigo Silva considera que as pessoas com formação em design têm aptidões para fazer muitas coisas em diferentes contextos de trabalho, não só pela sua formação mas porque também são obrigadas a isso. “Parece-me que o nosso tecido empresarial e económico é muito utilizado em formas amadoras na construção de modelo de negócios ou linha de produtos”, afirma, sustentando que muitas vezes as empresas não percebem a utilidade do design. “Os designers não são entendidos como pessoas que devem estar constitutivamente na equipa de criação e de produção de uma empresa, mas serviços que se vão recrutando pontualmente como uma espécie de mais-valia, de marketing ou de sofisticação, de esteticização ou de estilização de um produto ou serviço”, explica, dando conta da visão errónea da importância que os designers podem ter ao nível do planeamento e de uma cultura de rigor e de projeto, ao nível até da capacidade de inventarem novos usos, produtos e formas de vida.

“As empresas que produzem produto com mais valor acrescentado têm que estar numa região com sentido do cosmopolitismo e do que é a globalização e a cultura visual contemporânea, parece-me que aqui não está suficientemente desenvolvida, como poderia estar”, disse, acrescentando que não tem uma solução, mas recebe o eco dos alunos sobre a forma como são tratados pelas empresas durante os estágios. “Parece-me que as empresas, pela maneira como usam os fundos comunitários, não percebem que têm que criar projetos que têm que ter

uma componente de inovação, de produto, social, que precisa de uma ligação às universidades”, esclarece.

Para Rodrigo Silva, um dos “erros grosseiros e criminosos que se está a cometer é não perceber que o lugar de articulação dessa transformação tem que passar pela economia do conhecimento, em estreita ligação com as universidades, empresas e autarquias”, destacando que as pessoas têm que ser formadas em articulação com os lugares onde elas são necessárias e vão ter que trabalhar.

O subdiretor da ESAD.CR é da opinião que os fundos comunitários terão que ser utilizados de maneira a que as próximas gerações consigam criar outros formatos de trabalho que vão ter que, necessariamente, ter características muito diferentes daquilo que é o jargão económico atual. “Há todo um conjunto de palavras já muito usadas que tem a ver com competitividade, produtividade, que terão algures a sua razão de ser, mas o modelo económico que aí vem – para tempos de escassez – terá de ter a ver com questões ligadas à contribuição, cooperação, co-trabalho, co-desenvolvimento, em que se terão que encontrar modelos de negócio colaborativos, que não tem a ver necessariamente com uma sociedade de consumo e a ideia de que existe uma classe média com dinheiro para comprar produtos”, afirma, acrescentando que terá de haver a criação de formas de organização social que explorem recursos, bens e infraestruturas comuns. Se tivermos em conta que vão haver muitas pessoas que não vão ter rendimentos elevados, essas pessoas vão ter que ter condições para sobreviver e para criar.

Na opinião de Rodrigo Silva, o design poderá ajudar a afirmar este território de uma forma sustentável, acrescentando que a generalidade das profissões criativas são precisas para essa transformação cultural. “Se se identificar como uma espécie de desígnio estratégico para a região, um certo modelo de turismo, acho que ele implicará uma intervenção no território, na cultura e na paisagem, que tem que ter intervenção obviamente de designers”, disse, destacando o triângulo composto por agricultura biológica, gastronomia e uso muito cuidado da paisagem, ligado a uma certa fruição do tempo e do espaço.

“Para mim esta questão das políticas públicas é fundamental porque significa que deviam ser dadas cartas de missão, objetivos, formas de trabalhar, manuais para fazer as coisas no território”, disse, defendendo uma visão e uniforme desde a Junta de Freguesia até à cúpula do governo. “Se não houver uma espécie de desígnio mais ou menos comum entre estes níveis todos, é difícil conseguir-se alguma coisa”, sustenta.

Conclusão

Através das entrevistas realizadas é possível verificar que o design terá que estar, na perspetiva dos empresários, diretamente relacionado com a vertente comercial e deverá ter como objetivo a satisfação do cliente, de modo a que o produto seja absorvido. Defendem uma maior cooperação e aposta na inovação, que permitirá a oferta de produtos de valor acrescentado.

Também consideram necessário haver uma maior ligação entre o mundo académico e empresarial, defendendo mesmo a participação no planeamento pedagógico e a alteração de alguns currículos de modo a que essa união pudesse ser mais efetiva.

Outra das conclusões a retirar é a potencialidade da região e a necessidade de uma maior dinamização e promoção com ações culturais e turísticas, nomeadamente a aposta no turismo industrial. Também a possibilidade de tirar partido dos recursos naturais existentes é outra das lições apreendidas com os entrevistados.

Neste território já existem alguns bons exemplos práticos de uma estratégia assente na criatividade aliada à sustentabilidade, que poderá ser replicada e também criar outras oportunidades de negócio. “As pessoas passam a ver o mundo e as coisas de outra maneira”, refere o presidente da Câmara de Óbidos e proprietário do hotel Rio do Prado, referindo-se à inclusão do design e as novas formas de trabalhar, que os capacita de ferramentas e uma maior aptidão para as exigências do atual mercado de trabalho.

O design é visto como um possível gerador de emprego neste território, aliando a inovação ao saber tradicional e aproveitando os recursos dos cidadãos que se encontram em situação de desemprego.

O design, aliado à sustentabilidade, poderá também ser um fator de atratividade desta região, captando pessoas que procuram um território rural, mas com uma centralidade e recursos bastante elevados.

Falta, contudo, na opinião de grande parte dos entrevistados, uma política estruturada e uma estratégia definida na área da criatividade que abranja os vários agentes e permita um trabalho articulado e coeso. Falta também uma maior ligação da escola e dos seus alunos ao território envolvente, de modo criar uma maior uniformidade e apropriação.

4 - LIÇÕES DE EXPERIÊNCIAS DE CIDADES E TERRITÓRIOS DE BAIXA DENSIDADE COM BOAS PRÁTICAS AO NÍVEL DO DESIGN SUSTENTÁVEL

Neste capítulo fazemos referência a Helsínquia que, juntamente com as cidades vizinhas de Espoo, Vantaa, Kauniainen e Lahti, foi designada Capital Mundial do Design durante o ano de 2012 pelo Internacional Council of Societies of Industrial Design. Este é um dos maiores projetos feitos naquele país ao nível da cooperação entre empresas, envolvendo 21 parceiros e um bom exemplo do que pode ser feito ao nível do território juntando sinergias.

“Na Finlândia, respira-se design em todos os cantos. E não é por este ano acolher a bienal, em que se investiram mais de 50 milhões de euros, é porque aqui o design não é coisa de elites. Desde um simples café de bairro à cantina de uma escola secundária pública, os espaços tendem a ser muito acolhedores. As peças de design não estão à venda só em lojas caras, mas nos supermercados também”. (Campos, 2012)

As cidades de Nagoya, Saint – Etienne e Montreal, são algumas das classificadas pela Unesco como Cidades do Design. Esta designação possibilita uma oportunidade de distinção das cidades para atrair e promover o design (mais inovador), assim como aumentar o seu sucesso nas estratégias de revitalização urbana.

O sítio da Unesco refere que estas cidades têm um denominador comum: uma herança cultural significativa, um cenário criativo diversificado e vibrante, e o compromisso de utilizar o potencial deste meio criativo para o desenvolvimento social e económico da região. (Graz - Unesco City of Design)

As cidades que fazem parte desta rede têm feito um esforço para tornar a criatividade um elemento essencial no que respeita ao desenvolvimento urbano a longo prazo e no redesenho da própria cidade. Neste contexto, não se refere apenas ao embelezamento de superfícies, mas num sentido mais amplo de permitir que a vida diária das pessoas sejam mais simples e eficaz, e que se trate de locais onde vale a pena viver. O “design segue as nossas necessidades e desejos ao mesmo tempo que responde às mudanças e desafios: a inventividade, a criatividade e a inovação são importantes bens económicos na competição global em curso”. (Graz - Unesco City of Design)

As aplicações e vantagens do design podem ter um efeito duradouro sobre a economia local e, além disso, dinamizar e potenciar a cidade em termos de cultura, educação e pesquisa científica. “A Cidade do Design deve estar particularmente ciente deste fato e sentir-se obrigada a usar o termo de forma diligente. Seu objetivo é criar uma maior consciência de "bom design" entre as pessoas que virão para valorizar seus benefícios. Porque, no final do dia, o design serve as pessoas. (Graz - Unesco City of Design)

Para além disso, e porque o nosso projeto incide sobre um território de baixa densidade (Caldas da Rainha e Óbidos) apresentamos também um bom exemplo de Kortrijk, localizada na região da Flandres (Bélgica), perto da fronteira francesa, e alia a criatividade, inovação e o design. A cidade tem apostado no desenvolvimento da educação em design para fornecer o conhecimento e recursos humanos capazes de sustentar o crescimento económico nas indústrias criativas.

Também a ilha de Granville, está ligada por uma ponte ao núcleo urbano de Vancouver, é um bom exemplo da aplicação prática da criatividade e da aposta na inovação associada ao design. Nas galerias e lojas existentes é possível encontrar obras em cerâmica, vidro, plástico, madeira, ou mesmo joias, e o espaço é também palco de diversos festivais, espetáculos de teatro, performances e exposições de arte, muitas delas criadas nos estúdios ali existentes.

4.1. - HELSINQUÍA

Helsínquia foi em 2012 a Capital Mundial do Design, juntamente com as cidades vizinhas de Espoo, Vantaa, Kauniainen e Lahti. A anterior capital (em 2008) foi Turin, em Itália, e Seoul (Coreia do Sul) em 2010. Em 2014 será a vez de Cape Town (África do Sul).

Esta designação, do Internacional Council of Societies of Industrial Design – Icsid²⁰ permite às cidades, através da realização de diversos eventos, refletirem sobre as questões em torno do seu desenvolvimento sustentável, para atrair e promover o design de inovação, assim como aumentar o seu sucesso nas estratégias de revitalização urbana.

²⁰ O Icsid é uma organização não lucrativa, fundada em 1957 que protege e promove os interesses dos profissionais de Design Industrial, funcionando como uma voz unificadora de 50 nações, embora cada membro possa expressar os seus pontos de vista e ser ouvido numa plataforma internacional.

De acordo com a organização²¹, a Capital Mundial do Design Helsínquia 2012 é mais do que um conjunto de eventos e de projetos. Trata-se de melhorar cidades, incorporando o design na sua vida. “Para nós, a abertura é igual a transparência, a curiosidade, a responsabilidade global e inovação. A nossa visão é mais ampla que o conceito de design de bens de serviços e sistemas. Significa encontrar soluções para as necessidades das pessoas, por exemplo, no sector público de saúde. Em suma, trata-se de melhorar as nossas cidades” (WDC Helsinki2012).

O programa da Capital Mundial do Design teve perto de 400 tipos de eventos, projetos e exposições e encontrava-se dividido em seis categorias: transformação da cidade, repensar o design, ano de eventos, exposições, encontros e comunicações. Metade do programa consistiu no desenvolvimento de projetos iniciados pelas universidades participantes, cidades e governo, que permanecerão e terão continuidade no futuro.

A Capital Mundial do Design deixa também um legado. Em primeiro lugar, a perceção que o design tornou-se numa questão de interesse social e um tópico de discussão pública, uma vez que houve muitas novas vozes para a discussão em torno do design. (WDC Helsinki2012)

Por outro lado, e de acordo com a organização, os residentes ganharam uma visão mais profunda da importância do design e do impacto na sua vida quotidiana. A Capital Mundial contou com a presença um grande número de fabricantes e de designers de todo o mundo e a iniciativa foi amplamente reconhecida pelos residentes das cidades anfitriãs.

Dos 2800 eventos que tiveram lugar, cerca de 90% foram abertos ao público em geral, enquanto 80% deles foram gratuitos. 20% dos eventos tiveram como destinatários os estudantes e profissionais ligados ao design e o programa foi formulado com a participação de 290 organizações.

Tendo em consideração que a “chave para o design é capacidade de entender o fator humano e olhar para o design a partir da perspectiva do utilizador”, a organização destaca como uma grande conquista o elevado número de “novos atores” que exploraram as possibilidades do design orientado para as pessoas. Foram desenvolvidos projetos ao nível dos serviços públicos tendo em conta as necessidades do utilizador, assim como de desenvolvimento de produtos e serviços para as empresas, orientados para o utilizador.

A Helsínquia 2012 teve como principal missão “promover o uso do design e encontrar novos contextos onde este pode ser aproveitado”, uma vez que este pode ser usado como ferramenta para encontrar soluções que ajudam a construir melhores cidades e sociedades. (WDC Helsinki2012). Por exemplo, um projeto-piloto de design estratégico levou a que quatro designers estejam agora a trabalhar a tempo inteiro em projetos geridos pelo Estado e municípios.

Durante este ano foi também incrementada a educação para o design nas crianças e jovens. A organização estima que em 2012 cerca de 50 mil crianças e jovens participaram em projetos

²¹ A World Design Capital Helsinki 2012 juntou cinco cidades, a administração pública, duas universidades (a Universidade de Aalto e a de Helsínquia), diversas associações e teve como principais parceiros a Blue1, BMW, Finavia – Helsinki Airport, Fortum, HOK-Elanto, KONE, Martela, MTV MEDIA, Nokia, Sanoma Magazines Finland, UPM, Viking Line

de educação para o design em Helsínquia, Espoo, Vantaa, Kauniainen e Lahti. Por exemplo, durante o ano, o Finnish National Board of Education's reuniu diverso material de ensino em design e arquitetura e disponibilizou-o a todos os professores.

Durante este ano registou-se também um número crescente de empresas que apostaram no design para fazer o seu negócio mais competitivo. “Mesmo as empresas que nunca antes tinham utilizado o design como vantagem competitiva, registam agora uma tendência para a utilização mais metódica do design em diferentes aspetos do seu negócio, do pessoal à formação e desenvolvimento de novos modelos de serviços”. (WDC Helsinki2012)

Foram ainda criados e compartilhados novos espaços nas cinco cidades, que alteram a paisagem urbana de forma temporária ou permanente, dando às pessoas novos locais de encontro.

Em 2010 três faculdades (Helsinki School of Economics, University of Art and Design Helsinki e a Helsinki University of Technology) juntaram-se para criar a Universidade Aalto, uma experiência inovadora onde o design se destaca e dá a marca distintiva sugerida pelo próprio nome do arquitecto e designer Alvar Aalto.

A Universidade Aalto também esteve envolvida, como parceira, na Helsínquia – Capital Mundial do Design em 2012. O seu programa Living + incluiu mais de 30 projetos com o propósito de criar um melhor modo de vida dentro do espírito do desenvolvimento sustentável. Neles estiveram envolvidos cerca de dois mil alunos, docentes e outros parceiros, que trabalharam em conjunto.

“Acreditamos que as colisões criativas entre arte, tecnologia e negócios conduzem a um melhor design: o design ajuda mais pessoas a viverem uma vida melhor”, refere o site da universidade. (Aalto University, 2011)

O legado do trabalho desta universidade será utilizado pela Cidade do Cabo, a próxima Capital Mundial do Design, em 2014, estando já em curso o planeamento entre esta instituição de ensino e a Cape Península University of Technology in South-Africa.

4.2. -NAGOYA

Nagoya possui uma infraestrutura urbana funcional e usa o design para promover o intercâmbio internacional através de muitas atividades. A Cidade do Design desde 2008, por declaração da Unesco, viu construído nessa altura um centro de design criativo, denominado Centro Internacional de Design. Uma década depois, a cidade abandonou os planos para a construção de um aterro sanitário e escolheu proteger uma zona húmida natural, e, desde então tem procurado no design sustentável um equilíbrio entre o desenvolvimento e o meio ambiente.

O design associado à indústria tem uma importante expressão no tecido económico da cidade. Na região estão concentradas empresas em sectores de ponta como a indústria automóvel, peças para maquinaria e sector aeroespacial, assim como as secções relacionadas ao design da informação, semicondutores e maquinaria elétrica, ferro e aço, e fabricantes de produtos

químicos. A sede da empresa Toyota fica nos arredores de Nagoya em Toyota City, havendo fortes ligações entre ambas.

Além da Escola de Design e Arquitetura Nagoya City University, a periferia de Nagoya e alberga mais de 50 universidades públicas e privadas, e escolas profissionais, ligadas ao design.

O Festival de Moda de Nagoya, que começou em 1980 e recebe mais de cinco mil concorrentes por ano, entre estudantes japoneses e jovens designers de outros países, é considerado uma rampa de lançamento para o sucesso dos designers debutantes.

Em 1988 foi criado o Council of Chubu Design Organizations (CCDO), com o objetivo de promover o design através de uma aliança baseada na parceria de 16 organizações de design ativas na região de Nagoya, em áreas como a industrial, de interiores, gráfico e design arquitetônico. Este organismo assegura a realização de eventos de design, concursos e encontros sociais, e edita uma revista de informação especializada.

A cidade de Nagoya, a província de Aichi e membros da comunidade empresarial local juntaram-se em 1992, e com apoio do governo nacional, criaram o Centro Internacional de Design, com o objetivo de desenvolver a indústria e cultura regional, promovendo a divulgação de informações à comunidade internacional. O edifício foi inaugurado em 1996 e ocupa uma área de aproximadamente 20.000 metros quadrados no centro da cidade. Está equipado com uma sala polivalente, um museu, uma galeria, uma biblioteca, uma unidade de incubação, e um *shopping center*, o que faz dele o primeiro centro de design integrado do Japão.

Iniciada em 1998, a bienal de Design Nagoya Do! É um concurso para jovens designers até aos 40 anos. Os vencedores são convidados para um seminário internacional.

O Museu do Design no Centro Internacional de Design é baseado no movimento americano Art Deco e alberga mais de duas mil peças de trabalhos de design e coleções. O museu apresenta o mundo do design em objetos do quotidiano, sob um ponto de vista histórico, desde a mobília aos utensílios, loiças e revistas.

Existem também outros museus industriais, como é o caso do Toyota Automobile Museum e a Galeria INAX (sanitários e revestimentos), que faz quatro exposições por ano onde expõe o design de vários objetos originais, não se limitando à cerâmica. Já o jardim Noritake exhibe o estado atual da história e da loiça de Noritake, líder na produção de cerâmica japonesa moderna, e o Museu Toyota Comemorativo da Indústria e Tecnologia, que tem artigos genuínos em exposição, a partir da história da inovação de design e técnicas de produção de máquinas têxteis e automóveis.

4.3. - SAINT ÉTIENNE

Saint-Étienne foi a primeira cidade francesa nomeada pela UNESCO como Cidade do Design, em 2010. Terra de inventores e criadores, esta cidade francesa tem uma história bastante rica, relacionada com a indústria e impulsionou uma dinâmica que tem ligado esse sector ao das artes. Exemplos dessa interação são a Cité du Design e a Bienal Internacional de Design, que

têm feito do design um agente de transformação urbana e uma alavanca para o seu desenvolvimento económico.

Tendo por base a criatividade no território e o envolvimento do sector público e industrial, a cidade tem-se reinventado, com as suas pequenas e médias empresas a apostar na inovação e a melhorar a qualidade do ambiente e da vida urbana, sempre apoiada no design.

A *Cité du Design* foi criada em 2005 pela Câmara e o Distrito Metropolitano de Saint-Etienne, a partir do ensino do design e do sucesso da Bienal Internacional de Design de Saint-Etienne, e consiste numa plataforma de observação, criação, ensino, formação e investigação através do design. A *Cité du Design* e a Escola Superior de Arte e Design de Saint-Etienne estão agora agrupadas numa mesma estrutura que tem o objetivo de desenvolver a investigação e a inovação através da criação. A sua atividade baseia-se no tema: design, mudança social e dinâmica económica.

Inaugurado em Outubro de 2009 e localizado numa antiga fábrica de armas, o espaço foi criado pelos arquitetos Finn Geipel e Giulia Andi do escritório Lin. O objetivo principal do projeto foi o de criar um espaço voltado para o futuro, e o seu conjunto é composto por três edificações antigas reformadas e readaptadas e, mais duas outras novas (a Torre e a Platine), esta última, símbolo da inovação, juntando os espaços e oferecendo diversos locais para contemplação e lazer.

A *Cité du Design* estrutura a pesquisa do design situado na confluência da criação pura, com a economia, a técnica e a indústria. Foi criada uma metodologia específica, permitindo aos pesquisadores criar novos conceitos provenientes da observação de utilizadores e usando o design como uma ferramenta de análise de conceção e diagnóstico. Entre os tópicos abordados estão a energia, habitat, fluxo, práticas e tecnologia, design e serviço.

Com mais de dois séculos de existência, a Escola Superior de Arte e Design de Saint-Etienne (fundada em 1803) está ligada diretamente ao desenvolvimento industrial da cidade desde sua fundação e desempenhou um papel crucial na aposta contemporânea do design, gerando interesse à escala nacional com a criação do primeiro curso de pós-graduação em "Design e Pesquisa", em França em 1989. O seu objetivo é formar artistas, designers, artistas gráficos, autores e criadores, no fundo, profissionais competentes em todos os setores que dependem da criatividade e inovação.

A criação da Bienal Internacional de Design de Saint-Etienne pela Escola Superior de Arte e Design, em 1998, e o desenvolvimento da *Cité du Design*, desde 2006, marcaram um ponto decisivo na transformação da identidade da cidade do seu prestígio internacional. A bienal, que reúne criadores, empresas, escolas, editores e jornalistas e está espalhada por várias instituições do território, oferece exposições, conferências, momentos de reflexão e encontro dos designers com todos os tipos de público.

A área industrial de Plaine-Achille pretende tornar-se o local de fixação de profissionais criativos, onde haja uma rede permanente de tecnologias, artes, cultura e lazer, com três campos principais do ensino superior: óptica, design e media. O campus de manufatura Plaine-

Achille é um lugar de experimentação para o "Design Creative City Living Lab" (DCC-LL) liderado pela *Cité du Design*.

A cultura assume um lugar predominante em Saint-Etienne. Durante todo o ano há festivais e eventos programados para contribuir para o prestígio cultural da cidade, por parte dos diversos parceiros, como é o caso do Museu de Arte e Indústria, Museu de Arte Moderna, Museu Mineiro, Museu dos Transportes Urbanos, Le Corbusier Heritage em Firminy, the Opera House, Conservatório de Música e Dança, Saint-Etienne Comedie Playhouse - National Drama Centre, ou o Centro de Cultura Científica, Técnica e Industrial.

4.4. - MONTREAL

Montreal foi Cidade de Design da UNESCO em 2006 e atualmente conta com mais de 25 mil designers a trabalhar. No site da Unesco sobre esta cidade é referido que Montreal não só demonstrou que o design pode ser uma ferramenta poderosa na promoção da inclusão e da pluralidade de valores, mas também que contou com a participação ativa, e crítica, dos cidadãos na mobilização do design para inspirar ambientes de vida mais inovadores e que melhoram o seu quotidiano.

O design tem sido um grande potenciador do seu desenvolvimento económico e social, apoiando os sectores público e privado.

De acordo com um Estudo do *Ministère de la Culture, des Communications et de la Condition Féminine du Québec*, de 2001, citado pela Unesco, o design é uma força estratégica na cidade, refletida em cerca de US \$750 milhões em benefícios económicos e cerca de 21.720 empregos gerados por este setor. O design lidera as indústrias culturais, com benefícios de cerca de 34% no impacto total económico da cultura.

Montréal é a única cidade na América do Norte que possui a figura do comissário de Design na sua administração. Em vigor desde 1991, o seu trabalho é dedicado ao desenvolvimento e promoção do design na cidade. Desde 2006, que essa missão foi ampliada com a criação do Design Montréal Office que criou mais cinco lugares ligados ao design.

Desde 2005 que existe um plano de ação municipal, denominado Ville de Design, que tem por objetivo incorporar o conceito de design de inovação em todo o espectro de decisões e ações que influenciam o ambiente construído, intensificar os esforços promocionais e educativos, e estimular a rede internacional de design made-in-Montréal. O plano pressupõe também a prática de concursos, workshops e seminários para promover a excelência do design e ampliar o papel dos designers na construção ativa do futuro da cidade.

Cabe ao Design Montréal Office, criado em Janeiro de 2006, implementar o plano e posicioná-la como uma Cidade de Design. Suas ações são divididas em três linhas principais: a orientação no processo de design, comunicação e networking.

Foi também criado um projeto de apoio de designers a vários parceiros públicos e do setor privado, nomeadamente comerciantes, que assim melhoraram as suas instalações. O conceito já foi exportado para as cidades de Trois-Rivières, Québec, no Canadá; Saint-Étienne, Lyon e Marselha, na França, Bruxelas, na Bélgica, ao Luxemburgo, e Eindhoven, na Holanda, bem

como para Times Square, em Nova York. O seu impacto foi reconhecido pela ONU-HABITAT, em 2006, que o nomeou para o Prémio Internacional do Dubai para as Melhores Práticas de Melhoria das Condições de Vida.

Organizado desde 2007 pelo Office Design Montréal, em colaboração com a indústria de design e o Governo do Québec, o Design Montreal Open House visa a sensibilização para o design e arquitetura, mostrando a riqueza de talentos existentes na cidade. Durante dois dias, os cidadãos são convidados a entrar e conhecer, no seu local de trabalho, os criativos, que recentemente venceram competições nacionais e internacionais nas áreas de arquitetura, arquitetura paisagista, design de interiores, design industrial, design gráfico, design de moda e planeamento urbano.

Já o Phyllis Lambert Design Montreal Grant, criado em 2008 pelo Ville de Montréal, premeia o talento dos designers de Montréal com menos de uma década de experiência profissional, mas que demonstrem uma qualidade excepcional nos estudos e trabalho. O montante deve ser utilizado para um projeto profissional a concretizar numa das cidades da Rede de Cidades Criativas da UNESCO.

Na cidade de Montréal existem prestigiadas instituições de ensino, incluindo cerca de 20 instituições de nível universitário e mais de 50 cadeiras de investigação, como a de Paisagem e Design Ambiental na Universidade de Montréal e outras quatro, com o foco no design. Existem também vários programas de nível universitário que oferecem formação técnica em todas as disciplinas de design.

Montreal possui diversos locais para a apresentação do design junto de reconhecidas organizações que destacam as criações de designers e arquitetos. Entre eles estão o Centro de Design da Universidade do Québec de Montréal, a Sociedade de Arte e Tecnologia, o Museu de Belas Artes de Montreal, bem como galerias. Existem também muitos eventos que são originais plataformas para a criação e apresentação de design, incluindo La Biennale de Montréal, o Montreal International Design Show Interior, o Festival Internacional de Filmes sobre Arte, Montréal Fashion Week e o Festival de Moda e Design. A cidade possui também um centro de pesquisa arquitetónica e o Centro Canadense de Arquitetura (CCA), uma instituição de vanguarda cultural dedicada a consciencializar o público sobre o papel da arquitetura na sociedade, promovendo a pesquisa académica e estimular a inovação na prática do design.

O design faz agora parte de todos os planos de ação e políticas municipais da cidade que tem um desafio para os próximos anos: partir do status de uma cidade de designers para uma Cidade de Design.

4.5. - GRANVILLE - VANCOUVER

A ilha de Granville está ligada por uma ponte ao núcleo urbano de Vancouver e é descrita como sendo um lugar único para a criatividade. A ilha, que em 1886 servido de refúgio para os habitantes de Vancouver aquando de um grande incêndio que devorou a cidade, acolhe agora

diversos festivais, espetáculos de teatro, performances e exposições de arte, muitas delas criadas nos estúdios que ali existem.

Nas diversas galerias e lojas é possível encontrar obras em cerâmica, vidro, plástico, madeira, ou mesmo jóias. Também há lojas de objetos infantis, preparadas para as crianças brincarem, para além de vários teatros, cinemas, estúdios de dança, restaurantes, bares, cafés e esplanadas. Não faltam ainda lojas especializadas em fornecimento de produtos para as artes numa variedade difícil de encontrar em qualquer parte e que atrai os clientes profissionais mais especializados.

Também localizada na ilha está a Emily Carr College of Art pertencente à Emile Carr University of Art + Design. Esta instituição foi fundada em 1925 e é considerada uma das mais instituições pós-secundárias nas áreas da arte e design. Em 1980, mudou-se para Granville, como parte do plano de renovação urbana para a Ilha, funcionando como uma parte integrante das suas comunidades artesanais, culturais e de entretenimento.

A Escola de Design está aberta ao público, podendo os visitantes entrar nas instalações para observar os trabalhos feitos pelos alunos expostos nos corredores e nas suas três galerias.

Em Granville há também uma escola de restauração e hotelaria, frequentadas por centenas de jovens estudantes nacionais e estrangeiros.

Na ilha é incentivada a vinda de artistas e candidatos a artistas que fazem os seus espetáculos e performances nas ruas e nalguns espaços disponíveis para o efeito. Para tal basta adquirir uma simples licença, tendo em anos recentes passado por ali mais de uma centena de buskers por ano, como são intitulados estes visitantes ativos e participativos.

Diariamente milhares de pessoas, locais e turistas, visitam a ilha, dão animação e adquirem produtos, no que é uma forma de criar emprego, produzir riqueza e incentivar a produção cultural.

Existe um hotel e um mercado diário de frutas, legumes, flores, doces, com produtos locais e outros provenientes de várias partes do mundo, especialmente da Ásia.

As autoridades estaduais investiram, nos anos 70, cerca de 19 milhões de dólares (15 milhões de euros) na ilha, que lhes traz atualmente um retorno anual em impostos e taxas de 35 milhões de dólares (27,8 milhões de euros).

4.6. - KORTRIJK

Kortrijk fica localizada na região da Flandres (Bélgica), perto da fronteira francesa, possui 75 mil habitantes e é um exemplo da aliança entre a criatividade, inovação e design. A cidade tem apostado no desenvolvimento avançado da educação em design para fornecer o conhecimento e recursos humanos capazes de sustentar o crescimento económico nas indústrias criativas.

A sua estratégia de potenciação do design desta região começou em 1968 com a organização da primeira Design Biennale Interieur, e que atualmente se tornou, segundo o antigo autarca e presidente do Designregio Kortrijk, um evento de topo no mundo do design de interiores, produto e serviços. (European Comission, 2011)

Em 2005 foi criado o “Design Region Kortrijk”, um projeto que tem por objetivo dar um novo impulso ao movimento do design naquela região. Isso também gerou um forte impulso para o sucesso das participações desta cidade e dos seus designers em prémios europeus e no European Innovation Festival, que junta várias cidades europeias de design.

Pretende atrair jovens talentos criativos para estudar em Kortrijk e, além do ambiente físico e das infraestruturas, estimulá-los a trabalhar em conjunto para montar negócios ou colaborar com os empresários locais na criação de produtos e serviços de design contemporâneo.

Em Kortrijk é também realizada a Bienal Intérieur, um dos principais eventos de decoração e design da Europa, que além de promover o que há de novo, também envolve a cidade durante uma semana - “Biennale in the city, city in the biennale”, um misto de comércio e cultura que estimula a experiência do design *in loco*. Lowie Vermeersch, curador da Bienal Interieur 2012 refere que a ideia é que os produtos não sejam apenas vistos, mas experimentados, e seus materiais sentidos. (Krusse, 2012) O programa é composto por palestras, workshops e projetos especiais, e o espaço onde acontece a feira - o centro de exposição XPro – procura promover encontros nas áreas de convivência, como bares e restaurantes. As atividades acontecem também no centro histórico da cidade, com transporte gratuito.

O design está também presente na hotelaria e o d-hotel, composto por um típico moinho de vento e uma quinta, é um bom exemplo de ambiente sustentável e opções estéticas. O complexo do d-hotel contemplou o restauro e readaptação dos edifícios já existentes e teve também um projeto de construção de novas estruturas de linhas direitas, em betão e vidro. Os novos edifícios estão separados do moinho e da antiga fábrica da quinta, mas encontram-se interligadas por um túnel subterrâneo. O atelier Govaert & Vanhoutte adotou como conceito base esta ligação subterrânea, deixando os edifícios com visibilidade sobre os campos da quinta. (Krusse, D-Hotel, 2012)

O d-hotel, da Sandton Hotels, é uma unidade de 4 estrelas que possui 45 quartos, um luxuoso spa, um bar e dois espaços multifuncionais. Na memória descritiva do projeto do atelier Govaert & Vanhoutte, é referido que este resulta de uma composição de arte, natureza, moda, cinema e música e que as complementaridades entre os aspetos históricos do local e o design inovador, com pendor artístico, resultaram bem.

Os aspetos ligados à sustentabilidade e à eficiência energética foram tidos em conta, com a integração de dois novos moinhos de vento e uma área com 500 metros quadrados de painéis solares. Ao nível dos seus projetos de arquitetura de interiores, os ambientes foram criados por designers de renome. “O bom design contemporâneo foi explorado em diferentes conceitos, ora pela exuberância depurada das formas ora pela textura dos materiais utilizados”. (Krusse, D-Hotel, 2012)

Um elemento importante no desenvolvimento regional de Kortrijk como centro de design criativo é o Industrial Design Center (IDC) de Howest, University College of West Flanders. Além do seu papel educacional, o IDC tem estabelecido parcerias com as pequenas e médias empresas locais, realizando, a pedido destas, projetos multidisciplinares de pesquisa que agregam valor acrescentando para as mesmas. Através desta cooperação o IDC ganhou

experiência no apoio às empresas, que lhes permite fazer uso do mais correto design industrial nos seus modelos de negócio.

5 - DESENVOLVIMENTO DO PROJECTO CULTURAL

5.1. - APRESENTAÇÃO DO PROJECTO

A Lagoa de Óbidos é um ecossistema sustentável ligando, matricialmente, os concelhos das Caldas da Rainha e Óbidos. Será possível utilizá-la como elemento federador e emblemático do design sustentável na região?

Esta a pergunta de partida que nos levou a delinear um projeto cultural que tem a Lagoa de Óbidos como elemento agregador, tirando partido dos recursos endógenos da região. Teremos em conta a existência da ESAD como pólo aglutinador e dinamizador, que já possui duas décadas e que durante este período tem formado muitos designers.

Esta proposta pretende também refletir sobre a forma como o design poderá contribuir para o crescimento económico e social desta comunidade urbana contígua e revelar-se um valor acrescentado através do desenvolvimento de produtos e serviços, assim como um interface entre a arte, criatividade/ inovação e a tecnologia, como o empreendedorismo cultural aliado à sustentabilidade.

Para esta proposta teremos em consideração as opiniões recolhidas junto dos empresários, autarcas e designers da região. A título de exemplo lembramos as palavras dos designers Sofia Martins, Rita Olivença e André Rocha que decidiram fixar-se nas Caldas, onde formaram também a associação DAR - Design Advanced Resources, por sentirem que “nesta região *trabalha-se o design*”.

Atualmente Óbidos é conhecido pelo seu castelo e património histórico e as Caldas da Rainha pela sua cerâmica e termalismo, assim como pela pitoresca Praça da Fruta, que nos tempos atuais, continua a ser um local de ligação entre o rural (através dos vendedores) e o urbano.

O design poderá ser o elemento matricial no futuro. Para isso terá que estar “ancorado” no que é feito na região, de modo a que se crie, ou altere, modernizando e criando um produto de valor acrescentado.

A aplicação do design passa pelo desenvolvimento de soluções que atendam a uma necessidade, mesmo quando o objetivo é inovar. Essas soluções trazem contributos no que diz respeito à qualidade de vida, à competitividade e à sustentabilidade.

5.2. - FUNDAMENTAÇÃO

A Lagoa de Óbidos sempre teve uma importância muito grande na vida e desenvolvimento da região. Foi na orla da Lagoa que se fixaram as primeiras populações, nomeadamente nas grutas da Columbeira e Cezaredas e mais tarde, no Outeiro da Assenta com assentamento permanente desde a Pré-história recente ao período medieval. Posteriormente, os romanos

instalaram o seu porto de mar – Ebuobritium – no seu limite e, na época medieval, é erguida a fortaleza de Óbidos no local outrora “sobranceiro à Lagoa”.

Foi também da Lagoa que as gentes da região retiraram e tiram boa parte do seu sustento, o que originou construções próprias para abrigo e de embarcações, que são as cabanas e as bateiras da Lagoa. O recuo gradual das águas deu origem a terrenos agrícolas férteis, apelidados de Várzeas da Rainha.

Testemunhos do século XVI da Misericórdia de Óbidos, dão conta que esta era o grande denominador comum e que houve uma ligação muito estreita de toda a população dos (hoje) concelhos do Cadaval, Bombarral e, sobretudo, Caldas da Rainha e Óbidos, à Lagoa.

Assente nesta ligação histórica e física entre os dois concelhos, através da Lagoa, propomos que esta possa também sê-lo através do design e da criatividade, potenciando a região. Esta aposta tem por base a existência de conhecimento e talento proveniente, sobretudo, da ESAD.CR, nas múltiplas vertentes.

5.3. - DENOMINAÇÃO

CRReO Design - O design como alavanca para a sustentabilidade do território das Caldas da Rainha e Óbidos

5.4. - MISSÃO

O projeto pretende tirar partido das características físicas e ambientais do local e potenciá-lo através de uma aposta diferenciada, que lhe garanta sustentabilidade e desenvolvimento económico e social. Procura também torná-lo num espaço de criação e partilha criativa, com a finalidade de estimular e divulgar a produção artística, e também de produtos (materiais e imateriais) de valor acrescentado, e criar uma maior aproximação entre a classe criativa e a população.

5.5. - VISÃO

Potenciar o desenvolvimento sustentado e o envolvimento comunitário e promover a fixação das indústrias criativas. Promover e articular os recursos endógenos.

5.6. - VALORES

O projeto apresenta como valores a criatividade; a inovação; o território; a sustentabilidade; o empreendedorismo; a cooperação;

5.7. - OBJECTIVOS

- Valorizar a região e ligar o território à contemporaneidade
- Tirar partido do potencial do território e das pessoas e pensar em soluções de design que possam contribuir para o seu desenvolvimento económico e social, assente numa perspetiva de inovação e sustentabilidade.
- Enriquecer a comunidade
- Contribuir para a estratégia de uma valorização comunitária
- Potenciar a criação de produtos de valor acrescentado.
- Apresentar este território como um lugar atrativo para criativos
- Reforçar a massa crítica do capital criativo regional

5.8. - ETAPAS DO PROJECTO

No projeto cultural pretendemos criar um modelo de design sustentável para este território, centrado na Lagoa de Óbidos e nos locais que a rodeiam, tanto no concelho de Óbidos como das Caldas. A proposta passa pela criação de ações culturais ligadas à natureza, turismo, sustentabilidade e criatividade.

Numa **primeira fase** há que fazer um levantamento das estruturas, equipamentos e profissionais existentes neste território e que poderão ser participantes e parceiros na estratégia a fomentar. Esse trabalho deverá ser feito durante um ano, por um gestor cultural, período durante o qual este terá que contar com a colaboração das autarquias das Caldas da Rainha e Óbidos, empresas da região e escolas, de modo a obter o máximo de informação sobre o panorama atual e mobilizá-las para esse objetivo.

Após realização desse trabalho será possível fazer um diagnóstico da realidade existente e das potencialidades deste território, assim como uma consensualização dos conceitos e opções a seguir.

O caminho a seguir terá que ser decidido em concordância entre diversas entidades públicas, a ESAD.cr, as empresas e os profissionais, de modo a que as estratégias a implementar possam ser agregadoras e tragam uma mais-valia para a região.

Este projeto possui também uma componente internacional, possibilitando o potenciar da região no contexto internacional. A aposta numa abordagem ao design ligado a este território de baixa densidade, será um elemento estruturante na promoção e desenvolvimento da criatividade na região.

Objetivos específicos da Primeira fase

- Obter o máximo de informação sobre o panorama atual
- Fazer a análise swot do território
- Utilização de outras ferramentas de planeamento estratégico

Segunda fase

Ressalvando que esta terá que ser uma estratégia tomada em conjunto entre as várias entidades, deixamos alguns contributos do que poderá ser desenvolvido neste território.

- Uma sinalética para a Lagoa de Óbidos

A sinalética é fundamental para o conhecimento de um território. Propomos para este território ancorado na Lagoa, uma sinalética própria trabalhada com os cursos de design da ESAD.CR.

Tomando como exemplo o trabalho que foi feito na Guimarães Capital Europeia da Cultura (CEC), denominado Descobrir Guimarães, e que explorou o turismo criativo a partir do design industrial. Este trabalho foi também apresentado pela CEC como um *case study* para cidades de pequena e média dimensão, sobre o papel do design industrial na transformação da estrutura urbana tradicional e na promoção do património, explorando a ligação entre a cultura, a arte e a paisagem.

No caso deste território será utilizado o conhecimento dos alunos da ESAD.CR que em conjunto com os professores poderão conceber as peças para os circuitos de ligação à Lagoa de Óbidos e aos participantes no projeto. Estes deverão ter em atenção a utilização de materiais sustentáveis e, na sua conceção, aspetos ligados à riqueza ambiental da Lagoa e às características patrimoniais de Óbidos e de tradição cerâmica e termal das Caldas.

Tendo em conta outros trabalhos já feitos por criativos instalados nos Silos, e também no Parque Tecnológico de Óbidos, será também importante criar aplicações interativas (para *smartphones*) desta sinalética.

- Food design com os produtos da Lagoa e cozinha de fusão

O food design é a aplicação do design na busca por soluções de problemas relacionados ao setor da alimentação, tratando da relação entre a comida e as formas de se comer. A Sociedade Internacional de Food Design subdivide o tema em várias categorias: Design with food, food product design, design for food, dish design, design about food, food space design, food engineering, food styling e concept food art.

Nas Caldas já existe uma designer industrial, Inês Milagres, que desenvolve o seu trabalho na área do Food Design. Inês Milagres formou-se na ESAD|CR em Design Industrial em 2009, e tem vindo a dedicar o seu trabalho à experimentação gastronómica e propõe conjugações imprevistas articulando novos sabores com alimentos de produção local.

A este conceito podemos associar o de *slow food*, que defende o prazer de se saborear, num compromisso com a comunidade e a natureza. Defendido pelo italiano Carlo Petrini, este conceito tem como missão a defesa da biodiversidade, tentando salvar alguns produtos alimentares que correm o perigo de desaparecer e procurando proteger a tradição e riqueza do património gastronómico. (Slow Food)

O movimento *slow food* tem também por objetivo a educação do gosto, treinando os sentidos na redescoberta de saborear um alimento, assim como uma maior proximidade do consumidor

com o produtor, em que o primeiro se deve informar de como e onde os produtos que consome são produzidos.

Carlo Petrini, fundador do slow food disse, no seu discurso de abertura da Terra Madre 2006, justificou que “a nossa visão não é arcaica, mas sim particularmente moderna. A dignidade da economia local é a última chance para permitir do que está rapidamente tornando-se um paradoxo: o desenvolvimento sustentável. A sustentabilidade social deve ser buscada ao máximo pelas nossas ações, tanto a nível global como a nível local”. (Slow Food)

Também aliada a este conceito surge a agricultura biológica, que já encontra alguns seguidores, sobretudo no concelho de Óbidos, onde a Câmara apoia este tipo de produção, com a atribuição de um subsídio de 500 euros por cada hectare que passe para biológico. Para além da produção de hortícolas e também produtos frutícolas, como é o caso da pera Rocha, também existe um mercado biológico, a funcionar aos sábados dentro da vila.

O mercado já tem clientes fiéis, sobretudo ingleses e alemães a residir na região, que preferem os produtos resultantes de uma cultura amiga do ambiente e da saúde.

Nas Caldas da Rainha existem também alguns vendedores de produtos biológicos na Praça da Fruta. Além destes, muitos dos outros vendedores comercializam produtos que, apesar de serem resultado de uma agricultura convencional, são produzidos pelos próprios, em pequena escala e nesta região.

O design atua também na relação com o território, contribuindo para a valorização da cultura local ao acrescentar valor aos produtos, fortalecer e dinamizar a identidade local. As economias valorizam-se ao contribuir para a criação de uma imagem positiva ligada ao território, seus produtos e serviços.

A aplicação do design contribui para uma melhor perceção de valor por parte do consumidor. Através da utilização do design é possível inserir atributos ao produto de forma a se identificar sua origem e conferir autenticidade ao produto, ressaltando aspetos relacionados ao seu território. (Voglio Design)

Nesta proposta poderão ser envolvidos designers, assim como estudantes da ESAD.CR e da Escola de Hotelaria e Turismo do Oeste, que trabalharão os produtos da lagoa, nomeadamente os bivalves e moluscos, assim como os produtos hortícolas e frutícolas tradicionais desta região, e que são comercializados na Praça da Fruta e no mercado biológico de Óbidos.

- Embalagens em material reciclado

Associada à proposta anterior está a de criação de embalagens e expositores em material reciclado que possam ser utilizadas para a venda dos produtos nos mercados das Caldas da Rainha e de Óbidos. Estes poderão também ser utilizados como uma forma de promoção local e utilizados também para a comercialização de produtos de design e artísticos concebidos neste território.

- Centro Interpretativo ecológico nas antigas cabanas dos pescadores

Tendo em conta o estado degradado em que se encontram as antigas cabanas, feitas em madeira e canas pelos pescadores para guardar os seus utensílios da pesca, junto ao Covão dos Musaranhos, poderá ser aproveitado o espaço para se criar um centro interpretativo.

Este espaço, que deverá ser edificado aproveitando o máximo possível o material existente no local, terá que seguir um modelo de edificação sustentável, respeitando a envolvente. Propõe-se um espaço educativo, interativo e de lazer, que transmite conhecimento científico e promove a valorização e cuidado com a fauna e flora existente naquele ecossistema.

Ali poderão ser encontradas dezenas de espécies de peixes, moluscos, aves, répteis, anfíbios e mamíferos, assim como uma grande diversidade de flora que importa ser preservada.

Este espaço deverá também contemplar uma área para a produção, exposição e venda de objetos de ecodesign. Vários designers da região e a própria ESAD.CR têm apostado na conceção de produtos através da utilização de materiais de baixo impacto ambiental e na reutilização de objetos e o Centro Interpretativo afigura-se como um local de excelência para a sua divulgação.

Tanto nas Caldas da Rainha como em Óbidos já se realizam eventos pontuais de divulgação e comercialização destes produtos. A título de exemplo, decorreram em Óbidos, em Maio de 2012, no âmbito do evento Maio Criativo, oficinas de eco design, onde designers ensinaram a reutilizar plástico doméstico, como frascos de champô ou garrafas de detergente em assessorios de moda; ou mesmo criar peças de decoração a partir de listas telefónicas e rolhas de cortiça.

- Criação de uma network na região

A criação de uma rede de propostas de design sustentável englobando empresas, ateliers, museus, espaços públicos e património, polarizada pela Lagoa de Óbidos.

É também importante desenvolver atividades colaborativas, com espaços e serviços compartilhados, como já existe com o EPIC em Óbidos e os Silos nas Caldas da Rainha, dinamizadas por comunidades criativas.

Também importante será criar uma ligação efetiva e uma colaboração conjunta entre empresas que possam potenciar o turismo industrial, como já o fazem, por exemplo a empresa de cerâmica caldense Molde e a Braz Gil, que possui o Jardim d'Artes.

- Criação de uma bienal de Design Sustentável ou de Eco Design

Tendo em conta a forte componente cultural deste território, em que as Caldas da Rainha se afirma como a cidade das artes, e Óbidos tem vindo a apostar no design nos últimos tempos, poderá ser criada uma Bienal de Design, tendo como premissa a sustentabilidade. Este evento deverá estar também diretamente ligado à ESAD.CR, que possui o conhecimento científico e muitos dos seus alunos serão potenciais participantes. Este será também o pretexto para a promoção do debate público em torno do design e do eco design, da promoção dos trabalhos realizados por designers e criativos.

Associado ao evento poderão ser criadas de residências artísticas em diversos locais deste território, permitindo aos participantes um contacto e conhecimento direto com as pessoas e a forma de vida desta região.

Esta iniciativa poderá contribuir para desenvolver o tecido empresarial e de novos produtos, valorizar o território, divulgar os cursos de design lecionados na escola e contribuir para a inovação através do design.

Em Óbidos a aposta mais forte no design tem sido feita no Centro de Design de Interiores, com a promoção exposições, seminários, conferências e encontros relacionados com a área, procurando desenvolver uma relação de aproximação entre criadores e público. O eco design também tem merecido destaque naquele espaço com a realização de exposições, como foi o caso da mostra intitulada “Com Relação”, realizada em 2009, onde a designer Alda Tomás mostrou peças artísticas feitas a partir de lamas concentradas na Estação de Tratamento de Águas Residuais da fábrica de cerâmica da Spal (Alcobaça) ou o refugo de porcelana moído com adição de vidro em frita.

Nas Caldas, o Caldas Late Night (CLN), um evento organizado pelos alunos da ESAD.CR em que os criativos mostram os seus trabalhos e projetos pessoais nas próprias casas e nas ruas, transformam a cidade numa galeria a céu aberto. Esta iniciativa abrange as áreas das artes plásticas, design, performance, fotografia, música, vídeo, entre outras.

- Percursos pedestres

“Percursos de tempo”, com locais de paragens para observação e contemplação, desenvolvidos por designers (como a criação de follies), eventualmente a partir das unidades hoteleiras também assentes numa componente de design, poderá ser outra das hipóteses a trabalhar.

Junto à Lagoa existem diversos hotéis que apostam claramente no design, desde logo o Bom Sucesso Design Resort, assente num conceito que utiliza a arquitetura contemporânea envolvida pela paisagem. O empreendimento foi criado por 23 arquitetos de renome, nacionais e internacionais, como é o caso de Álvaro Siza Vieira, Eduardo Souto Moura, Alcino Soutinho, Carrilho da Graça, David Chipperfield, ou Josep Llinás, que se juntaram a paisagistas para, num mesmo território, atender às especificidades de cada área intervencionada.

Todas as coberturas são vegetais, assim como os muros de vedação, quando existem.

Com a conclusão prevista para este ano está o hotel de 5 estrelas, Hilton Bom Sucesso, localizado no centro do resort e da autoria do arquiteto Souto Moura.

Este projeto, para além de único em Portugal, apresenta-se como sendo inovador a nível europeu, pelo conceito que apresenta, sendo bastante procurado por turistas especialmente oriundos do norte da Europa.

Também na zona do Bom Sucesso está a ser criado o empreendimento Royal Óbidos, cuja construção das moradias assentará na utilização de materiais e técnicas de construção reconhecidas pelos padrões ambientais. Prevista está também a criação de um hotel de cinco estrelas cuja arquitetura de interiores e decoração estará a cargo da Yoo Design Studio, formada pelo designer francês Philippe Starck e pelo britânico John Hitchcox.

A participação de Philippe Starck, um dos nomes mais conceituados do design contemporâneo (evidenciando-se em várias áreas, desde o mobiliário e a arquitetura de interiores, à iluminação

e até acessórios de cozinha) será uma mais-valia para o empreendimento que, apesar de ainda não estar concluído, em 2012 já foi distinguido como o Melhor Empreendimento Turístico Nacional.

Situado junto à Lagoa de Óbidos, na localidade do Arelho, está também o hotel Rio do Prado, um projeto inovador que aposta na sustentabilidade. A diferenciação do seu conceito está na integração de dezenas de medidas ecológicas que os hóspedes podem observar e partilhar, como o consumo de água que fazem.

Este empreendimento pretende também ser um local de promoção de talentos e de aposta no eco design, disponibilizando um Ecolab onde designers, artistas e artesãos se unem a partir deste conceito de sustentabilidade e criam a partir da terra.

O restaurante rege-se pelos ciclos da natureza e das colheitas para a concretização da ementa, que é decidida no próprio dia, de acordo com a época do ano e a horta biológica ali existente. Os hóspedes têm também a possibilidade de colher o próprio alimento que irão consumir ou mesmo semear e colher uma planta na estufa.

Com este projeto pretende-se valorizar o facto de este ser um território com uma paisagem rica e cuidada, que pode ser fruída, tendo em conta a calma e quietude das margens da Lagoa de Óbidos. Nestes percursos, para além da vertente inovadora, com a conceção dos espaços por parte de designers, existe também a de observação e contacto com a natureza e de fruição de momentos de lazer.

Manzini fala em “tempo lento”, como sendo a parcela de tempo contemplativo utilizada em ações como passear, comer, conversar com pessoas. “O tempo lento não é apenas o tempo no qual fazemos algo lentamente, mas também aquele no qual produzimos e/ou apreciamos (profundas) qualidades” (Manzini, Design para a Inovação Social e Sustentabilidade, 2008), o que leva o designer a considerar que um maior número de pessoas compreende agora que produzir e apreciar qualidades proporciona uma diferente ideia de eficácia, seja porque permite fazer melhor as coisas como, também, apreciá-las.

5.9. - FINANCIAMENTOS

A implementação deste projeto tem como base um conjunto de iniciativas e parcerias que pretendem potencializar este território e os seus talentos, desenvolvidas por entidades do sector público, como é o caso do municípios das Caldas da Rainha e Óbidos, a ESAD.CR, as empresas locais, empreendedores e os designers.

A primeira fase do projeto terá a duração de um ano após o início a definir e irá envolver um recurso humano. O gestor cultural que irá fazer todo o levantamento e análise do território terá remunerado pelas Câmaras das Caldas da Rainha e Óbidos ao abrigo de um protocolo de parceria estabelecido entre os dois municípios e a ESAD.CR, que apoiará com a colaboração dos seus docentes.

Os custos deste projeto poderão ser obtidos através de co-financiamento comunitário.

6 - CONCLUSÕES

Este estudo aborda pela primeira vez uma perspetiva de agregação dos dois concelhos enquanto território comum, permitindo-lhe ganhar escala e um trabalho conjunto, beneficiando das sinergias existentes.

Na caracterização do meio foi-nos possível perceber que Óbidos já possui uma estratégia de autarquia definida no âmbito da economia criativa, em que procura promover a qualidade de vida num território de baixa densidade. Foram recuperadas habitações dentro da vila que serão transformados em residência e espaço de trabalho de jovens com profissões ligadas à área criativa e, ao nível da educação foi criado o projeto “Escolas d’Óbidos”, onde existem, por exemplo, os ateliers criativos, inspirados nos existentes na cidade italiana de Reggio Emilia, da qual este município é parceiro.

Voluntários, reformados e desempregados são desafiados a participar em processos como o design colaborativo ou de co-working, através da interação dos profissionais e da possibilidade de colocação de novos produtos no mercado, ou de partilhas de ideias com a finalidade de adquirirem “ferramentas” que lhes permitam recomeçar a sua vida profissional.

Empreendimentos como o Bom Sucesso Design Resort, que utiliza a arquitetura contemporânea integrada na vegetação, O Royal Óbidos, cujo hotel será decorado pelo designer Philippe Starck, e o Rio do Prado, assente na criatividade e sustentabilidade, são apenas alguns exemplos do que está a ser feito naquele território. Também na agricultura está a haver numa aposta progressiva na agricultura biológica e de baixo carbono, com a autarquia a incentivar financeiramente o seu arranque. Ao nível da sustentabilidade ambiental a meta é alcançar 40% das reduções de dióxido de carbono, com a implementação de diversas medidas nesse sentido.

Nas Caldas da Rainha a autarquia não tem feito uma aposta assumida nesta área, havendo apenas alguns apontamentos ou iniciativas pontuais. A ligação à criatividade e inovação parte dos privados, nomeadamente do empreendedor e designer de Ambientes, Nicola Henriques, que concebeu o Silos CR (Contentor Criativo), numa antiga fábrica de farinha e moagem de cereais, fixando na cidade massa crítica, especialmente os recursos humanos qualificados provenientes da ESAD.CR.

A escola de artes caldense assume um papel essencial nesta estratégia de valorização do território através do design, aliado à criatividade e inovação, pois é quem tem o conhecimento e de onde saem os profissionais, e massa crítica. De acordo com o sub-director da ESAD.CR, Rodrigo Silva, as profissões criativas são precisas para a transformação cultural e de paisagem a operar no território após identificado o desígnio estratégico para a região. Essa estratégia, tal como sugerimos no projeto, deverá passar por uma clara aposta no design, ligado à gastronomia, agricultura biológica e paisagem, no sentido da sua recuperação e preservação, mas também de fruição do tempo e do espaço.

Parece-nos que a Lagoa de Óbidos, que fica situada entre os dois concelhos pode ter um papel importante, sendo o “berço” para a sua concretização. Tal como aconteceu em Granville (Vancouver), a envolvente da Lagoa de Óbidos pode ser dinamizada, com a criação de algumas infraestruturas de baixo impacto ambiental, eventos, ações e produtos que, além de permitir regenerar aquele local, também irá permitir criar emprego, produzir riqueza e incentivar a produção cultural.

Como defende Manzini, “é cada vez mais evidente a necessidade de mudança de estilos de vida e dos modelos produtivos para reduzir o impacto ambiental. No entanto, não é tão evidente que esta mudança deva ser do tipo radical e sistémico. É necessário uma transformação não só na esfera tecnológica mas, sobretudo, na esfera social – nos comportamentos, nos hábitos e modos de viver. Devemos aprender a viver melhor, consumindo menos e regenerando o tecido social”. (Manzini & Meroni, Design e território - Valorização de identidade e produtos locais)

Esta região tem muitas potencialidades para se poder distinguir, mas falta-lhe o “cimento” que una os concelhos numa estratégia comum de desenvolvimento e de competitividade entre territórios, com o objetivo de, também, trazer pessoas e investimento. Acreditamos, pelo que ficou demonstrado, que esse fator de valor acrescentado poderá ser o design.

7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aalto University. (2011). *Living +*. Obtido em 23 de Janeiro de 2013, de Aalto University: <http://living.aalto.fi/en/>

Albuquerque, L. A. (Janeiro de 2013). *A Cidades e criatividade II – as políticas públicas municipais de cultura: os valores, as prioridades e as metodologias de intervenção*. Obtido em 10 de Fevereiro de 2013, de web site de Luisa Arroz: <http://luisaarroz.wix.com/luisa-arroz#!publicaes/coj7>

Belanciano, V. (2008). Richard Florida O guru do conceito das cidades criativas. *Público* .

Bom Sucesso | Design Resort, Leisure, Golf. (2008). *Sobre o resort*. Obtido em 17 de Janeiro de 2013, de Bom Sucesso: <http://www.bomsucesso.com.pt/portugal-golf-resort>

Campos, L. (2012). Em Helsínquia, design é para todos. *Público* , 26-27.

CENCAL. (1985-2012). *Cencal*. Obtido em 25 de Janeiro de 2013, de Cencal: <http://www.cencal.pt/article/historia.html>

CMCR. (s.d.). *Ambiente e Clima*. Obtido em 10 de Janeiro de 2013, de CMCR: http://www.cm-caldas-rainha.pt/portal/page/portal/PORTAL_MCR/MUNICIPIO/INFORMACAO_CONCELHO/AMBIENTE_CLIMA

CMCR. (s.d.). *Revisão do PDM*. Obtido em 6 de Janeiro de 2013, de Câmara Municipal das Caldas da Rainha: http://www.cm-caldas-rainha.pt/portal/page/portal/PORTAL_MCR/ACTIVIDADE_MUNICIPAL/PLANEAMENTO_URBANISMO/REVISAO_PDM/PARTICIPACAO_PUBLICA/Pres_ESAD.pdf

- CMCR; CMO; PATO. (2005). *Área de Paisagem Protegida de Âmbito Regional da Lagoa de Óbidos*. Caldas da Rainha.
- Coelho, A. L. (4 de Fevereiro de 2009). *Por debaixo do chocolate, as ideias*. Obtido em 10 de Janeiro de 2013, de Publico: <http://ippsilon.publico.pt/artes/texto.aspx?id=222504>
- Coelho, A. P. (13 de Janeiro de 2009). *Os animais gigantes de Bordalo lutam pela vida*. Obtido em 22 de Janeiro de 2013, de Publico: <http://ippsilon.publico.pt/artes/texto.aspx?id=220600>
- Comissão Europeia. (27 de Abril de 2010). *Livro Verde para as Industrias Criativas*. Obtido em Novembro de 2011, de web site da Comissão Europeia: http://ec.europa.eu/culture/our-policy-development/doc/GreenPaper_creative_industries_pt.pdf
- ESAD.CR. (2006). *Apresentação*. Obtido em 25 de Janeiro de 2013, de Escola Superior de Artes e Design de Caldas da Rainha: <http://www.esad.ipleiria.pt/index.php?id=2>
- ESAD.CR. (2006). *Apresentação*. Obtido em 5 de Fevereiro de 2013, de Escola Superior de Artes e Design de Caldas da Rainha: <http://www.esad.ipleiria.pt/index.php?id=27>
- Escolas d'Óbidos. (2011/2012). *Escolas d'Óbidos*. Obtido em 12 de Janeiro de 2013, de Escolas d'Óbidos: http://www.escolasdobidos.com/index.php?option=com_content&view=article&id=109&Itemid=72
- European Commission. (Fevereiro de 2011). *Innovation Pie*. Obtido em 20 de Janeiro de 2013, de proinno-europe: http://www.proinno-europe.eu/sites/default/files/page/11/02/InnovationPie_04_02-02-2011-b.pdf
- Faria, T. (2009). *Óbidos e a Formação de um hub criativo*. Obtido em 17 de Agosto de 2012, de Infoeuropa Biblioteca: <http://ftp.infoeuropa.euroid.pt/database/000043001-000044000/000043135.pdf>
- Ferreira, F. (2012). *Empresários e Criativos juntam-se para atrair mais turismo a Óbidos. Gazeta das Caldas*.
- Florida, R. (2002). *The Rise of the Creative Class*. New York: Basic Books.
- GEOTA. (s.d.). *Centro Ecológico Educativo*. Obtido em 10 de Janeiro de 2013, de GEOTA: <http://www.geota.pt/scid/geotaWebPage/defaultCategoryViewOne.asp?categoryId=743>
- Graz - Unesco City of Design. (s.d.). *Unesco Cities of Design*. Obtido em 22 de Janeiro de 2013, de Graz - Unesco City of Design: <http://www.graz-cityofdesign.at/en/graz-design/unesco-cities-of-design>
- Henriques, N. (28 de Dezembro de 2012). *Silos*. (F. Ferreira, Entrevistador)
- Hollanders, H., & Cruysen, A. v. (2009). *Design, Creativity and Innovation: A Scoreboard Approach*. Maastricht.
- IUCN. (1980). *World Conservation Strategy*. Obtido em 7 de Janeiro de 2013, de web site da iucn: <http://data.iucn.org/dbtw-wpd/edocs/WCS-004.pdf>
- Keane-Cowell, S. (s.d.). *Kortrijk Remembered: in conversation with Interieur co-founder Pol Descamps*. Obtido em 5 de Janeiro de 2013, de Architonic: <http://www.architonic.com/ntsht/kortrijk-remembered-in-conversation-with-interieur-co-founder-pol-descamps/7000626>
- Krusse, T. (5 de Junho de 2012). *D-Hotel*. Obtido em 17 de Janeiro de 2013, de Design Magazine: <http://revistadesignmagazine.com/d-hotel/>

- Krusse, T. (11 de Dezembro de 2012). *Entrevista a Lowie Vermeersch*. Obtido em 17 de Janeiro de 2013, de Design Magazine: <http://revistadesignmagazine.com/entrevista-a-lowie-vermeersch/>
- Landry, C. (2000). *The Creative City*. UK: Earthscan.
- Landry, C., & Bianchini, F. (1995). *The Creative City*. Obtido em 12 de Setembro de 2012, de Demos: <http://www.demos.co.uk/files/thecreativecity.pdf?1240939425>
- Lopes, N. L. (2000). Os anos 80/90. In C. P. Design, *O Tempo do Design*.
- Manzini, E. (1999). *Design as strategic activity*. Obtido em Outubro de 2012, de Experimenta Design: <http://www.experimentadesign.pt/1999/p/c/txt/eziomanzini.html>
- Manzini, E. (2008). *Design para a Inovação Social e Sustentabilidade*. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais Lda.
- Manzini, E. (1992). *Limits and Possibilities of EcoDesign; From the "ecological re-design" of products to the suggestion of "new environmental scenarios"*. Obtido em Novembro de 2012, de <http://www.changedesign.org/Resources/Manzini/Manuscripts.htm#Top>: <http://www.changedesign.org>
- Manzini, E. (1992). *Towards a New Ecology of the Artificial Environment; Design within the limits of possibilities and the possibilities of limits*. Obtido em Novembro de 2012, de <http://www.changedesign.org/Resources/Manzini/Manuscripts.htm#Top>: <http://www.changedesign.org>
- Martins, J. P. (2000). Anos 30-40. In C. P. Design, *O Tempo do Design*.
- Mateus, A. (2010). *O Sector Cultural e Criativo em Portugal*. Lisboa: Ministério da Cultura.
- Mateus, A. (2010). *O Sector Cultural e Criativo em Portugal*. Lisboa.
- O Bichinho de Conto. (2011). *Livraria Histórias com Bicho*. Obtido em 10 de Janeiro de 2013, de O Bichinho de Conto: <http://www.obichinhodeconto.pt/?/livraria/livraria>
- Oeste CIM. (s.d.). *Acessibilidades, Mobilidade e Transporte*. Obtido em 7 de Janeiro de 2013, de Oeste CIM: <http://www.oestecim.pt/custompages/showpage.aspx?pageid=b61fcb87-1379-4378-b74d-631825196da8&m=b82>
- OkeSítio. (2011). *Glamping in a vintage caravan*. Obtido em 11 de Janeiro de 2013, de OkeSítio - ver sem mexer!: <http://okesitio.blogspot.pt/>
- Parque Tecnológico de Óbidos. (2009). *PTO*. Obtido em 11 de Janeiro de 2013, de PTO: <http://www.pt-obidos.com/?cat=5>
- Património Histórico. (s.d.). *Apresentação*. Obtido em 25 de Janeiro de 2013, de PH Património Histórico: <http://www.ph-caldas.org/ph/present.php>
- Plural. (2011). *Plano de Pormenor da Estrada Atlântica - Volume I Caracterização e Diagnóstico*. Carcavelos.
- Porter, M. (Novembro/Dezembro de 1998). *Clusters and the new economics of competition*. Obtido em 20 de Janeiro de 2013, de Harvard Business Review.
- Porter, M. E. (Novembro, Dezembro de 1998). *Clusters and the New Economics of Competition*. *Harvard Business Review*.
- Ribeiro, A. P. (19 de Março de 2009). *Os Mitos das Indústrias Criativas*. Obtido em Novembro de 2011, de web site de António Pinto Ribeiro: <http://www.antoniopintoribeiro.com/cms/?os-mitos-das-ind%FAstrias-criativas,47>

Rio do Prado. (2012). *Turismo Criativo e Sustentável*. Obtido em 6 de Janeiro de 2013, de Rio do Prado: <http://riodoprado.pt/sustentabilidade/>

Rotas da Cerâmica. (s.d.). *Escola Secundária Rafael Bordalo Pinheiro*. Obtido em 25 de Janeiro de 2013, de Rotas de Ceramica: <http://www.rotasdeceramica.pt/>

Rotas de Cerâmica. (s.d.). *ESAD*. Obtido em 26 de Janeiro de 2013, de Rotas de Ceramica: <http://www.rotasdeceramica.pt/>

Santos, J. S. (2011). *Projecto Urbano da Praça da Criatividade*. Lisboa.

Santos, R. A. (2000). Anos 20. In C. P. Design, *O Tempo do Design*.

Santos, R. A. (2000). O Design e a Decoração em Portugal nos Anos 20. In C. P. Design, *O Tempo do Design*.

Santos, R. A. (1999). Percursos do Design em Portugal. In Y. Brunhammer, C. Morozzi, & C. Francisco, *Museu do Design:luxo, pop & cool, de 1937 até hoje*. Museu de Arte Moderna.

Serra, J. B. (2007). *Cencal, 25 anos: uma instituição inovadora*. Obtido em 22 de Janeiro de 2013, de Cidade Imaginária: <http://www.cidadeimaginaria.org/cer/Cencal.pdf>

Serra, J. B. (Março de 2000). *Elementos do processo de criação da Escola de Arte e Design das Caldas da Rainha*. Obtido em 5 de Janeiro de 2012, de web site de Cidade Imaginária: <http://www.cidadeimaginaria.org>

Serra, J. B. (2003). *Ogiva, Galeria em Óbidos, 1970-1974*. Obtido em 11 de Janeiro de 2013, de Cidade Imaginária: <http://www.cidadeimaginaria.org/bn/GaleriaOgiva.pdf>

Serra, J. B. (s.d.). *Rafael Bordalo Pinheiro e a Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha*. Obtido em 22 de Janeiro de 2013, de CITI: http://www.citi.pt/cultura/artes_plasticas/caricatura/bordalo_pinheiro/fabric.html

Silos. (s.d.). *Silos*. Obtido em 10 de Janeiro de 2013, de Silos - Cotentor Criativo: <http://www.siloscr.com/>

Silva, J. M. (2005). *Design com Dimensão - 40 anos de design em Portugal*. Edições ASA.

Souto, M. H. (2000). 100 Anos de Design Português. In C. P. Design, *O Tempo do Design*.

Tostões, A., & Martins, j. P. (2000). 1960-1974. In C. P. Design, *O Tempo do Design*.

União Europeia. (24 de Dezembro de 2008). *Jornal Oficial da União Europeia*. Obtido em 7 de Janeiro de 2013, de web site da União Europeia: <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=OJ:L:2008:348:0115:0117:PT:PDF>

Urbact. (2011). *Creative Footprint*. Obtido em 10 de Janeiro de 2013, de urbact: http://urbact.eu/fileadmin/Projects/Creative_Clusters/documents_media/LAP_Final_%C3%93bid os_01.pdf

WCED. (4 de Agosto de 1987). *Our Common Future*. Obtido em 7 de Janeiro de 2013, de United Nations: <http://ambiente.files.wordpress.com/2011/03/brundtland-report-our-common-future.pdf>

WDC Helsinki2012. (s.d.). *World Design Capital*. Obtido em 5 de Junho de 2012, de wdchelsinki2012: <http://wdchelsinki2012.fi/en>